



O *Guia das Bruxas sobre Fantasma e o Sobrenatural* não apenas narra as fascinantes experiências pessoais da autora com casas assombradas e encontros com fantasmas, mas também fornece autênticos feitiços, rituais e encantamentos, e apresenta ervas e óleos usados por bruxas para conjurar, banir e se proteger contra os espíritos dos mortos. Tudo isso sob uma perspectiva pagã (Wicca), em que o contato com seres sobrenaturais pode ser muito proveitoso. Com a ajuda deste livro, você aprenderá como se comunicar com espíritos, como reconhecer e interpretar mensagens do além, que aparecem em sonhos; saberá como investigar um lugar assombrado como um caçador de fantasmas profissional, e muito mais. São também revelados os obscuros segredos da antiga necromancia e a infame arte oculta da divinação pelos mortos. Os domínios sobrenaturais dos vampiros, lobisomens e metamorfos são examinados de uma perspectiva histórica. Os métodos mágicos que costumavam ser usados por bruxos e não-bruxos para se protegerem contra criaturas sobrenaturais são abordados em detalhes. Gerina Dunwich já viu e se comunicou com uma série de fantasmas, tendo vivido em várias casas assombradas, como uma casa colonial de 300 anos em Massachusetts e uma mansão vitoriana no Estado de Nova York, a qual, segundo a lenda, já pertencera a uma Bruxa. Você está convidado a explorar os perigos associados com a obsessão e a possessão e contemplar o mundo do espiritualismo de seus primórdios na Inglaterra vitoriana até o presente.



COM BRUXAS SOBRE BRUXAS E SOBRENATURAL

Guia das Bruxas

sobre Fantasma e o Sobrenatural



Gerina Dunwich



Médium espiritualista e sacerdotisa da Antiga Religião, Gerina Dunwich desenvolveu um grande interesse por fantasmas e o sobrenatural quando ainda era uma criança e percebeu que fantasmas pareciam naturalmente, atraídos por ela.

Gerina Dunwich é uma bruxa praticante, ministra ordenada (Igreja da Vida Universal) e respeitada porta-voz da comunidade pagã. Ela se considera uma eterna estudante das artes ocultas. É autora de diversos livros sobre as artes da preparação e lançamento de feitiços e sobre a religião da Wicca. Seus títulos mais populares incluem *Herbal Magick*, *Exploring Spellcraft*, *The Wicca Spellbook*, *Wicca Craft*, *The Pagan Book of Halloween*, *Wicca Candle Magick*, *Everyday Wicca*, *Candlelight Spells*, *Wicca Love Spells* e *Your Magickal Cat*.
Nascida sob o signo de Capricórnio com



GERINA DUNWICH

GUIA DAS BRUXAS

SOBRE FANTASMAS E O SOBRENATURAL

Tradutor:

FABIO ASSUNÇÃO LOMBARDI REZENDE



MADRAS

Traduzido do inglês sob o título *A Witch's Guide to Ghosts and the Supernatural*.
Original English language edition published by Carrer Press, 3 Tice Road.,
Franklin Lakes, NJ 07417 USA.

© 2002, Gerina Dunwich
Tradução autorizada do Inglês.
Direitos de edição para todos os países de língua portuguesa.

© 2003, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Tradução:
Fábio Assunção Lombardi Rezende

Revisão:
Alessandra Miranda de Sá
Edna Luna
Horácio Menegat

Tiragem:
3 mil exemplares

ISBN: 85-7374-661-0

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana
02403-020 — São Paulo — SP
Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP
Tel.: (0_ _11) 6959.1127 — Fax: (0_ _11) 6959.3090
www.madras.com.br



Dedicatória e Agradecimentos

Com amor e gratidão dedico este livro à minha mãe, que foi a primeira a contar-me uma estória de fantasmas quando era criança; para o Al, por me ajudar com a pesquisa para este livro; e para meu primo Dave, que estava ao meu lado quando lancei meu primeiro feitiço e participei de minha primeira sessão.

Também gostaria de agradecer a todos que ajudaram a tornar este livro possível, especialmente a Stephany (por ser a melhor agente do mundo); Nicole DeFelice, minha editora na New Page Books; Tamara Thorne; Sirona Knight; Karri Ann Allrich; Lee Prosser; Jeffrey Parish e Tim Braun.

Índice

Prefácio	11
Introdução	17
Capítulo 1:	
Fantasmas e Ectoplasmas	21
Para Compreender Fantasmas e Espíritos	21
Fantasmas <i>versus</i> Espíritos	22
Fenômenos de Poltergeist	23
Pontos Frios e Portais Espirituais	24
Sonhar com um Fantasma	25
Comunicação com Espíritos por meio de Sonhos	28
Fantasmas de Quatro Patas	29
Fantasmas de Natureza Maligna	30
Há Algo a Temer?	31
Como se Livrar de um Espírito Indesejada	31
Samahain: Noite dos Mortos	33
O Banquete dos Fantasmas Famintos	34
A Dança dos Fantasmas	35
Aparições de Crise e <i>Doppelgangers</i>	37
Busca por Fantasmas (como Conduzir Adequadamente uma Caça a Fantasmas)	38
Entrevista com um Médium Espiritual	41
Outros Nomes para Fantasmas	44
Capítulo 2:	
Histórias Reais de Fantasmas e Assombrações	45
O Espírito de Sunnybrae	45
A Propriedade Moses Day	53
A Assombração da Mansão Dunwich	55

Coisas que Fazem Barulho à Noite	65
A Dama de Branco	68
A Casa em San Bernardino	70
A Casa em Tujungá	71
A Sessão na Festa do Pijama	73

Capítulo 3:

Espiritualismo	75
Os Primórdios do Espiritualismo	75
Comunicação com Espíritos pelo Tabuleiro Ouija	76
Medidas de precaução	79
Sessões Espíritas e como Conduzi-las	80

Capítulo 4:

As Artes Necromânticas	85
Entrevista com um Necromante	88

Capítulo 5:

Possessão, Obsessão e Exorcismo	93
Possessão e Canalização Espiritual	95
Obsessão	96
Exorcismo de um Poltergeist	97
<i>Possessão Diabólica e Démoniaca</i>	97
O "Rituale Romanum"	98

Capítulo 6:

Feitiços e Feitiçaria	101
Evocação de Espírito	101
Invocação de Espíritos	102
Feitiço que Possibilita o Contato com um Espírito	102
Ritual dos Espíritos	103
Óleos Mágicos para Conjurar e Banir Espíritos	104
Feitiços para Proteger seu Lar de Espíritos Malignos	105
Simpatia para Manter Espíritos Malignos Afastados	106
Bolsa da Sorte para Proteção Durante o Sono	106
Amuletos para Proteção Contra Espíritos Malignos	107
Pedras Espirituais	107
Magia Arbórea	108
Magia Espiritual Cigana	108
Encantando uma Vela de Necromante	109
Incenso de Invocação e Banimento de Espíritos	110

Capítulo 7:

Ervas Associadas a Fantasmas	113
------------------------------------	-----

Flor fantasma	113
Outras Plantas Fantasmas	114
O Jardim de Espíritos	114
Ervas para Conjurar e Banir Espíritos	115
Erva-de-são-joão	115

Capítulo 8:

Superstições sobre Fantasmas	117
------------------------------------	-----

Capítulo 9:

Criaturas da Noite	123
Vampiros	123
O Saber dos Ciganos sobre Vampiros	126
Como Tornar-se um Vampiro	126
Métodos para Afastar e Destruir Vampiros	127
Conde Drácula	129
Vampiros Psíquicos	130
Feitiço para Deixar Vampiros Psíquicos Impotentes	131
Quando o Acônito Floresce	132
Origem da Lenda do Lobsomem	133
Para Tornar-se um Lobsomem	134
Magia Metamórfica	135
O Saber dos Lobsomens	136
Identificação de um Lobisomem	136
Métodos para Manter Lobisomens Afastados	137

Capítulo 10:

Divindades da Morte e do Submundo	139
Fontes	147
Websites Adicionais	156
Glossário	157
Bibliografia	167
Leitura Recomendada	169
Índice Remissivo	171

Prefácio

“Sejam mal-comportados ou benevolentes, espirituais ou quase materiais, familiares ou desconhecidos, os fantasmas são universais; eles assombram virtualmente todas as culturas, orientais e ocidentais”
Jack Sullivan, *The Penguin Encyclopedia of Horror and the Supernatural*.

Fantasmas e o sobrenatural têm sido parte de minha existência desde que posso me lembrar. Minha atração por fantasmas se desenvolveu cedo e um vidente me disse, certa vez, que eu nascera com algo fora do comum em minha aura que os atraía. Sem dúvida, algumas pessoas — especialmente as do tipo que têm medo de fantasmas — podem encarar isso como uma maldição. Entretanto, sempre considerei como um presente dos deuses. Quando criança, sentia intensa atração pelo mundo do oculto e era muito fascinada por histórias de fantasmas (especialmente as que se enquadravam na categoria de não-ficção), lugares assombrados, comunicação com os mortos e as antigas lendas sobre vampiros e lobisomens.

Particpei de minha primeira sessão espírita no final dos anos sessenta com meus primos Carol e David, além de algumas garotas adolescentes que viviam pela vizinhança. Ela foi realizada na varanda em forma de meia-lua com pilastras da velha casa de minha avó Rose, na cidade de Riverside em Illinois, e o espírito invocado naquela noite de verão não foi outro senão o presidente americano assassinado Abraham Lincoln. Ainda posso me lembrar do surto de adrenalina que percorreu meu corpo quando eu, como todos que participaram da sessão, testemunhei a figura de um homem alto, vestido de preto, surgir de repente no meio da rua e começar a andar na direção da casa. Estranhamente, ele dava alguns passos, desaparecia e então reaparecia uns três metros à frente de onde estava. Ele continuou andando, desaparecendo e reaparecendo dessa forma estranha, até chegar ao fim da rua e sair de nosso campo de visão.

Eu também sabia intuitivamente desde muito nova que a casa de minha avó era habitada pelo espírito de meu falecido avô, que sucumbira ao câncer muitos anos antes de eu ter nascido. Sem saber o porquê, sempre tive medo

Nota do Editor: Nesta obra, você encontrará a grafia “mágicko(a)”. Esta é uma alusão à Magia restituída de sua grandeza por Aleister Crowley, ou seja, ligada à Alta Magia. Isto é para diferenciar da mágica usada em atos circenses, por exemplo.

de ficar sozinha em um certo quarto localizado no topo das escadas, à esquerda. Sentia que lá havia uma energia muito estranha; ele sempre me dava a incômoda impressão de que havia algo lá me observando, mesmo quando não havia ninguém no quarto comigo. Só fiquei sabendo muitos anos depois que o aposento vazio que tanto me amedrontara quando criança, era, na verdade, o quarto onde meu avô morrera, deitado em sua cama.

Meu interesse e meus encontros com fantasmas e o sobrenatural continuaram em minha vida adulta. Durante minhas viagens, certa vez, fiquei hospedada por uma noite em um hotel assombrado perto da cidade de Buffalo, no Estado de Nova York, onde as gavetas da cômoda e do armário ficavam abrindo sozinhas; toda vez que eu as fechava e voltava para a cama, acordava mais tarde só para encontrá-las todas abertas novamente. Em uma noite de *Halloween*, mais de uma década depois, estava assistindo a um interessante programa de televisão sobre vários hotéis assombrados por todos os Estados Unidos e descobri que o hotel onde ficara perto de Buffalo tinha uma fama local de ser assolado por fantasmas. O documentário na televisão mencionou que em um dos quartos do hotel, onde um hóspede morrera ou fora assassinado (não me lembro qual), diversas testemunhas afirmaram ter visto as portas do armário e as gavetas da cômoda abrirem-se sozinhas à noite!

Em outra de minhas viagens para a Costa Leste dos Estados Unidos, passei uma noite em um hotel centenário histórico em Portland, no Maine. Um pouco depois da meia-noite, fui acordada por um leve tilintar de sininhos. Na manhã seguinte, descobri dois pequenos sinos de cobre sobre a mesa ao lado da cama. (Os sinos não estavam lá quando fora dormir na noite anterior.) Após examiná-los atentamente e descobrir alguns números gravados na parte de dentro, embrulhei-os em um lenço e os coloquei em minha bolsa. Entretanto, quando fui pegá-los para mostrar a alguém, descobri que eles misteriosamente desapareceram.

Na primavera de 1984, pouco depois de me mudar para a comunidade da Nova Inglaterra de Beverly, Massachusetts (ao norte de Boston), meu companheiro e eu nos dirigimos à cidade histórica de Salem, próxima de lá, para dar uma olhada nas atrações locais; entre elas, uma loja de artigos de ocultismo que cobrava muito caro, cuidada por jovens muito anti-sociais, o Museu do Calabouço de Bruxas de Salem (Salem Witch Dungeon Museum), o qual, em minha modesta opinião, ninguém que esteja visitando Salem deve deixar de fora de seu itinerário! Para Al e para mim, entretanto, o ponto alto da excursão daquele dia foi sem dúvida o passeio com guia que fizemos pela Casa das Setes Torres (House of Seven Gables).

Construída no ano de 1668 (24 anos antes dos famosos julgamentos e enforcamentos sobre bruxaria que ocorreram na Vila de Salem no ano de 1692), a Casa das Sete Torres é conhecida como a mais antiga mansão de madeira ainda de pé em toda a Nova Inglaterra. É também a casa que inspirou o autor Nathaniel Hawthorne a escrever sua lendária obra de mesmo nome.

Ao pôr os pés na casa para nosso passeio, não pude deixar de me sentir arrebatada por uma estranha e intensa vibração paranormal que só posso descrever, na falta de nome melhor, como *energia fantasmagórica*. Conforme o guia nos levava de cômodo em cômodo e até mesmo por uma estreita escada secreta, notei que essa energia fantasmagórica parecia oscilar, ficando mais forte em algumas partes da casa e não tão forte em outras, embora sempre presente. Mas foi no sótão que eu a senti mais intensa. Olhei em volta para os outros do grupo e me perguntei se algum deles a podia sentir também. Entretanto, julgando por suas expressões faciais e linguagem corporal, eles pareciam totalmente alheios a ela.

Após distrair o grupo com algumas histórias interessantes, como a maneira como o leite de vaca era usado para fazer tinta no século XVII, nosso guia nos levou do sótão para outra parte da casa. Mas eu sentia uma vontade irresistível de voltar para lá. Quando não havia ninguém olhando, Al e eu nos afastamos do grupo e escapulimos de volta para o sótão para darmos outra olhada. Não mais que dez ou quinze segundos se passaram antes que testemunhássemos uma pequena cadeira de balanço, de madeira, no canto mais afastado, começar a balançar para a frente e para trás rapidamente, como se alguém estivesse sentado nela. Mal podíamos acreditar no que nossos olhos viam e comecei a sentir-me extremamente tonta, sem perceber na hora que algo no cômodo estava tentando se alimentar de minha energia. Enquanto ficava na soleira da porta, prestando atenção, Al foi até a cadeira e a examinou cuidadosamente para ver se ela fora preparada com fios ou arames. Não havia nada. Juntamo-nos novamente ao grupo e não mencionamos nada sobre nossa bizarra experiência a ninguém. E não foi surpresa que quanto mais nos afastamos do sótão, menos tonta me sentia. Quando o passeio da mansão histórica finalmente acabou, Al e eu saímos sabendo que nossa experiência na Casa das Sete Torres seria algo de que nos lembrariamos para o resto de nossas vidas.

Em janeiro do ano seguinte, Al e eu nos mudamos para um apartamento em Ipswich, Massachusetts, e nele moramos por seis meses antes de voltarmos para a Costa Oeste. Foi nessa época que Al arranhou um emprego noturno de meio-período, limpando o interior de uma companhia de serviço público. Em mais de uma ocasião, ele me contou ter escutado sons estranhos e sentido não estar sozinho enquanto trabalhava no prédio sem mais ninguém. Intrigada (como normalmente fico quando o assunto é o sobrenatural), decidi acompanhá-lo ao trabalho certa noite.

Chegamos por volta das dez horas da noite e, enquanto Al estava ocupado, pegando seu material de limpeza em um depósito nos fundos, vaguei pelo prédio, o que acabou me levando até o escritório principal. Ao abrir a porta, fui surpreendida pela visão de um homem de idade, vestido dos pés à cabeça com trajes negros que lembravam estilos de vestimenta de um século passado. Perguntei-lhe o que fazia ali e se ele era um funcionário da

companhia. Ele sorriu de maneira estranha para mim e me deu uma resposta ainda mais estranha. Ele me disse que morava ali.

Achando na hora que aquele cavalheiro estranho podia ser alguém mentalmente perturbado ou talvez alguém drogado ou bêbado que conseguira entrar no prédio, talvez para roubar algo ou para encontrar abrigo, educadamente pedi licença e corri para o outro lado do prédio para alertar Al. Ele e eu voltamos ao escritório principal, mas não encontramos ninguém. Então ouvimos do outro lado do *hall* o som da porta do banheiro masculino sendo aberta e depois batendo. Supondo que o homem que eu vira e com quem conversara no escritório principal fora para o banheiro, Al bateu na porta e perguntou se ele estava bem, mas não obteve resposta. Em seguida ele tentou abrir a porta, mas lhe pareceu como se alguém estivesse do outro lado, segurando a porta para evitar que ele a abrisse mais que uma polegada ou duas. Eu estava começando a achar que o senhor de idade desmaiara no banheiro e que seu corpo estava bloqueando a porta.

Após várias tentativas, Al conseguiu de repente empurrar a porta sem o menor esforço, mas quando ele e eu entramos no banheiro nos surpreendemos ao ver que não havia ninguém lá! Sem janelas ou outra forma de sair do banheiro, não havia como o homem ter saído, a não ser, é claro, que tenha simplesmente desaparecido em pleno ar, que é a forma que fantasmas normalmente utilizam para deixar o recinto.

Essa não seria nossa última experiência paranormal na companhia de serviço público. Em uma outra noite, Al e eu recebemos uma chuva de cliques que se materializaram do nada conforme caminhávamos pelo corredor, e houve também uma ocasião em que encontrei uma folha de papel em uma máquina de escrever em uma das salas nos fundos. Nela fora datilografado algum tipo estranho de verso que parecia ter sido retirado de uma passagem da Bíblia. Senti um impulso de levar o papel com sua mensagem em código comigo para casa, por isso retirei-o da máquina de escrever, dobrei-o duas vezes e coloquei-o em minha bolsa, por segurança. Mais tarde, naquela noite, quando chegamos em nosso apartamento, imediatamente peguei a página de minha bolsa e desdobrei-a, apenas para descobrir que as palavras nela datilografadas não estavam mais lá!

Embora eu seja a primeira a admitir que alguns de meus encontros com o sobrenatural podem soar incríveis, posso assegurar, palavra de Bruxa, que cada um deles é a mais perfeita verdade e que os reproduzi da minha memória com a maior exatidão possível (entretanto, para proteger a privacidade de outras pessoas, deliberadamente deixei de fora seus endereços e sobrenomes em muitas ocasiões).

Minhas experiências paranormais foram numerosas e tive a grande sorte de viver em muitas casas assombradas em diversas partes dos Estados Unidos. Entre elas, uma casa de fazenda dos anos cinqüenta no sul da Califórnia, uma casa colonial de trezentos anos em Massachusetts, conhecida como Propriedade Moses Day, e uma velha mansão vitoriana em uma

cidadezinha do interior do Estado de Nova York. O interesse que me acompanhou por toda a vida e minhas experiências com os espíritos dos mortos eventualmente me levaram a envolver-me com canalização de espíritos, pesquisa sobre fantasmas, investigação de casas assombradas e a redação deste livro.

“O sobrenatural está sempre conosco. Apesar de nossa tendência a rir deles neste mundo moderno, mistérios inexplicáveis acontecem o tempo todo”. — Susy Smith, *A Supernatural Primer for the Millions*.

Introdução

Fantasmas e o sobrenatural têm intrigado e aterrorizado a humanidade desde o princípio dos tempos. Algumas pessoas simplesmente consideram ambos como nada mais que meras superstições ou o produto de imaginações hiperativas. Entretanto, qualquer um que tenha testemunhado uma manifestação fantasmagórica ou fenômenos sobrenaturais inexplicáveis em primeira mão pensa diferente.

Pergunte a qualquer um que não acredite na existência de fantasmas e espíritos se já encontrou um e muito provavelmente dirá que não e nem que espera encontrar. Isso não quer dizer que aqueles que acreditam podem vê-los. Enquanto algumas pessoas que se encontraram com um fantasma ou espírito tenham sempre tido uma mente aberta para a existência de tais coisas, muitos eram de fato céticos e descrentes até seus próprios encontros os tornarem crédulos.

Os céticos podem argumentar que fantasmas existem somente na mente das pessoas e, embora concorde completamente que algumas manifestações fantasmagóricas são simplesmente o resultado de imaginações hiperativas, é preciso enfatizar que não é sempre esse o caso! Algumas vezes o ranger nas escadas não é resultado do assentamento natural de uma casa, e nem sempre aquela sombra passageira na parede uma ilusão, nem aquele gemido tétrico vindo do sótão escuro meramente o barulho do vento. Algumas vezes as coisas que fazem barulhos no escuro são, realmente, parte de fenômenos intrigantes e inexplicáveis que conhecemos simplesmente como fantasmas e assombrações.

Espíritos podem aparecer para qualquer um a qualquer momento e praticamente em qualquer lugar, assustando até pessoas que nunca pensaram que tais coisas pudessem acontecer de verdade, e transformando em crentes de carteirinha muitos incrédulos.

Se a morte de um indivíduo foi súbita e inesperada, não é absolutamente incomum que o espírito permaneça no local onde a morte ocorreu ou próximo a ele. Eles ficam freqüentemente confusos e não percebem, ou

não querem aceitar o fato de que não estão mais vivos. Eles tipicamente se prendem ao local e tentam fazer contato com qualquer um ou com todas as pessoas sensíveis a espíritos que passem pelo local. Esses tipos de espíritos são essencialmente inofensivos e freqüentemente precisam de nossa ajuda para conseguirem encontrar a paz. Podem ser achados em praticamente qualquer local que tenha sido o cenário de uma morte trágica, incluindo assassinatos e acidentes.

Eu sei que fantasmas e espíritos são reais porque os tenho visto e me comunicado com muitos desde a infância e conheço muitas pessoas que fazem a mesma coisa. Algumas dessas pessoas são amigos e familiares e outros são indivíduos que conheci ao longo dos anos em minhas viagens. Cada fantasma e cada assombração é diferente, mas todos têm um fator em comum: eles provam que a morte não é necessariamente o fim de tudo.

“Pesquisas de opinião pública indicam que aproximadamente 25% dos americanos acreditam que fantasmas podem realmente assombrar uma casa, e uns 67% acreditam em vida após a morte.” — Patrícia D. Netzley. *Haunted Houses*.

No *The Ghostly Register*, o autor Arthur Meyers diz: “Estudantes do espiritual acreditam que quando morremos, cada um de nós abandona o corpo material, mas mantém outro corpo, similar, embora vibrando em freqüências diferentes.” No momento da morte, o curso natural é deixar o plano físico e entrar em um reino espiritual mais elevado. Entretanto, alguns espíritos permanecem ligados à Terra por muitas razões diferentes como amor, ganância, medo de seguir adiante, apego a uma pessoa ou lugar em particular, e por aí vai.

No que se refere a aparições, existem basicamente dois tipos. O primeiro é apenas uma impressão de energia deixada em um lugar por uma pessoa que certa vez lá viveu. A pessoa não mais está lá, mas sua imagem permanece. De acordo com Meyers, “a energia remanescente [que é como ele chama esse tipo de aparição] continua cuidando de suas coisas, alheios ao nosso tempo e espaço e provavelmente de tudo mais”. O segundo tipo de aparição (que Meyers chama de *fantasmas verdadeiros*) é o espírito de uma pessoa que permanece ligado a um determinado lugar. Diferentemente do primeiro tipo — a energia remanescente — acredita-se que essas aparições estão conscientes de nosso plano físico e são capazes de interagir com os vivos. A título de esclarecimento, alguns parapsicólogos referem-se simplesmente ao primeiro tipo de aparição como *fantasmas* e ao segundo como *espíritos*.

A visão cristã típica de fantasmas é de que não são os espíritos dos mortos de forma nenhuma; na verdade, são demônios malignos enviados pelo adversário infernal de Deus, Satã, para enganar e ferir. Em um artigo *on-line* chamado “Serão os Demônios Reais?” (*Are Demons Real?* — Bible Theology Ministries, Reino Unido, junho de 1992), K. B. Napier alega que “todos os fantasmas são demônios, sem exceção”. Ele ainda vai mais além e

diz: “Fantasmas nunca são amigáveis. Sempre são malignos, mesmo quando parecem ser bons.”

Até mesmo muitos indivíduos, que não são cristãos, tendem a acreditar que fantasmas são maus, ou pelo menos capazes de causar danos físicos ou morte aos vivos, se este for seu desejo. Meu finado pai é um exemplo ideal de não-cristão que tinha medo de fantasmas. Ele era ateu, mas ainda assim acreditava na existência de fantasmas e até admitiu uma vez seu medo irracional deles.

Acredito que tais medos podem ser atribuídos, em parte ou completamente, ao medo inato da humanidade, tanto da morte como do desconhecido — dois dos domínios a que pertencem os fantasmas. Romances ficcionais e filmes de terror também ajudam a aumentar esse medo ao projetar em nossas mentes imagens de fantasmas como entidades amedrontadoras e malignas, inclinadas a atacar e aterrorizar os vivos, às vezes motivados por vingança, mas freqüentemente sem razões aparentes, como se fosse da natureza dos fantasmas serem malévolos e mal-intencionados. Mas, seja pelas razões que forem, há pessoas em todos os níveis sociais que continuam a ter muito medo de fantasmas e os vêem como algo potencialmente perigoso.

O professor Hans Holzer, um parapsicólogo renomado e autor prolífico, acredita em algo diferente. Em seu livro *Ghosts: True Encounters with the World Beyond*, ele diz que “fantasmas nunca ferem ninguém, a não ser pelo medo que havia na testemunha, de sua própria criação e fruto de sua própria ignorância sobre o que fantasmas representam”. Apesar de reconhecer que há um pequeno número de casos de fantasmas que atacam os vivos, ele acredita que “estes sejam apenas um caso de identidade trocada, em que extrema violência no momento da morte deixou um forte resíduo de memória no fantasma individual”.

No *The Field Guide to Ghosts and Other Apparitions*, os autores Hilary Evans e Patrick Huyghe levantam uma questão interessante: “Por que fantasmas não aparecem nus?”. Avistamentos de fantasmas nus são raros e a maioria das aparições é vista usando as mesmas roupas que usava quando estava viva. Isso pode fazer alguém se perguntar, então, se roupas têm contrapartes etéreas ou se as roupas usadas pelos espíritos de pessoas são meramente algum tipo de imagem projetada que usam por uma questão de pudor, para evitar ofender os vivos ou talvez para que sejam reconhecidos. Como parece ser sempre o caso, no momento em que tentamos entender os fantasmas em termos humanos, acabamos nos confrontando com absurdos.

Outra questão válida levantada por Evans e Huyghe é: “Fantasmas existem quando não há ninguém olhando para eles?”. Admite-se que essa é uma questão puramente filosófica para a qual é impossível encontrar uma resposta definitiva. Ela cai na mesma categoria de uma questão muito antiga: “Se uma árvore cai no meio de uma floresta e não há ninguém lá para

ouvir, será que ela ainda faz algum som?”. Nós naturalmente supomos que sim, apesar de não ter como saber de modo inequívoco e absoluto.

Eu, pessoalmente, sou da opinião que fantasmas definitivamente existem mesmo quando não há ninguém por perto. Eu me baseio não somente em minha intuição, mas no fato de que houve diversos casos de fantasmas cujas imagens foram capturadas em fitas de vídeo, obtidas de câmeras instaladas em cômodos ou outras áreas onde nenhum ser humano estava fisicamente presente no momento da manifestação.

CAPÍTULO I

Fantasmas e Ectoplasmas

*“Milhões de criaturas espirituais andam sobre a Terra,
invisíveis, tanto quando estamos despertos
como quando estamos adormecidos”*

John Milton, *Paradise Lost*.

Para Compreender Fantasmas e Espíritos

Apesar do que alguns indivíduos podem acreditar, nem todas as pessoas que morrem automaticamente viram fantasmas, o que explica por que médiuns e canalizadores conseguem contatar certos espíritos e não outros. Pessoalmente acredito que, após uma morte natural, o espírito da maioria das pessoas ou encontra paz eterna ao adentrar no que é conhecido como *a luz*, ou reencarnam. Entretanto, o espírito de muitos que sofrem mortes trágicas — especialmente por assassinato ou suicídio, os que não estão dispostos a aceitar sua própria morte ou que nem sequer sabem que estão mortos e os que têm importantes negócios inacabados no plano físico ou que estão fortemente apegados a uma certa pessoa, lugar ou objeto inanimado — permanecem ligados à Terra até que estejam prontos para seguir adiante. Os espíritos podem, às vezes, permanecer ligados à Terra por pouco tempo, por séculos ou por toda a eternidade.

Dependendo do espírito, o prosseguimento para o próximo plano pode se dar assim que uma certa missão é realizada, no momento em que percebem que estão mortos, após serem perdoados por algo de ruim pelo qual se sintam responsáveis ou quando alguém com habilidades mediúnicas e místicas os guia com amor para a luz.

Alguns pesquisadores de fantasmas acreditam que medo é uma das principais razões pelas quais um espírito decide permanecer ligado à Terra

em vez de atravessar para o outro lado. Medo de coisas como o desconhecido, o fim de sua própria existência, julgamento e punição por ações passadas e o Inferno pode ser forte o bastante para impedir o espírito de ir para a luz. Esses espíritos permanecem presos entre nossa dimensão e a próxima por puro medo.

Culpa é outra razão comum para que espíritos fiquem para trás. Eles sentem que, ao morrer, deixaram seus entes queridos (especialmente crianças) sozinhos, sem ninguém para cuidar deles ou com dificuldades financeiras. Os que cometem suicídio ou morrem de alguma outra forma por suas próprias ações (como uma overdose acidental de drogas ou perder um jogo mortal de roleta-russa), freqüentemente sentem muita culpa no pós-vida por terem terminado ou contribuído para o fim de suas vidas e, em alguns casos (como acidentes fatais de carro causados por uso de drogas, álcool ou direção perigosa), a morte ou graves ferimentos de outras pessoas.

Às vezes, o amor e a incapacidade ou falta de vontade de deixar uma pessoa que tenha morrido pode ser forte o bastante para manter o espírito dessa pessoa ligado à Terra. Somente quando a obsessão do vivente com o falecido é superada e ele pode finalmente aceitar a perda de seu amado é que o espírito ligado à Terra sente-se capaz de atravessar para o outro lado.

Fantasmas *versus* Espíritos

De acordo com o *Merriam — Webster's Collegiate Dictionary*, a definição de fantasma é a seguinte: “uma alma desincorporada; especialmente a alma de uma pessoa morta que se acredita ser habitante do mundo invisível ou que aparece para os vivos com a aparência de um corpo vivo”. Em inglês, a palavra *ghost* (fantasma) vem do antigo inglês *gast*; aparentado com o antigo germânico *geist*, que quer dizer *espírito*.

A palavra espírito é definida como “um ser ou essência sobrenatural; um ser freqüentemente malévolos que é incorpóreo, mas pode tornar-se visível; um ser malévolos que adentra e possui um ser humano”. Vem do latim *spiritus*, que quer dizer *fôlego* ou *respiração*.

A maior parte das pessoas por todo o mundo usa as palavras *fantasma* e *espírito* como sinônimos. Entretanto, enquanto ambas entidades sejam aparições de uma pessoa não mais vivente, existem diferenças significativas entre as duas.

Espíritos, que são geralmente vistos como “aparições que não assombram”, parecem ser conscientes do ambiente à sua volta e das pessoas ao



seu redor e que os observam. Todavia, fantasmas, vistos como “aparições que assombram”, parecem ser completamente alheios ao que se passa nos arredores e na presença dos vivos. E, diferentemente dos espíritos que freqüentemente se manifestam por uma razão específica e podem tentar se comunicar com os vivos, um fantasma normalmente assombra o mesmo lugar (na maioria dos casos, o local de sua morte), repetindo as mesmas ações sem parar, de modo parecido com uma série de imagens gravadas em uma fita de vídeo que são repetidas continuamente. Além disso, pouquíssimas pessoas que encontram um fantasma durante uma de suas assombrações relatam que a aparição tentou estabelecer comunicação com elas.

Fenômenos de *Poltergeist*

A palavra *poltergeist* vem do alemão *Polter*, *barulho*, *alvoroço*, *baderna*, e *Geist*, *fantasma*. É o nome dado ao tipo de fenômeno fantasmagórico em que ocorrem perturbações súbitas como batidas barulhentas e outros sons, objetos sendo jogados, mobília movendo-se, luzes estranhas, odores peculiares e ataques físicos a humanos e animais.

Outra característica comum de uma experiência com *poltergeist* é a litobolia. Esse é o fenômeno de seixos ou pequenas pedrinhas materializando-se em pleno ar e chovendo sobre uma pessoa, casa ou área. Nesses casos, testemunhas relatam ver objetos caindo do céu (e mesmo de telhados) ou sendo jogados por mãos invisíveis, às vezes mudando de direção abruptamente durante seu trajeto.

A atividade de *poltergeist* é também responsável por incidentes peculiares envolvendo água (como o aparecimento súbito de poças no chão, canos d'água quebrados, torneiras abrindo e fechando sozinhas, etc.) e surtos de fogo espontâneo de origem indeterminada.

“*Poltergeists* são espíritos que parecem ter a intenção de causar problemas” — Patrícia D. Netzley.

Um *poltergeist* é diferente de fantasmas comuns em diversos pontos. O mais aparente é sua natureza violenta. A atividade de *poltergeist* ocorre freqüentemente durante as horas do dia, quando a maior parte dos outros fenômenos de assombração parece ocorrer à noite. Também pode começar de modo súbito, sem razão aparente, e terminar de maneira igualmente súbita — após meses ou mesmo anos. E, diferente da maior parte das assombrações comuns, não parece envolver aparições. Quando um *poltergeist* chega a manifestar-se, é difícil para as testemunhas ou pesquisadores ligarem-no a uma pessoa falecida específica. A atividade de *poltergeist* pode, às vezes, seguir um indivíduo de um lugar para o outro, enquanto uma assombração clássica sempre se repete no mesmo lugar, freqüentemente à

mesma hora do dia ou da noite ou em uma época particular do ano, como o aniversário da morte.

Muitos acreditam que a atividade de *poltergeist* pode ser atribuída a uma das duas coisas a seguir: em alguns casos é um espírito malévolu ou travesso que tenha a capacidade de mover objetos solidificando o ar do ambiente, o que resulta na movimentação ou teletransporte de objetos. Ou então não é o trabalho de espíritos, mas sim de poderes psicocinéticos subconscientes de uma criança pubescente ou indivíduo sofrendo de grande tensão.

Pontos Frios e Portais Espirituais

Uma queda súbita e inexplicável que ocorra em um local onde esteja havendo atividade de *poltergeist*, uma assombração ou a visita de um espírito é conhecida como *ponto frio*. Alguns indivíduos sensíveis a atividades psíquicas podem freqüentemente sentir pontos frios em cemitérios (particularmente próximo aos túmulos), necrotérios e outros lugares onde a morte esteja presente.

Em muitas casas assombradas há um cômodo ou área — com freqüência o local de uma morte trágica, assassinato ou suicídio — onde a temperatura é mais baixa e as leituras eletromagnéticas são mais altas que em outras partes da residência. Isso é normalmente chamado de “coração da casa” e, em muitos casos, mostrar-se-á o local onde ocorre a maior parte ou todos os fenômenos, como atividade de *poltergeist* e/ou manifestações de espíritos do lugar.

Algumas pessoas acreditam que pontos frios indicam a localização de portais espirituais, ou portas invisíveis entre nosso mundo e a dimensão espiritual por onde os espíritos podem passar. Muitos também crêm que usar um tabuleiro Ouija (ou dispositivos similares) ou realizar sessões espirituais para contatar os espíritos dos mortos pode criar ou destrancar, se preferir, tais portas pelas quais o espírito invocado adentra e deixa nosso plano de existência. Normalmente, após a comunicação com o espírito ser encerrada e a entidade retornar ao seu próprio mundo, o portal espiritual se fecha logo em seguida. Entretanto, em algumas ocasiões, o portal permanece aberto. Quando isso ocorre, há tipicamente um aumento na atividade de fantasmas na casa ou na área. A única maneira de fechar esses portais espirituais é por meio da oração ou de feitiços.

Certa vez observei um conhecido meu — um druida moderno — fechar diversos portais colocando a palma de sua mão em cada ponto frio e, em seguida, girando-a lentamente em sentido anti-horário enquanto o visualizava sendo fechado. Era uma técnica interessante que eu nunca antes vira sendo aplicada, mas pareceu funcionar muito bem.

Sonhar com um Fantasma

Algumas pessoas acreditam que os fantasmas avistados nos sonhos são representações verdadeiras dos mortos. Entretanto, muitos intérpretes de sonhos acham que essa é a explicação menos provável para esse tipo de sonho. Em vez disso, eles sugerem que o fantasma do sonho na verdade representa uma parte do sonhador que não está clara ou bem compreendida. Também pode simbolizar certos aspectos de nós mesmos que tememos. Isso pode envolver memórias dolorosas, sentimentos de culpa ou certos pensamentos que foram reprimidos. Esse tipo de sonho pode revelar um medo da morte e de morrer. Uma outra alternativa seria que, quando fantasmas materializam-se em nossos sonhos, representam coisas que são esquivas, fora do alcance ou inalcançáveis por nós.

De acordo com alguns parapsicólogos, sonhar com o fantasma de um amigo ou ente querido morto pode ser um indicativo de culpa e arrependimentos em relação ao passado do sonhador com esse indivíduo em particular.

Muitos dicionários de sonhos antigos, que baseiam sua interpretação dos sonhos no folclore e em superstições, alegam que sonhar com fantasmas amigáveis é um presságio de boa sorte inesperada. Entretanto, sonhar com fantasmas assustadores supostamente indica que outras pessoas tentarão impor sua vontade sobre você e a única maneira de evitar isso é manter-se vigilante.

Algumas pessoas consideram sonhos em que um fantasma simplesmente aparece como um presságio de boa sorte, enquanto sonhos que envolvem fantasmas que conversam ou aterrorizam o sonhador são vistos como um aviso de que o sonhador sofrerá uma grande pressão para participar de um esquema ou atividade que vai contra seus princípios (se esse é o seu caso, resista à tentação com todas as suas forças e, se necessário, peça ajuda a um amigo ou conselheiro).

Sonhar com um fantasma sem rosto indica que a fonte de algo (dependendo das circunstâncias e outros símbolos do sonho) ainda não foi identificada. Por exemplo, um fantasma sem rosto que enche o sonhador com sentimentos de medo pode significar que ele ou ela precisa examinar a causa de alguma fobia, ou encarar seus medos, para poder superá-los.



Sonhar que está fazendo amor com um estranho fantasmagórico pode indicar um relacionamento ou caso sem substância ou um amante que não é sincero. Se uma viúva ou viúvo tem um sonho romântico que envolva o fantasma do cônjuge falecido, isso indica um amor que sobrevive à morte. Entretanto, diz-se que quando um ancião ou pessoa gravemente doente começa a ter sonhos recorrentes sobre um

cônjuge falecido ou outros parentes que estejam mortos, isso é um sinal que a morte está próxima.

Enquanto pesquisava esta seção do livro, consultei vários livros de interpretação de sonhos. Em um deles, o *10,000 Dreams Interpreted*, de Gustavus Hindman Miller, encontrei as seguintes interpretações para diversos tipos de sonhos envolvendo fantasmas e espíritos:

Sonhar com o fantasma de sua mãe ou pai é tido como indicação de ameaça de perigo. Também pode ser um aviso para ser cauteloso ao formar novas parcerias com pessoas que não conheça muito bem.

Sonhar com o fantasma de um amigo querido é tido como um presságio de uma longa viagem com uma companhia desagradável. Esteja preparado para sofrer vários desapontamentos.

Se um homem sonha que um fantasma está falando com ele, isso é um aviso de que será atraído para as mãos de seus inimigos. Para uma mulher, tal sonho é um presságio ruim de vivez e enganção.

Sonhar que um fantasma aparece no céu pode ser um presságio de má sorte ou possivelmente de morte de alguém amado. Se sonhar que está vendo no céu um fantasma masculino à sua direita e um feminino à sua esquerda, é indicação de “uma rápida ascensão da obscuridade para a fama”, de acordo com Miller. Entretanto, sua fama se mostrará efêmera, “uma vez que a morte o visitará e o levará consigo”.

Sonhar com um fantasma feminino vestindo uma túnica comprida fluando pacificamente no ar é uma previsão de fortuna súbita acompanhada por desgosto. Miller diz que tal sonho também pode indicar “progresso em estudos científicos”.

Sonhar com o fantasma de uma pessoa ainda viva pode ser um aviso de que o sonhador está correndo perigo devido a um amigo ou conhecido rancoroso. Também pode indicar o fim de uma amizade. Se o fantasma da pessoa aparece magro e abatido, o sonho pode estar prevendo a morte prematura dessa pessoa.

Sonhar que um fantasma o persegue alerta sobre experiências incomuns e inquietantes no futuro próximo. Entretanto, se sonhar que o fantasma está fugindo de você, é um sinal garantido que os problemas vindouros serão amenos e/ou serão superados rapidamente.

Problemas inesperados surgirão se você sonhar com espíritos ou espectros, de acordo com Miller. Se eles são vistos usando túnicas brancas, é um presságio de que um amigo próximo ficará doente em breve. Se estiverem vestidos com túnicas negras, esteja preparado para traições e falta de confiança. Também se diz que problemas inesperados surgirão em breve para os que sonham com espíritos batendo em portas ou muros.

Sonhar que espíritos estão escondidos ou movendo-se atrás de cortinas é um aviso para não cometer indiscrições.

Sonhar que está ouvindo espíritos cantando desesperadamente ou tocando músicas é uma indicação de que sua família irá deparar-se em

breve com mudanças desfavoráveis e tristeza. Sonhar que um espírito está tocando um sino é um mau presságio que antevê a morte de um amigo ou parente.

De acordo com *The Dreamer's Workbook*, de Nery Dee, sonhar que um fantasma está parado ao lado de sua cama indica uma visita do mundo dos espíritos. Dee diz também que sonhos envolvendo fantasmas refletem “a natureza espiritual do sonhador”. Quando o espírito aparece em um sonho, pode tanto representar uma memória do passado ou o fantasma de uma pessoa falecida.

Sonhos que envolvem casas assombradas normalmente significam memórias ou sentimentos reprimidos que precisam ser reconhecidos. Também podem revelar que existem assuntos emocionais inconclusos relacionados à infância e/ou família do sonhador.

Sonhar que um fantasma o está assombrando de alguma forma indica claramente que você está se sentindo assombrado por algo ou alguém de seu passado.

Sonhar com um fantasma caminhante é tido como um presságio de que logo você sofrerá dificuldades financeiras. Cuide para não gastar seu dinheiro tolamente ou permitir que se afunde em dívidas.

Um sonho com um fantasma vestido de branco tem sido considerado por um longo tempo como sinal de boa sorte, enquanto um em que é visto um fantasma vestido de negro indica enfermidade ou amargura entre o sonhador e seu(ua) amado(a).

Um sonho no qual você se vê como um fantasma pode estar tentando te dizer de forma simbólica que você está vivendo demais no passado ou um sentimento de que uma parte de você (metaforicamente falando) está morta. Para um escritor ou artista, ter um sonho como esse pode muito bem indicar a oportunidade de fazer um trabalho literário ou artístico para outra pessoa (como um *ghost-writer*).

Sonhar que outros o vêem como um fantasma pode significar que você está profundamente preocupado com que as pessoas o vejam como alguém com um jeito antiquado de pensar e fazer as coisas.

Sonhar que está tentando conjurar ou contatar um fantasma sem sucesso pode ser uma mensagem simbólica de seu eu interior para “desistir do fantasma” quando algo fútil está envolvido. Seguindo outro trocadilho (que sonhos podem freqüentemente ser), o sonho pode indicar que você não tem “nem sombra (outro termo para ‘fantasma’) de chance”.

Comunicação com Espíritos por meio de Sonhos

Há muitas maneiras pelas quais os espíritos dos mortos podem comunicar-se com os vivos — sessões espíritas, tabuleiros Ouija e rituais necromânticos são alguns exemplos, sendo abordados em detalhes em outros capítulos deste livro.

Nessas ocasiões em que experimentamos a estranha sensação de não estarmos sozinhos ou que estamos sendo observados quando não há mais ninguém por perto, há uma boa chance de que um espírito esteja próximo e pode estar tentando comunicar-se conosco ou, pelo menos, tornar sua presença reconhecida. Alguns espíritos preferem escrever suas mensagens, enquanto outros as sussurram no vento. Sabe-se de alguns que usaram o telefone para contatar os vivos — um fenômeno sem dúvida dramático, mas nem um pouco incomum.

A passagem de sinais — sejam em código ou evidentes — é outro dos métodos pelos quais os espíritos transmitem suas mensagens. Sonhos são ainda outro, e talvez o mais comum, meio pelo qual os mortos nos contam. Acredita-se que muitos espíritos escolhem esse caminho por ser consideravelmente menos assustador para os vivos receberem uma visita de um espírito quando se está em um estado de sonho, ao contrário do que ocorre quando estamos acordados. Além disso, quando estamos dormindo, nossas mentes estão abertas para coisas às quais podemos não estar receptivos quando estamos acordados.

Quase todo mundo teve pelo menos uma vez na vida um sonho envolvendo alguém que já faleceu. Entretanto, nem todos os sonhos são encontros reais com espíritos do plano astral. Muitos são meros sonhos e nada mais. Às vezes pode-se distinguir entre os dois tipos.

Normalmente um sonho que é realmente um encontro com um espírito envolverá um amigo querido, um parente ou alguém a quem o sonhador é próximo. O espírito desse indivíduo pode ser percebido no sonho tanto como um fantasma ou como uma pessoa vivente, e freqüentemente terá uma mensagem de algum tipo para passar ao sonhador. Pode ser qualquer coisa, desde uma simples expressão de seu amor até uma confissão de uma ação no passado ou a revelação de um segredo. Em alguns casos, as mensagens dos espíritos que surgem em sonhos são de natureza profética e são provadas quando a profecia em questão se realiza.

Sonhos dessa natureza normalmente parecem mais “reais” que os sonhos comuns, são mais vívidos e intensos. Não é incomum que sonhos lúcidos (nos quais o sonhador sabe que está sonhando) tenham visitantes espirituais.

Às vezes, quando um indivíduo está se dirigindo para grandes perigos, a aparição de um membro falecido da família — em muitos casos um dos

pais ou avós — surgirá em um de seus sonhos com mensagens de alerta. Sabe-se de casos em que espíritos de entes queridos surgiram nos sonhos de pessoas próximas da morte, para que soubessem que há pessoas amadas esperando do outro lado e para gentilmente prepará-las para sua inevitável passagem para o outro lado da morte.

Da mesma forma que os mortos podem utilizar os sonhos dos vivos para se comunicarem do além-túmulo, os vivos podem usar seus sonhos para entrar em contato com os que já morreram. Para fazer isso, deve-se meditar antes de ir dormir, voltando todos os seus pensamentos para a pessoa falecida que se deseja contatar. Fale em voz alta com seu espírito e o convide a visitá-lo em seu sonho. Fale com sinceridade e não deixe que o medo se prenda ao seu coração enquanto faz isso, senão o espírito provavelmente captará essas vibrações ruins e não surgirá para você.

Dormir com uma foto da pessoa falecida próxima de sua cama, com uma peça de sua roupa ou qualquer outro objeto pessoal que lhe tenha pertencido sob o travesseiro também pode ajudar a estabelecer contato com o espírito dessa pessoa enquanto você dorme e sonha.

Fantasmas de Quatro Patas

Muitas das religiões do mundo acreditam que somente os seres humanos têm alma ou espírito e que não é possível para animais ter uma vida após a morte. Eu, como muitos outros bruxos e bruxas e outros pagãos, acredito que os animais — ou mesmo todos os seres vivos na Terra — possuem um espírito que, após a morte do corpo físico, pode escolher entre seguir para o descanso eterno, reencarnar como animal ou ser humano, ou permanecer ligado à Terra como fantasma.

Tudo que é preciso fazer é dar uma olhada nas muitas coleções publicadas de histórias de fantasmas para descobrir que inúmeras pessoas tiveram encontros com animais — às vezes um animal de estimação muito amado que retorna do além-túmulo para ficar com seus mestres humanos. Gatos, cães, cavalos e aves fantasmas são os tipos de animais mais comumente observados nesse tipo de fenômeno.

Encontros com fantasmas de animais nem sempre são acompanhados pela materialização da aparição do animal morto. Freqüentemente, durante esses encontros a pessoa pode simplesmente sentir a presença do animal, senti-lo lambendo-a, esfregando-se nela ou até se aconchegar ao seu lado na cama. Experiências auditivas também são comuns e normalmente envolvem uma pessoa ouvindo o animal miando, ronronando ou latindo, o som de patas arranhando o chão, um arranhar familiar na porta e por aí vai.

Recentemente, surgiram alguns médiuns que atraíram a atenção do mundo todo em virtude de sua capacidade fora do comum de se comunicar

com os espíritos de animais de estimação mortos, além de outros animais. Muitos consideram isso como mais uma evidência de que animais têm mesmo um espírito ou alma, assim como seus equivalentes humanos.

Fantasmas de Natureza Maligna

Da mesma maneira que existe o bem e o mal entre os vivos, eles também existem no pós-vida. Diz-se que o espírito de quem era mau durante a vida (como assassinos seriais e líderes genocidas como Adolf Hitler) continua igual após a morte de seu corpo físico.

Também existem entidades não-humanas (demônios) que podem ser classificadas como malignas. Dizem que elas aparecem de vez em quando com a forma de um animal de pele, penas ou pêlos negros — mais frequentemente cachorros, gatos, bodes, éguas ou pequenas criaturas roedoras. Alguns investigadores paranormais procuram por manifestações de animais negros fantasmagóricos (não o falecido animal de estimação da família) como sinais de que existe uma situação de assombração diabólica. Entretanto, nem todas as assombrações envolvendo animais negros são necessariamente dessa natureza.

As chances de interação entre os vivos e um espírito realmente maligno — seja do tipo humano ou não — são relativamente pequenas. De acordo com minha pesquisa, além de experiências pessoais que outros e eu mesma tivemos com o sobrenatural, parece que a imensa maioria das assombrações e avistamentos fantasmagóricos é de natureza benigna. Isso não quer dizer que fantasmas não podem ser assustadores ou desagradáveis.

Espíritos ligados à Terra podem com frequência ser travessos, divertindo-se muito e nos assustando, se deixarmos. E alguns espíritos, da mesma forma que algumas pessoas vivas, podem sentir raiva ou necessidade de vingança por diversas razões, enquanto outros são simplesmente cruéis porque é de sua natureza. Se decidirmos deliberadamente perturbar certos espíritos que querem ficar sozinhos, isso pode fazê-los demonstrar uma atitude não muito agradável ou comportamento aparentemente violento. Ainda assim, poucos serão realmente malignos ou demoníacos. Mas, uma vez que muitas pessoas acham a presença e as ações de tais espíritos aterrorizantes ou sinistras, supõem automática e incorretamente que são fantasmas perversos ou demônios.

Então como é possível diferenciar os espíritos maus dos que não são maus? Nem sempre isso é fácil, uma vez que ambas as entidades podem ser idênticas em aparência e maneirismos. Seria como tentar diferenciar quem entre os vivos é bom ou mau simplesmente por sua aparência externa ou



maneira de falar. O mais importante a ser lembrado é que a chance de encontrar um espírito de natureza verdadeiramente maligna ou demoníaca é extremamente reduzida. Portanto, não devemos nos deixar ficar obcecados ou exageradamente preocupados com eles.

Para investigadores e caçadores de fantasmas, a observação de certas precauções — usar ou carregar certos amuletos feitos de prata, orar pelas bênçãos ou proteção do Deus ou Deusa de sua fé ou tradições pessoais, ou mesmo clamando por seus anjos da guarda ou guias espirituais, pedindo que fiquem ao seu lado — normalmente oferece toda a proteção necessária para assegurar sua segurança no raro evento de encontrar um espírito genuinamente perverso ou um demônio.

Há Algo a Temer?

Muitas pessoas, jovens ou velhas, têm medo de fantasmas, apesar de muitas não admitirem isso com facilidade por receio de serem consideradas supersticiosas e ridicularizadas. O medo de que algum espírito cause-nos algum mal ou nos possua é tão universal e antigo como a própria humanidade. Mas talvez ainda mais aterrorizante para muitos descrentes que por acaso encontrem um fantasma é a idéia de que podem estar sofrendo alucinações e que isso seria um sinal de doença mental ou tumor cerebral. Pensar que se está perdendo o contato com a realidade pode ser muito alarmante, para dizer o mínimo.

Medo é um instinto que a natureza deu aos humanos (e aos animais também) para alertar quando há algum perigo iminente, mas ele também se manifesta quando nos deparamos com uma situação desconhecida ou inexplicável. Entretanto, em quase todos os casos de assombrações e encontros com espíritos, não há o que temer. Fantasmas e espíritos, na maior parte dos casos, são bastante inofensivos, apesar de poderem assustar algumas pessoas o suficiente para fazer com que se machuquem ou tenham um ataque do coração ou perturbações psicológicas.

Como se Livrar de um Espírito Indesejado

Se, de repente, você perceber que está sendo incomodado por uma entidade espiritual indesejada, não entre em pânico. É importante permanecer calmo e racional. Às vezes, uma simples conversa em voz alta com o espírito e um pedido educado para que ele o deixe e à sua família e casa é tudo que é necessário para pôr um fim à atividade paranormal indesejada. Fale de maneira calma, firme e respeitosa, usando de psicologia para ajudar o espírito a

seguir adiante. Explique que seus entes queridos o aguardam do outro lado, que se for em direção da luz, todas as suas mágoas e seus sofrimentos terão um fim, etc. É dito que muitos espíritos respondem bem quando esse tipo de abordagem é usado.

Também há diversos métodos mágicos comprovados na prática disponíveis para fazer um espírito hesitante seguir seu caminho, muitos dos quais podem ser encontrados no capítulo de *Feitiços e Feitiçaria* deste livro. Mesmo sendo possível a qualquer pessoa, independentemente do contexto cultural e religioso, praticar magia, recomendo imensamente que os iniciantes adquiram pelo menos um conhecimento básico de como a magia funciona, antes de tentar lançar qualquer feitiço. Trabalhar com magia sem o devido conhecimento do que está sendo feito pode, na pior hipótese, gerar resultados perigosos ou, pelo menos, acabar sendo uma total perda de tempo e energia.

Mas, independentemente do que fizer, assegure-se de não gritar, xingar ou antagonizar o espírito de qualquer maneira, uma vez que isso provavelmente só o irritará, piorando a situação para você e para outras pessoas que sofrem com a assombração. Mantenha uma atitude positiva e não permita que os pensamentos negativos e o medo o dominem. E lembre-se de que a entidade ainda é uma consciência humana (a menos que seja um espírito não-humano, o que é uma outra história) e que ela ainda possui as mesmas emoções, vontades e atitudes que tinha quando viva. Há também uma boa chance de que nem mesmo perceba que está morto ou que esteja com medo de deixar o local que ele considera familiar, seguro e confortável.

Se todos os seus esforços para livrar-se do espírito falando com ele ou usando feitiços falharem, não tente realizar um ritual de exorcismo, especialmente se não tiver nenhum treinamento formal ou experiência na área. Exorcismos podem ser extremamente perigosos e, na maioria dos casos, servem apenas para provocar o espírito, intensificando os sintomas de assombração e aumentando a atividade de *poltergeist* em sua casa.

A maioria dos espíritos que se tenta exorcizar responderá naturalmente com hostilidade e entrará em conflito com a pessoa ou pessoas que estão tentando expulsá-los. Poucos irão embora sem lutar. Tente ver as coisas da perspectiva dos espíritos por um momento. Imagine como você reagiria se algum estranho ameaçador surgisse de repente em sua vida e começasse a atacá-lo usando sal e água benta, xingando você e tentando forçá-lo a sair de sua casa. Compreensivelmente, você ficará assustado, nervoso e se sentirá forçado a defender-se do lugar que chama de lar usando quaisquer métodos disponíveis. Um espírito sendo expulso à força do lugar que considera seu lar se sentirá e reagirá exatamente da mesma forma que você.

Lembre-se de que a maioria dos espíritos deixará um lugar somente quando quiserem. Um espírito humano possui livre-arbítrio para decidir quando e para onde ele vai e, apesar de que muitos espíritos podem ser persuadidos por feitiços ou palavras, ninguém pode forçá-los a fazer algo que não queiram.

Além disso, se sua assombração é do tipo que os pesquisadores de fantasmas chamam de *assombração residual* (uma repetição contínua, como uma fita de vídeo sendo passada repetidas vezes, de certos eventos passados no mesmo lugar, em intervalos regulares ou não, e não uma assombração que envolva a energia consciente de um espírito), não há muito o que fazer para pará-la. Essas assombrações normalmente param sozinhas com o passar do tempo. Entretanto, isso pode levar séculos.

Se nada do que tentou para fazer o espírito deixar sua casa funcionou, o próximo passo (antes de chamar um corretor imobiliário e vender a casa) é contatar um médium espiritualista respeitável, o pesquisador paranormal local ou um grupo de caçadores de fantasmas, muitos dos quais podem ser encontrados no capítulo *Fontes*, deste livro, ou na Internet, usando uma ferramenta de busca.

Escolha um investigador paranormal com o mesmo cuidado com que escolheria um médico, um mecânico de automóveis ou mesmo um empregado para sua casa. Pode-se encontrar pesquisadores e caçadores de fantasmas com variados graus de experiência e de diferentes contextos culturais e religiosos. É natural que você se sinta mais confortável com uns do que com outros. É importante que seja escolhido o que for o mais correto para você e para sua situação em particular.

A maioria cobra por seus serviços nada além que preços razoáveis para reembolsar suas despesas de viagem até o local da atividade paranormal e de volta, além do necessário para cobrir os gastos com coisas como suprimentos (equipamentos, filmes, fitas, revelação, etc.). Alguns, especialmente os ligados a grupos religiosos, podem pedir donativos. Mas fique alerta com os que pedem grandes somas de dinheiro adiantado ou que garantem que, por um preço, podem se livrar de seu incômodo fantasma. Na maioria dos casos, a única coisa de que essas pessoas o livrarão é de seu dinheiro suado.

Samhain: Noite dos Mortos

Os antigos celtas acreditavam que todo ano, do pôr-do-sol da última noite de outubro até o pôr-do-sol da primeira noite de novembro, o véu invisível que separa o mundo mortal do mundo dos espíritos estava em seu estado mais fino, o que faz desse período o momento mais oportuno para os vivos se comunicarem com os mortos (normalmente com propósitos divinatórios) e permitia que os mortos retornassem à Terra e caminhassem entre os vivos. Conhecido atualmente como *Halloween* ou Noite de Todos os Santos (*All Hallows Eve*), esse momento sagrado do ano era conhecido pelas tribos dos antigos celtas como *Samhain* (pronuncia-se SOU-em ou SOU-in).

Na Irlanda, enormes fogueiras eram acesas no topo de morros no *Samhain* para ajudar a guiar as almas dos mortos em sua jornada do submundo celta, e também para espantar fantasmas de índole maligna que vieram buscar os vivos. Também era costume deixar oferendas de comida e bebida no lado de fora nessa noite para agradar não apenas espíritos errantes, mas também o povo das fadas, que, se acreditava, andava à solta nessa época do ano, de magia e mistério.

Muitos dos costumes associados ao feriado que hoje chamamos de *Halloween* (cabeças de abóboras, gostosuras ou travessuras, fantasiar-se, etc.) remontam às práticas celtas centenárias ligadas aos ritos do *Samhain* e que, um dia, foram usadas para proteção contra espíritos malignos e fazer divinações sobre o futuro.

O Banquete dos Fantasmas Famintos

De acordo com as antigas crenças populares chinesas, no sétimo mês do Calendário Lunar Chinês (agosto, também conhecido como “Mês dos Fantasmas”) o submundo abre seus portões e permite que as almas dos mortos vaguem livremente sobre a Terra e perambularem pelas ruas dos vivos por um mês.

No décimo quinto dia do sétimo mês começa o festival chinês anual chamado de Banquete dos Fantasmas Famintos, que dura seis dias. Durante esse festival colorido e barulhento, que incorpora a cerimônia budista do *putu* (a libertação dos espíritos dos mortos), sacerdotes budistas e taoístas cantam liturgias, realizam rituais e queimam oferendas de incenso para os fantasmas famintos. Banquetes com pratos deliciosos são preparados e deixados do lado de fora das casas para as almas errantes e tanto os vivos como os mortos se divertem com as *performances* ao vivo de músicos e atores de rua.

Muitas famílias chinesas convidam os espíritos de seus ancestrais para se juntarem a elas para a refeição, durante a qual varetas aromáticas e reproduções em papel de itens essenciais do dia-a-dia como roupas, sapatos, televisões, rádios, automóveis e outros luxos são ritualisticamente queimados. Essa prática é realizada para assegurar que a geração presente e as gerações futuras da família recebam bênçãos e proteção contra qualquer perigo iminente.

Diferente do festival chinês do *Oingming*, dedicado somente à sua própria família e ancestrais, o Banquete dos Fantasmas Famintos também é dedicado aos mortos que não são os ancestrais das pessoas. Seu propósito central é trazer paz aos mortos negligenciados, abandonados e esquecidos. Incluídos nessa lista estão os que morreram sem descendentes, os que morreram longe de seus entes queridos e os que morreram no

nascimento ou durante a infância. Os fantasmas de suicidas e vítimas de assassinatos que nunca receberam um enterro adequado são considerados os mais assustadores de todos os mortos. É dito que, devido às circunstâncias, eles estão condenados a assombrar eternamente o local de suas mortes, buscando vingança.

Muitas pessoas na China vêem o Banquete dos Fantasmas Famintos como um evento de grande importância e são muito supersticiosos durante esse período. Bebês e crianças pequenas são frequentemente mantidos dentro de casa e cuidadosamente vigiados por medo que possam ser atraídos para os reinos escuros do submundo pelas almas dos mortos sem descanso. Acredita-se que fantasmas perversos escondem-se em todos os cantos, ansiosos por tomar a vida dos jovens e dos velhos igualmente. Também se acredita ser de extrema má sorte casar-se ou mudar-se nesse período. Diz-se que os maiores desafortunados são os que morrem durante o Mês dos Fantasmas, pois jamais serão capazes de descansar em paz.

No último dia do Banquete dos Fantasmas Famintos, uma grande fogueira é acesa e, em suas chamas, são jogadas efígies de papel de antigas divindades, um dinheiro de papel especial conhecido como “dinheiro do inferno”, assim como outras oferendas, como um presente final para os mortos.

À meia-noite do trigésimo dia do Mês dos Fantasmas, todas as almas errantes dos mortos retornam ao seu lugar no submundo e seus portões são então fechados. Elas ali permanecerão até o ano seguinte quando, uma vez mais, serão liberadas por um mês.

Com uma sensação de alívio e tranquilidade, as pessoas por toda a China retornam à sua rotina durante esse período, confiantes que cumpriram suas obrigações para com seus ancestrais que já partiram e outras almas dos mortos.

A Dança dos Fantasmas

Durante um eclipse solar em janeiro de 1889, um profeta paiute chamado Wavoka (também conhecido como Jack Wilson) recebeu uma visão mística. Enquanto estava em transe, ele falou com Deus e previu uma catástrofe natural que traria a extinção do homem branco, após o qual os fantasmas de todos os nativos americanos retornariam à Terra para viver com os vivos, trazendo com eles os antigos costumes que então durariam para sempre. Entretanto, para fazer com que isso acontecesse, seria necessário que os povos nativos cantassem determinadas músicas e realizassem uma dança extática chamada de Dança dos Fantasmas.

A revelação de Wavoka foi o início do efêmero movimento religioso da Dança dos Fantasmas, que se espalhou pelos povos das planícies na

década de 1880. Logo assumiu proporções que iam além da intenção original, e nativos americanos desesperados por causa da crescente repressão dos brancos começaram a dançar e cantar as músicas que, acreditavam, acelerariam o fim da ameaçadora cultura do homem branco e a chegada de um novo mundo paradisíaco para eles. Segundo a autora Rosemary Ellen Guiley, “o movimento teve um enorme efeito entre os sioux, um povo orgulhoso e feroz que resistira vigorosamente ao homem branco, mais notavelmente na espetacular derrota para o general Custer em Little Big Horn”.



Não era incomum que as cerimônias da Dança dos Fantasmas durassem até cinco dias. Quem participava da dança circular e arrastada entrava em transe e, em seguida, ficava inconsciente. Nesse estado experimentavam visões místicas de seus ancestrais mortos, um renascimento da Terra e o retorno das manadas de búfalos selvagens às planícies.

Enquanto a Dança dos Fantasmas inspirava a unidade e o fervor entre as muitas tribos de nativos americanos que a adotavam, só causou medo e hostilidade em um grande número de colonos brancos, que a viam como abertamente hostil. O governo dos Estados Unidos respondeu tornando ilegal a realização da Dança dos Fantasmas nas reservas. Apesar da proibição, a Dança dos Fantasmas continuou, assim como as tensões crescentes entre os brancos e os nativos americanos e mesmo entre membros das próprias tribos.

Em novembro de 1890, após dois místicos sioux conhecidos como Short Bull (Touro Baixo) e Kicking Bear (Urso Chutador) rejeitarem a postura de não-violência de Wavoka e começarem a pregar a eliminação dos brancos, soldados da cavalaria dos Estados Unidos foram convocados para as reservas de Rosebud e Pine Ridge na Dakota do Sul, num esforço de manter a paz. Uma briga iniciou-se e Sitting Bull (Touro Sentado) — um famoso e respeitado líder, guerreiro e curandeiro sioux — foi morto quando resistiu à prisão. Vários de seus homens também perderam a vida naquele dia fatídico.

Esses eventos trágicos acabaram levando a um dos acontecimentos mais tristes da história dos Estados Unidos: o infame massacre em Wounded Knee, que ocorreu em 29 de dezembro de 1890. A luta, que durou dois dias, resultou na morte de mais de trezentos homens, mulheres e crianças e pôs um fim à religião da Dança dos Fantasmas, assim como às guerras na fronteira oeste do país.

Aparições de Crise e *Doppelgangers*

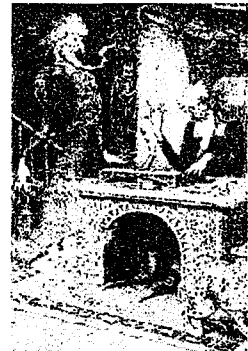
Chamados de *fantasmas dos vivos* pela Sociedade Britânica de Pesquisa Psíquica (British Society for Psychical Research) em 1886, aparições de crise são aparições, ou *fantasmas*, de pessoas que ainda estão vivas.

Não é incomum que uma aparição de crise seja vista em locais a grandes distâncias de onde suas contrapartes físicas estão. Em muitos casos a aparição de crise de uma pessoa que está em algum tipo de perigo, dor ou à beira da morte, aparecerá para algum ente querido, não importa se está a quilômetros de distância ou no outro lado do mundo, para que saibam que algo está errado. Em todos os casos, a pessoa em crise continua completamente sem consciência que está projetando sua própria imagem dessa forma. Outros podem perceber essa imagem, que é indistinguível da pessoa real, seja por meios psíquicos (como visões do olho da mente) ou pelos sentidos normais.

Em alguns casos, a pessoa verá ou será visitada por sua própria aparição viva ou duplo. Esse tipo de fenômeno é conhecido como *doppelganger*, que é uma palavra alemã que quer dizer *caminhante duplo*. O termo sueco para o duplo de uma pessoa é um *vardoger*. Alguns de seus nomes incluem: *corpo beta*, *corpo fluidico*, *corpo pré-físico* e *corpo sutil*.

Aparições de crise e *doppelgangers* representam um grande desafio para a ciência, pois parecem envolver um ser humano vivo existindo simultaneamente em dois lugares — um fenômeno conhecido como bilocação. “Bilocação é um conceito não muito mais agradável para cientistas que a idéia de retornar dos mortos”, escreve Hilary Evans e Patrick Huyghe no *Field Guide to Ghosts and Other Apparitions*. “Mas esse tipo de caso é completamente compatível com a crença bem difundida (...) de que existe uma parte de nós (...) que pode se desconectar do corpo físico e agir independentemente dele por um curto período de tempo.” Para resumir, o eu projetado pode, às vezes, tornar-se visível a outros, distante do eu físico.

O fenômeno das aparições de crise e dos *doppelgangers*, sobre os quais muito foi escrito e especulado desde o início do movimento espiritualista na era vitoriana, era bem conhecido pelos antigos (os antigos egípcios, por exemplo, acreditavam que toda alma tinha um duplo, conhecido como um *ka*). Entretanto, a verdadeira natureza e causa desses fenômenos permanece um mistério em nossa época moderna. Uma das explicações é que são projeções do corpo astral de uma pessoa. Outra é que são as almas dos seres humanos, que são reflexos dos corpos físicos.



Eileen J. Garret, uma médium talentosa e renomada nascida na Irlanda no século XIX, via o duplo de uma pessoa como “um meio de projeção telepática e clarividente” que poderia ser “manipulada para expandir a consciência”.

Mas, qualquer que seja a natureza e causa desse fenômeno, muitos parapsicólogos vêem aparições de crise como uma evidência adicional de que existe uma parte dos seres vivos capaz de sair do corpo físico ou existir sem ele e que ainda é capaz de se comunicar com outros, realizar tarefas e agir como uma entidade independente.

Do ponto de vista folclórico, diz a lenda que o surgimento do duplo de um homem ou mulher é uma indicação da morte iminente da pessoa. Na Irlanda, um país com um folclore muito rico, cheio de assombrações e mistérios, acredita-se que se o duplo de uma pessoa é visto nas horas da manhã, isso significa que essa pessoa viverá por muitos anos. Entretanto, se visto nas horas da noite, é sinal de morte iminente para o indivíduo.

O duplo de uma bruxa há muito tempo é conhecido como *fetch* (do inglês, “buscar”, “agarrar”) e durante a época em que se queimavam bruxas na fogueira, era crença comum por toda a Europa e Nova Inglaterra que uma Bruxa era capaz de enviar seu *fetch* para roubar, causar confusão, ferir ou matar seus inimigos e rivais. Camponeses e nobres acreditavam que isso era feito com o uso de encantamentos ou feitiços especiais, a ajuda do diabo ou simplesmente pelo poder da vontade da bruxa.

Busca por Fantasmas (como Conduzir Adequadamente uma Caça a Fantasmas)

“De forma geral, é completamente seguro ser um caçador de fantasmas ou testemunhar fenômenos desse tipo”

Hans Holzer, Ghosts.

Alguns dos lugares mais favoráveis para encontrar fantasmas e espíritos são cemitérios, igrejas, campos de batalha, velhos hotéis, teatros, escolas, prédios históricos e locais onde se sabe que ocorreram assassinatos, suicídios ou acidentes fatais. Muitos pesquisadores do paranormal e espiritualistas acreditam que todos os lugares onde os mortos descansam — cemitérios, catacumbas, mausoléus, locais onde os antigos enterravam seus mortos, etc. — possuem a mais alta concentração de energia espiritual porque são portais para o outro lado. Outra razão é que muitos espíritos ligados à Terra parecem, por alguma razão, ser atraídos por seus antigos corpos.

As melhores horas para ficar face a face com um fantasma ou espírito durante uma caça a fantasmas é entre as 9 da noite e a 6 da manhã, que são



conhecidas como *as horas psíquicas*. Isso não quer dizer que uma boa caça a fantasmas não pode ser executada durante o dia. Entretanto, fotografias de espíritos tiradas à noite tiveram, historicamente falando, resultados mais favoráveis para aqueles que procuram entidades desincorporadas.

É bom que sempre se tenha uma ou mais pessoas o acompanhando quando estiver caçando fantasmas. Evite áreas perigosas e tenha o cuidado de obedecer sinais de entrada proibida. Também é sábio obter

permissão dos proprietários antes de ficar vasculhando em propriedades particulares com câmeras e gravadores. Tenha algum tipo de identificação com sua foto, caso seja questionado pela polícia e seja exigida prova de sua identidade. Seja educado e deixe o local imediatamente se for solicitado pelo proprietário, zelador, segurança ou policial. Há muitos outros lugares onde fantasmas e espíritos podem ser encontrados.

Nunca embarque em uma caça a fantasmas sem levar a maior parte dos itens seguintes, ou todos eles: uma câmera com filme virgem de 35 milímetros de velocidade 400 ou 800; uma lanterna com pilhas reserva; cadernos e lápis para documentar todos os acontecimentos fantasmagóricos; um relógio de pulso para marcar a hora e minuto em que ocorre o evento; uma câmera de vídeo com lentes infravermelhas que permita a filmagem na mais completa escuridão; um gravador com fitas de alta qualidade para gravar vozes espirituais. Caçadores de fantasmas mais avançados devem levar também um detector de CEM para medir o campo eletromagnético de uma área potencialmente assombrada (os níveis serão tipicamente mais altos quando um fantasma ou energia espiritual estiver presente), uma lente noturna, um detector de movimento a pilha, um termômetro ou *scanner* térmico para detectar os pontos frios e *walkie-talkies*, se estiver trabalhando em um grupo com outras pessoas espalhadas por um espaço aberto amplo ou em diferentes cômodos de um prédio grande. No caso de uma emergência, é sempre bom ter um *kit* de primeiros-socorros e um telefone celular para pedir ajuda.

Muitos caçadores de fantasmas sentem que é importante sempre fazer uma prece para qualquer divindade em que se tenha fé antes de entrar em uma área onde podem estar se escondendo espíritos de natureza maligna. Acredita-se que um pedido simples ao seu Deus ou sua Deusa por uma bênção ou proteção já permite que a pessoa prossiga em segurança com seus assuntos, sem ter que se preocupar com coisas como obsessões por espíritos ou ataques de *poltergeist*. Carregar amuletos imantados magicamente, visualizar-se cercado por uma luz brilhante e quente e/ou usar o símbolo de sua religião em prata, seja um pentagrama, uma cruz ou

uma Estrela de Davi (também conhecida como Selo de Salomão) também ajudará a criar uma aura protetora ao seu redor, que os espíritos malignos não serão capazes de penetrar.

Quando se está procurando por fantasmas e espíritos, sempre o faça com uma mente aberta. Quaisquer sentimentos negativos transmitidos por você ou qualquer pessoa em seu grupo pode muito bem servir para espantar quaisquer espíritos que possam estar na área que está sendo examinada. Demonstre respeito pelos mortos todo o tempo, nunca perturbe ou viole suas tumbas e não cace fantasmas sob a influência de álcool ou drogas. E, acima de tudo, esteja preparado para tudo!

Assegure-se de manter um registro detalhado de todos os eventos (incluindo avistamentos, sons ou odores estranhos, impressões psíquicas, etc.) que ocorram durante o curso da caçada, independentemente do quão pouco importante possa parecer a princípio. Anote também as medições de CEM e temperatura, condições climáticas e a hora exata em que cada um desses eventos ocorreu.

Ao gravar em vídeo ou tirar fotos de um local assombrado, assegure-se de que não há ninguém fumando, uma vez que a fumaça do cigarro pode passar uma falsa impressão de névoa ectoplásmica na fita ou foto. O hálito de uma pessoa no tempo frio também pode ser confundido com uma manifestação fantasmagórica em uma foto. Mantenha as lentes de sua câmera limpas todo o tempo e não hesite em tirar fotos de qualquer e toda coisa — especialmente em áreas onde você (ou outra pessoa) repentinamente sentir, ouvir, cheirar ou ver alguma coisa que pareça extraordinária. Se acontecer de você observar orbes, névoa ou faíscas em seus *flashes*, isso é indicativo da presença de fantasmas ou espíritos nas proximidades. Você deve começar a tirar mais fotos nesse local imediatamente.

Também é uma boa idéia, ao levar seu filme para ser revelado, requisitar que todas as fotos no rolo sejam reveladas para evitar que a pessoa que está com o filme possa jogar fora quaisquer fotos que estejam desfocadas, com manchas ou faixas que seriam consideradas *fotos ruins*. Esses tipos de fotos são freqüentemente capturas fotográficas de energia espiritual.

Durante uma gravação de áudio, pergunte aos espíritos ao seu redor como eles morreram, quando eles morreram e outras perguntas simples. Não se esqueça que as vozes espirituais, na maioria dos casos, serão inaudíveis para ouvidos humanos no momento da gravação, mas podem ser ouvidas (freqüentemente como leves sussurros) quando a fita é tocada. Assegure-se de só usar um gravador com microfone externo, nunca um com microfone embutido, senão os sons das engrenagens do aparelho serão captados pela fita, deixando-a inútil para esse propósito. Também é uma boa idéia levar pilhas e fitas de reserva.

Ao final da caça a fantasmas, todas as pessoas do grupo (se esse se separou) devem se reunir em um local e horário predeterminados. Também é recomendável que, antes de deixarem a área, os espíritos nela devem ser

instruídos a não deixá-la e não seguirem ninguém para casa. É costume de algumas pessoas concluir a caça a fantasmas recitando uma oração especial para os espíritos dos mortos e/ou pedir ao Deus ou Deusa de sua tradição espiritual que lhes abençoem e protejam. Alguns também acham que é sinal de boa educação agradecer aos espíritos por quaisquer sinais de comunicação recebidos.

Entrevista com um Médium Espiritual

Eu conheci Tim Braun no *Halloween* de 2001 em uma loja de artigos de ocultismo em Hollywood, na Califórnia, chamada Panpipes Magickal Marketplace. Uma pessoa de compaixão e voz macia, ele nasceu com a rara capacidade de comunicar-se com os espíritos dos mortos. Em suas palavras, “meu dom, ou meu talento, é ver, sentir e ouvir pessoas que já faleceram”. Tim acredita que o propósito de seu dom é ser partilhado com pessoas que busquem respostas para a vida após a morte, assim como os que desejem fazer contato com quem já passou para o outro lado. Por meio de sua mediunidade, ele tem sido essencial para ajudar muitas pessoas a superarem a perda de alguém amado, assim como fornecer evidências que o espírito humano sobrevive após a morte do corpo físico.

Nascido numa cidade no subúrbio de Los Angeles, chamada Whittier em 29 de dezembro de 1969, suas habilidades especiais surgiram pela primeira vez aos nove anos de idade quando descobriu psiquicamente que seu pai adquiriria diabetes no futuro, o que veio a acontecer muitos anos depois. Ele estava com vinte e poucos anos quando começou a ver imagens de espíritos com o canto do olho e ouvir vozes espirituais quando estava próximo de outras pessoas. Essas experiências de início causaram-lhe uma compreensível preocupação com seu estado de saúde mental. Após vários médicos garantirem que não havia nada de física ou mentalmente errado com ele, Tim logo percebeu que tinha um dom e sentiu que o propósito de sua vida era ajudar a humanidade. Aproximadamente um ano depois, ele começou a fazer leituras mediúnicas para amigos, o que acabou tornando-se uma ocupação em tempo integral vários anos depois. Segundo Tim, “todos os médiuns, como eu, são psíquicos. Mas nem todos os psíquicos são médiuns”.

Em 1995, durante seu último ano na USC (Universidade do Sul da Califórnia), Tim Braun teve um sonho vívido, o que se provou mais tarde ser bastante profético para ele. Nele, ele se viu em Calcutá, na Índia, trabalhando com a agora falecida Madre Teresa. O sonho — até o último detalhe — tornou-se realidade três meses depois, indicando para Tim que muitas coisas grandiosas estavam por vir.

Tim recentemente terminou de gravar quinze episódios de um programa de televisão, que ele apresenta, chamado *Looking Beyond* (Olhando Além), que foram transmitidos pela Cox Cable no sul da Califórnia. O programa, que recebeu críticas elogiosas e uma resposta positiva do público, lida com uma grande variedade de assuntos metafísicos, fornecendo aos espectadores uma melhor compreensão de coisas como mediunidade, astrologia, hipnose, acupuntura, cura por imposição de mãos e por aí vai.

Tim teve a bondade de me permitir entrevistá-lo via telefone. A seguir estão algumas das perguntas que fiz, seguidas do que ele tinha a dizer.

P: Descreva, por favor, o que ocorre durante uma de suas sessões com um cliente.

R: Antes de uma sessão, faço uma meditação dirigida de dois ou três minutos para fazer a pessoa para a qual farei a leitura se sentir mais relaxada, assim como para abrir meus *chakras* de modo a deixar-me mais psiquicamente alerta. Em seguida converso com o cliente sobre a sessão e faço o possível para responder às perguntas que possa ter a respeito. Normalmente leva alguns minutos até que eu comece a sentir os espíritos e os ver aparecendo ao redor da pessoa sentada na minha frente. Entretanto, com algumas pessoas eu posso sentir e ver os espíritos de seus entes queridos durante a meditação ou imediatamente após ela.

Os espíritos falam comigo telepaticamente e eu passo tudo que eles me dizem ao cliente. Basicamente, meu trabalho é o de intermediário entre o espírito e o vivente. Falando nisso, a palavra *médium* vem do latim *medius*, que quer dizer *o meio*. Se o espírito aparece do lado esquerdo do cliente, isso indica que é do lado materno de sua família. Se aparece no lado direito do cliente, normalmente quer dizer que é parente do lado paterno da família. Mas, quando o espírito surge atrás da pessoa, isso quer dizer que ele não tem parentesco nem por parte de mãe nem por parte de pai. Esse espírito é freqüentemente um marido, esposa, filho, filha ou um amigo.

Quando sinto a energia começando a esvair-se, dou ao cliente a oportunidade de fazer uma pergunta final ao do outro lado antes do fim da sessão. Após todas as mensagens terem sido passadas, normalmente faço uma meditação de encerramento para o cliente e para mim mesmo.

P: Você trabalha em estado de transe?

R: Eu permaneço completamente consciente enquanto faço as leituras mediúnicas.

P: Você tem algum controle sobre quais espíritos se manifestam durante uma sessão?

R: Não. E acredito que qualquer médium que garanta a um cliente poder contatar um espírito em particular está mentindo.

P: Os espíritos que surgem durante uma sessão revelam o futuro?

R: Eles freqüentemente falam de pessoas ou acontecimentos do passado, mas, às vezes, fazem previsões de coisas por vir. Se, por exemplo, os espíritos sentem que a pessoa, ou alguém próximo a ela, está para encontrar problemas ou ter um acidente de algum tipo em breve, eles dão um aviso. Se prevêm uma morte no futuro próximo, eles normalmente indicam que alguém falecerá em breve. O momento exato da morte não é dado. Também já encontrei espíritos que contaram aos clientes que haveria um nascimento no futuro próximo e até previram corretamente o sexo da criança.

P: Já encontrou um caso de obsessão ou possessão espiritual?

R: Não. Nunca tive esse tipo de encontro, mas um amigo meu, que realiza curas por imposição de mãos, teve. Um homem de Palm Springs, que estava morrendo de câncer, procurou-o para ter uma sessão. Um amigo desse homem, que falecera recentemente, estava tão impregnado em sua aura e em sua energia que era quase como se ele estivesse possuído por essa pessoa. Não posso honestamente dizer se ele estava possuído ou não, mas após meu amigo ter feito a sessão de cura no homem, o espírito não estava mais em sua aura.

P: Você realiza algum tipo de cura espiritual?

R: Quando alguém tem uma sessão com um médium como eu, geralmente ocorre um processo de cura intenso — não apenas para a pessoa, mas para os que estão do outro lado também. Então, nesse sentido, eu responderia à sua pergunta com um sim.

P: Você ou algum de seus clientes já foi ferido por um espírito durante uma sessão?

R: Não. Os espíritos fazem a travessia para ajudar e orientar. Além disso, se um espírito deseja fazer contato por mim com a pessoa sentada diante de mim, ele me tratará com respeito.

P: Você trabalha com um ou mais guias espirituais?

R: Sim, eu trabalho com guias espirituais. Não poderia fazer esse serviço sozinho. Gostaria de dizer também que todo mundo, não apenas os médiuns, têm guias espirituais. Normalmente, há três tipos diferentes de guias que virão ajudar uma pessoa em seu caminho. Por exemplo, se você é um ator, terá um guia que o ajudará a atuar. Se quiser ser médico, você receberá um guia médico do outro lado. Se decidir seguir uma profissão diferente, um guia diferente virá ajudá-lo. Também é de grande ajuda pedir aos poderes superiores que enviem alguém do outro lado que possa ajudá-lo.

P: Você acredita em reencarnação?

R: Sim. Foi-me dito certa vez que nós reencarnamos a cada 200 anos, em média. Mas recentemente me foi dito que isso era verdade muito tempo atrás. Hoje em dia reencarnamos muito mais rapidamente porque as vibrações do planeta estão se movendo muito rapidamente. Mas não tenho como provar isso.

P: Você acha que um dom como o seu é algo com que se nasce? Ou é possível aprender a desenvolvê-lo?

R: Eu acho sinceramente que é algo com que se nasce.

P: Que conselhos você pode dar a jovens que descobrem que possuem um dom como o seu?

R: Medite pela manhã e medite à noite. Rogue por proteção e orientação para qualquer Força Superior em que acredita. Siga sua intuição, passe adiante as mensagens que você recebe, seja sincero e nunca abuse de seu dom.

Outros Nomes para Fantasma

Fantasmas receberam diversos nomes ao longo da história e ao redor do mundo. Muitos desses nomes, alguns comuns, outros nem tanto, incluindo estrangeiros, estão na lista abaixo:

Aparição	Obake (Japonês)
Appearance (inglês)	Phantasm (inglês)
Bakemono (japonês)	Phantom (inglês)
Bogey (inglês)	Poltergeist
Espírito	Morto sem descanso
Espírito desincorporado	Revenant (inglês)
Entidade	Sombra
Espectro (espanhol)	Shadow (inglês)
Esprit (francês)	Specter (inglês)
Fantasma (espanhol)	Visitante espectral
Fantome (francês)	Spectre (inglês britânico)
Gast (inglês antigo)	Spetrum (latim)
Geist (alemão)	Spetto (italiano)
Gespenst (alemão)	Spook (inglês)
Larva (latim)	Visão
Lemures (latim)	Wraith (inglês)
Lau (ilhas Andaman)	Youkai (japonês)
Manifestação	Yuurei (japonês)

N. da A.: Se estiver interessado(a) em receber uma leitura via telefone, ou se está na região de Los Angeles (Torrance) ou Palm Springs e quiser marcar uma sessão particular, é possível contatar Tim Braun no e-mail tim@timbraun.net ou pelo telefone (55) (626) 308-1614. Sua página na internet é www.timbraun.net.

CAPÍTULO 2

Histórias Reais de Fantasmas e Assombrações

"Fantasmas, poltergeists e casas assombradas continuam a aparecer nos jornais e as explicações oferecidas de que não passam de mera imaginação, alucinações ou truques não são muito convincentes"

Suzy Smith, *A Supernatural Primer for the Millions*.

O Espírito de Sunnybrae

A casa de estuque verde que ficava na Av. Sunnybrae parecia, às vezes, pulsar com uma energia negra e perturbadora que desafiava qualquer explicação. Do lado de fora, parecia igual a qualquer outra casa de estilo de fazenda em San Fernando Valley, ao norte de Los Angeles. Entretanto, foram poucos os que atravessaram a porta e puseram os pés no pequeno vestíbulo que se abria em um corredor longo e estreito iluminado com uma luz sinistra vinda de um antigo candelabro de latão e cristal e não se perceberam, ou mesmo sentiram-se oprimidos por uma estranha presença invisível.

Muitos dos que passaram algum tempo nessa casa sentiram-se extremamente desconfortáveis sem razão aparente, ficando ansiosos para seguir seu caminho. Alguns disseram ter sentido como se estivessem sendo observados quando não havia ninguém por perto (ninguém visível, pelo menos). E houve até os que sentiram que a casa emanava vibrações malignas. Uma dessas pessoas, minha prima mais velha, Bárbara, era da opinião que o

espírito sem descanso que habitava a casa era mais do que capaz de causar danos físicos.

Minha mãe e eu nos mudamos para a casa verde na Sunnybrae em 1980. Antes de a comprarmos, a casa pertenceu a uma companhia imobiliária que a alugava. Mas, por alguma razão, como fiquei sabendo, graças à vizinha do lado que veio nos dar as boas-vindas, poucos dos inquilinos ficaram nela por muito tempo. A vizinha ficou feliz de saber que nós compráramos a propriedade e que estávamos planejando ficar lá por um tempo, já que houvera tantas famílias mudando-se para a casa só para deixá-la em pouquíssimo tempo. Perguntei-lhe de quantas famílias estava falando e sua resposta foi que se tratava de bem mais de uma dúzia em menos de dois anos! Isso me pareceu extremamente estranho, já que aparentemente não havia nada de errado com a casa (na verdade, contratáramos um inspetor para examiná-la antes de fechar a compra e, em seu relatório por escrito, ele deu a ela nota 10). O quintal era lindo, com palmeiras adultas, flores iúcas e grandes cactos, e nos fundos havia uma piscina recém-pintada. Era uma bela casa.

Comecei a perguntar-me por que tantas pessoas que viveram na casa antes de mim decidiram não ficar ali muito tempo. Afinal de contas, era uma casa agradável localizada em uma rua não movimentada em um bairro bem cuidado de classe média, e os vizinhos que eu já conhecera pareciam ser muito amigáveis e normais.

Pouco tempo após nos mudarmos para a casa, uma série de eventos estranhos e inexplicados começaram a acontecer, iniciando com um som de batidas alto e contínuo que nos acordou no meio da noite. Assustadas, fomos investigar o som e encontramos a portinhola de madeira para o sótão (que se localizava no teto no fim do corredor) batendo violentamente de cima para baixo com muita força. Isso continuou por alguns momentos enquanto olhávamos sem acreditar. Dai, tão repentinamente quanto começou, aquilo parou. Antes de voltarmos para a cama, apanhei uma corda e prendi a portinhola à maçaneta da porta do armário com força, para que não batesse mais.

No dia seguinte, um senhor com quem minha mãe estava namorando nos últimos dois anos veio nos visitar e checkou o sótão para nós. Não parecia haver nada fora do normal e ele não conseguiu pensar em uma explicação para o que acontecera na noite anterior. Ele disse que se nosso sistema de refrigeração por evaporação estivesse ligado com todas as portas e janelas fechadas, a pressão do ar poderia ter forçado a portinhola a abrir, mas não havia nada ligado naquela noite. Nem mesmo um ventilador.

Numa manhã, após minha mãe ter saído de casa para trabalhar, desper-tei com o som de uma pancada alta vinda da sala de estar. Quando saí da cama para investigar, descobri que uma pintura a óleo, que ficava em cima do sofá, caíra sem razão aparente. Fui recolocá-la no lugar e notei que o gancho no qual o quadro ficava pendurado estava firmemente preso à parede

e o arame do quadro estava perfeitamente intacto. Fiquei pensando o que poderia ter causado a queda do quadro, chegando à conclusão de que alguém ou alguma coisa precisaria ter tirado o arame do gancho antes de jogar o quadro sobre o sofá. Mas quem? E por que razão?

O espírito que assombrava a casa na Sunnybrae estava tornando-se mais ativo e, a cada dia que passava, eu podia sentir sua presença nefasta ficando mais forte. Ele se fizera mostrar a mim e minha mãe graças ao seu comportamento de *poltergeist*, mas claramente desejava fazer mais. Ele queria que eu soubesse que *ele* estava ciente de *mim*.

Ele conseguiu isso uma tarde quando estava sozinha em casa, sentada na mesa da sala de jantar lendo poesias que recebera para o jornal de poesias *Golden Isis*, que estava editando e publicando. A casa estava muito quieta e parada, exceto pelo tique-taque de um pequeno relógio de porcelana na sala de estar. E então, de repente, o silêncio foi quebrado pelo som de uma voz feminina dizendo meu nome. O tom da voz era esquisito. Ela declarara meu nome, em vez de dizê-lo, como se quisesse que eu soubesse que ela sabia qual era meu nome. Instintivamente, olhei em volta, pensando que minha mãe voltara para casa cedo e, de alguma forma, eu não a ouvira entrando. Chamei seu nome, mas um silêncio sepulcral foi minha única resposta. Nesse momento reparei em uma estranha nebulosidade que parecia tomar o ar. Era muito fina e quase indetectável. Comecei a sentir calafrios e senti um desconforto tomando meu corpo. Chamei por minha mãe novamente, perguntando se ela estava em casa. De novo, não houve resposta. Eu sabia que não era minha mãe. Passou-se mais ou menos um minuto e então ouvi o que soava como o som vago e suave de uma caixa de música sendo tocada a distância. A melodia era desconhecida para mim e me lembro que havia um tom de melancolia nela. Levantei-me da mesa e, com meu coração batendo acelerado, caminhei silenciosamente nas pontas dos pés pela sala de jantar até a sala de estar e daí pelo corredor até o quarto de minha mãe, de onde parecia vir o som da música. Mas, no instante em que coloquei minha mão na maçaneta da porta para entrar no quarto, a música cessou. Como a estranha névoa no ar, ela simplesmente desapareceu.

Meses se passaram sem mais incidentes. O outono substituiu o verão até que chegou o feriado de Ação de Graças e, com ele, uma chuva de gelar os ossos. Naquela noite tínhamos convidados para o jantar — minha prima, Bárbara, seu marido, Jimmy, e seus dois filhos. Eles sabiam muito bem da atividade sobrenatural que ocorrera na casa meses antes e, durante nossa conversa após o jantar, o assunto de fantasmás acabou surgindo. Sem aviso, batidas fortes, como o som de alguém esmurando uma parede com raiva, veio do quarto de visitas no outro lado da casa e parou após alguns segundos. Todos corremos para o quarto para investigar, mas não encontramos nada.

Esses acontecimentos eram enervantes porque aconteciam repentinamente e quando eram menos esperados, mas não inspiravam pavor em mim

ou faziam sentir-me ameaçada. Pelo menos não até uma noite em que estava sozinha em casa e ouvi o som da torneira externa que ficava atrás da casa sendo aberta e fechada. Quando olhei pela porta deslizante do pátio para o quintal iluminado pela Lua, fiquei aterrorizada ao ver uma silhueta negra do que parecia um homem parado em silêncio, observando a casa. A torneira continuou a abrir e fechar conforme a figura começou a caminhar lentamente em minha direção. Com meu coração a mil por hora, imediatamente liguei as luzes do pátio e da piscina na esperança de assustar o invasor, mas o som intermitente de água correndo pelos canos nas paredes continuou.

Pela primeira vez desde que nos mudáramos para aquela casa, eu me senti aterrorizada. Estava tão assustada que até telefonei para a polícia diversas vezes e contei que alguém estava tentando entrar na minha casa. A polícia não veio e passei o resto de minha noite insone no quarto da minha mãe, armada com uma faca de cozinha, um martelo e com uma mesa cheia de gavetas bloqueando a porta.

Outro incidente assustador ocorreu na casa quando minha mãe estava viajando com alguns amigos no fim de semana. Bárbara e eu tínhamos combinado de sair naquela noite e pegarmos um cinema com seu filho e sua filha e ela veio de carro até minha casa para buscar-me. Antes de sairmos, assegurei-me de ligar uma luz e um rádio (ambos na cozinha) para fazer parecer que havia alguém em casa enquanto eu estava fora (eu sempre fazia isso para afastar ladrões).

Quando voltamos mais tarde naquela noite, minha prima viu uma sombra estranha movendo-se pela cortina na janela da cozinha quando nos aproximávamos da porta. Achando que isso fora causado pelos faróis de algum carro que estava passando ou o reflexo de uma das luzes da rua, ela rapidamente esqueceu o assunto e nem sequer me contou até mais tarde. Destranquei a porta da frente e entramos no vestíbulo. A casa estava silenciosa e fria como uma tumba e o som de nossos passos no chão azulejado ecoava.

— O rádio não estava ligado quando saímos? — perguntou Bárbara com uma expressão de medo surgindo em seu rosto.

Nervosa, confirmei com um aceno de cabeça enquanto ia para a cozinha examinar o rádio. Acabei descobrindo que alguém ou alguma coisa virara o botão para a posição de “desligado”. De repente, senti uma presença estranha e ameaçadora na casa e, apesar do ar gelado, percebi que estava suando frio.

— Você não deixou uma vela acesa em um dos quartos, deixou? — ouvi Bárbara perguntar do vestíbulo, onde ela ficara.

— Não, é claro que não — respondi, ao mesmo tempo em que voltava ao vestíbulo para ver do que ela estava falando. Pude ver uma luz estranha emanando de um dos quartos no fim do corredor. Era como o brilho fraco de uma vela, lampião ou um abajur. Ficamos paradas lá por cerca de meio minuto com nossos olhos fixos nela quando, de repente, o brilho foi eclipsado por uma sombra escura com forma humana que se movia em nossa direção. Gritamos e, sem hesitar, saímos correndo da casa tão rápido quanto

nossas pernas permitiam, buscando refúgio no carro de Bárbara, que estava parado no meio-fio em frente à casa. Trancamos as portas, ligamos o motor e ficamos sentadas lá pelo que pareceu uma eternidade, vigiando a casa em busca de algum movimento ou atividade. Não havia nada.

Finalmente fomos até o condomínio onde minha mãe estava e lhe contamos nossa experiência em Sunnybrae. Ela reuniu os amigos e todos voltamos para a casa, apenas para encontrarmos tudo aparentemente normal. Todos os cômodos foram examinados cuidadosamente, mas não havia sinais de invasão e não estava faltando nada. Notei que o estranho frio que sentáramos dentro da casa mais cedo desaparecera.

Nessa época, Bárbara começou a experimentar visões estranhas e horríveis sobre minha casa. Uma vez ela viu em seu olho da mente uma das paredes da minha sala de estar (aquela de onde o quadro caíra) coberta de sangue e captou o que ela sentiu ser impressões psíquicas de uma mulher de meia-idade sendo brutalmente assassinada dentro da casa. Ela também sentiu que os fantasmas da mulher assassinada e seu assassino assombravam a casa.

Fossem as visões de Bárbara eventos reais do passado ocorridos na casa ou simplesmente o resultado de medo e uma imaginação hiperativa, elas me motivaram de qualquer modo a começar a pesquisar a história da casa na esperança de encontrar algumas respostas. Comecei entrevistando alguns de meus vizinhos para ver se eles sabiam de alguma morte ou assassinato que tivessem ocorrido na casa. Ninguém com quem falei tinha qualquer conhecimento de tais acontecimentos. Mas ninguém vivera no local o tempo suficiente para saber a história completa da casa e de todos os que nela viveram, antes de minha mãe e de mim.

Meu passo seguinte foi me dirigir à livraria pública e examinar seu arquivo de jornais na esperança de encontrar alguma informação. Muitas e muitas horas foram gastas checando obituários e procurando por notícias sobre assassinatos e pessoas desaparecidas na região do West Valley, mas todos os meus esforços foram infrutíferos. Sentindo como se estivesse tentando encontrar uma agulha no palheiro, decidi desistir e voltar para casa frustrada e mentalmente exausta.

Naquele momento parecia que a única maneira que restara para descobrir o que realmente acontecera na casa, quem a estava assombrando e por que, era realizar uma sessão espírita. Entretanto, não fui capaz de encontrar pessoas com disposição (ou talvez coragem o bastante) para participar. E certamente não me senti nem um pouco confortável com a idéia de tentar entrar em contato sozinha com o que quer que se escondia nas sombras de Sunnybrae.

Minha pesquisa da história da casa chegara ao fim, mas as assombrações propriamente ditas, não. Na verdade, elas estavam ficando mais frequentes... e mais assustadoras.

Uma noite, a lâmpada no teto do quarto de minha mãe explodiu misteriosamente, lançando uma chuva de faíscas sobre a cama na qual ela estava

dormindo. Pouco tempo depois disso, minha prima Bárbara contou-me que várias vezes em que me ligava e ouvia a secretária eletrônica, ela ouvia uma voz masculina estranha sussurrando algo na linha enquanto ela tentava deixar uma mensagem para mim. A voz do homem não era ouvida quando tocávamos a fita.

Esses acontecimentos inexplicados e a atmosfera inquietante dentro da casa estavam começando a ter um efeito negativo sobre minha mãe e eu. Minha mãe parecia estar sofrendo uma mudança de personalidade, ficando cada vez mais irritadiça e, às vezes, seu comportamento poderia ser descrito como próximo do irracional. Era como se estivesse se transformando em uma pessoa totalmente diferente da mãe que eu conhecera e amara toda minha vida, o que me perturbava bastante. Eu acabei caindo em um estado de depressão sem razão aparente. Comecei a escrever poesias mórbidas sobre amantes vampiros que chupavam sangue e sobre ser enterrada viva. Um interesse crescente no lado mais negro do oculto começou a consumir-me.

Entre os muitos poemas voltados para a morte que escrevi enquanto vivia na casa da Av. Sunnybrae, o que eu escrevi sobre enterro prematuro foi o que mais me assombrava. Inspirado por uma história escrita por Edgar Allan Poe, o poema a seguir foi publicado pela primeira vez na *Golden Isis Magazine* em 1980 e republicado (em uma versão ligeiramente modificada) na edição de julho de 1987 de *Thirteen*:

Enterro Prematuro

*Guarda-chuvas negros sob a chuva,
Lágrimas derramadas, condolências trocadas,
Os de luto escondem suas faces pálidas,
Escondidas em véus de laços negros.
A pálpebra está fechada, o caixão é abaixado,
Orações caem em ouvidos surdos,
Conforme ao útero da Mãe-Terra
Minhas cinzas são devolvidas.
Mas no ribombar do trovão
E no silêncio da terra,
Onde a carne apodrece e vermes alimentam-se,
Meus gritos permanecem não ouvidos.*

Eventos não relacionados à assombração nos forçou a pôr a casa na Av. Sunnybrae à venda em 1982. Entretanto, vendê-la mostrou não ser nada fácil. Muitos compradores em potencial vinham dar uma olhada no lugar, mas parecia que ninguém queria fazer nenhuma oferta. Não foi surpresa ouvir mais de uma pessoa comentar que tinham a sensação de que a casa não parecia certa. Eu me lembro de um jovem casal hispânico que meu

corretor trouxe para ver a casa. Eles fizeram o *tour* pela casa e do outro cômodo ouvi a esposa dizendo que não gostava da casa e que queria sair dali imediatamente. Ela então disse algumas palavras em espanhol para seu marido, e sua frase terminou com as palavras “Castelo de Drácula”.

Nós eventualmente vendemos a casa, mas somente quando reduzimos o preço em vários milhares de dólares a menos do que pagamos por ela dois anos antes é que os compradores começaram a nos fazer ofertas. Lamentamos perder dinheiro sobre nosso investimento, mas, ao mesmo tempo, ficamos felizes de nos livrarmos da casa e de toda sua energia negativa.

Dois dias antes da Sexta-feira 13, em agosto de 1982, removemos nossas coisas da casa. Conforme minha mãe e eu caminhávamos para o carro com nossa bagagem na mão, eu me virei para dar uma última olhada no que se tornara nosso antigo lar. Repentinamente senti uma sensação de libertação e alívio correr por meu corpo, como se alguma nuvem escura tivesse finalmente se dispersado. Desse dia em diante, minha mãe voltou a ser como era antes e meus ataques de depressão acabaram, assim como minha estranha obsessão com a morte e o lado negro.

A Propriedade Moses Day

Na movimentada Boston Road em Haverhill, Massachusetts, fica uma grandiosa casa colonial de doze cômodos do final do século XVII, conhecida pela Sociedade Histórica local como a Propriedade Moses Day. É uma das casas mais antigas na região e, por quatro anos, foi a casa que partilhei com Al (meu companheiro), minha mãe e meu tio Richard, que sofria de um caso grave de doença de Parkinson.

No dia em que comprei a propriedade, meu agente imobiliário — que alega ter visto a imagem fugidia de um fantasma da era colonial em uma cadeira de balanço do lado da lareira no quarto principal enquanto mostrava a casa a outro possível comprador — presenteou-me com uma dádiva de boas-vindas. Era um artigo de pesquisa maravilhosamente feito por um historiador local que catalogou em detalhes a história da Propriedade Moses Day, listando os nomes das pessoas que sabidamente viveram nela nos últimos trezentos anos. Incluía também a data de seus nascimentos e mortes.

Enquanto passava os olhos pelos inúmeros nomes dos antigos ocupantes da casa, não pude deixar de imaginar se os espíritos de alguma dessas pessoas poderia ainda estar habitando o lugar.

Não foi muito depois de nos mudarmos para nosso novo lar que uma série de eventos incomuns e inexplicados começaram a ocorrer. Por alguma razão, muitos deles aconteciam no quarto principal, onde Al e eu dormíamos.

Certa vez, tarde da noite, o som lamentoso de uma criança chorando baixinho perturbou nosso sono. Parecia emanar de dentro da lareira do

quarto principal, a qual, como as outras seis lareiras da casa, estava selada com tijolos por um número indeterminado de anos. Al e eu ouvimos esse choro sinistro em diversas ocasiões, apesar de só acontecer tarde da noite e parecia esperar até que tivéssemos adormecido. Algumas vezes, em vez do choro, ouvíamos uma voz sussurrante vinda da lareira, mas não importava quanta atenção prestávamos, nunca podíamos falar claramente o que ela estava dizendo.

O mistério da lareira assombrada do quarto principal despertou nossa imaginação e nos levou um dia a abri-la com um martelo para revelar quaisquer segredos sombrios e talvez centenários que lá se escondiam. Após derrubar os tijolos e olhar lá dentro, nossos olhos depararam-se com um amontoado de cinzas, ferrugem de chaminé e tijolos cobertos de creosoto, envolvido por teias de aranha grossas e cinzentas, em razão de décadas de pó acumulado. Usando uma pá, começamos a limpar a lareira e ficamos perplexos quando encontramos um grande osso no meio da sujeira. De início pensamos que era humano, mas depois descobrimos que era, na verdade, o osso da perna traseira de um cachorro.

Isso apenas levantou novas questões sobre o mistério. Onde estava o resto do esqueleto do cachorro? Por que razão um de seus ossos foi selado na lareira do quarto principal tanto tempo atrás? E seria o choro fantasmagórico que ouvíamos com frequência à noite, talvez de uma criança fantasma morta há muito tempo, um lamento pela perda de um animal de estimação muito amado no passado tão longínquo? Só pudemos imaginar.

Al e eu ouvíamos com frequência à noite o que parecia ser o som de passos vindos do sótão sobre nosso quarto e, uma tarde em que Al estava me ajudando a guardar as roupas lavadas, um aspirador de pó no outro lado do cômodo repentinamente ligou-se sozinho, dando-nos um enorme susto, para dizer o mínimo!

Uma noite, quando estávamos dormindo no quarto principal, tive um sonho incomum e assustador. Era o tipo de sonho que parece tão real que é impossível não imaginar se não seria mais que um simples sonho. No meu caso em particular, senti que algo sobrenatural estava usando meu sonho para comunicar-se comigo: sonhei que acordei sozinha no quarto, levantei-me da cama e desci as escadas até a sala de estar. A televisão estava ligada, mas não tinha som e, em frente a ela, eu vi Al levitando de costas no ar em algum tipo de transe, com seus olhos bem abertos. Como se alguém controlasse todos os meus movimentos, comecei a andar em direção à cozinha onde, no escuro, pude ver uma coisa escura e sem forma definida se materializar e em seguida começar a mover-se lentamente em minha direção. Tomada pelo terror, gritei e então despertei do sonho.

Como no sonho, vi-me sozinha no quarto. Desci as escadas para encontrar Al e do corredor no fim delas pude ver a luz da televisão vinda da sala de estar, mas não havia som. O volume tinha sido diminuído totalmente ou estava tão baixo que mal podia ser ouvido. Sentindo-me um pouco

preocupada em virtude das similaridades entre o que acabara de experimentar no sonho e o que estava experimentando acordada, entrei na sala de estar, sem saber o que esperar. Encontrei Al no chão em frente à televisão. Ele estava dormindo e seu corpo estava na mesma posição, de costas. Então ouvi um estranho som vindo da cozinha e pensei se deveria investigar. Entretanto, meu medo de reencontrar a entidade sem forma e escura que vira antes em meu sonho era muito maior que minha curiosidade. Então, em vez de fazer isso, acordei Al e o levei de volta para a cama.

No ano seguinte, conforme a condição de meu tio Richard piorava e ele foi ficando cada vez mais frágil e fraco, uma onda de atividades do tipo de *poltergeist* começou em seu quarto. Cestas de roupa suja eram viradas no chão e gavetas pesadas cheias de roupas eram lançadas da penteadeira e acabavam do outro lado do quarto. Surgiu um pequeno buraco na parede e, como se estivesse sendo escavado aos poucos, ia crescendo a cada dia que passava até que tinha uns trinta centímetros de diâmetro. Acamado e progressivamente delirante, tio Richard não tinha forças para fazer tal coisa.

Ele começou a ver pessoas estranhas em seu quarto quando não havia ninguém com ele. E, certa vez, exigiu com raiva que minha mãe explicasse quem eram aquelas pessoas e por que ficavam entrando em seu quarto à noite, acordando-o. Ele contou-lhe que elas sussurravam e resmungavam coisas estranhas para ele de maneira ininteligível. Minha mãe achou que ele ficara louco.

À noite podíamos ouvi-lo em seu quarto conversando com seus visitantes espectrais. Às vezes, ele tinha longas conversas com eles, contando piadas e rindo. E, às vezes, parecia-nos que ele estava falando de trás para frente ou em alguma língua estrangeira irreconhecível, que se diz ser uma das características comuns de quem está possuído. Em certas ocasiões, ele ficava bastante irado e ordenava-lhes que saíssem de seu quarto. Uma vez o ouvimos conversando com sua mãe, que morrera quinze anos antes.

Conforme a morte aproximava-se dele, a condição mental de tio Richard começou a deteriorar rapidamente, deixando o resto de nós incertos se as visitas noturnas que ele alegava estar recebendo não seriam nada além do resultado da demência causada por sua doença ou se eram espíritos reais dos mortos que vinham chamá-lo. Afinal de contas, estávamos mesmo vivendo em uma casa onde fenômenos paranormais foram presenciados em uma oportunidade ou outra por todos os membros da família.

Mas, sem dúvida, uma das coisas mais estranhas e assustadoras que experimentamos com meu tio foi a noite em que minha mãe, Al e eu o escutamos sozinho em seu quarto falando em diferentes vozes, incluindo uma que parecia com a voz de uma mulher. Intrigados, nós três ficamos no pé da escada por um bom tempo e escutamos com atenção a conversa bizarra e ininteligível que estava acontecendo no escuro atrás da porta. Entretanto, quando as vozes começaram a falar *simultaneamente*, olhamos uns para os outros com horror e confusão estampados em nossos rostos. Al sugeriu que

subíssemos as escadas para checar como estava Richard, mas nenhum de nós se sentiu confortável para fazer isso naquele momento. Quando a conversa foi substituída por um silêncio espectral, nós três juntamos coragem suficiente para subir nas pontas dos pés até o quarto com uma lanterna. Encontramos tio Richard dormindo um sono solto em sua cama. Olhamos em volta, mas não parecia haver nada fora do lugar no quarto.

Na noite seguinte, quando fui dar ao tio Richard seu remédio, encontrei-o em sua cama com seus olhos encarando inexpressivamente e sua boca aberta e contorcida de forma assustadora. Sua pele estava pálida e fria e eu soube imediatamente que ele estava morto. A expressão em seu rosto era terrível. Parecia que ele literalmente morrera de tanto medo.

Cremamos o corpo do tio Richard e suas cinzas foram devolvidas a nós em uma pequena urna crematória, que coloquei sobre meu altar no sótão e rezei sobre ela.

Não muito depois de sua morte, minha mãe teve uma experiência assustadora em seu quarto. Ela acordou uma noite e encontrou uma renda amarelada e em decomposição amarrada em volta de seu pescoço. Quando ela a mostrou a mim na manhã seguinte, recebi dela a impressão psíquica de que viera da mortalha de um corpo. Eu senti também que o corpo era de alguém que vivera na casa muito tempo atrás e cujo espírito nela remanesce. Como ou por que o pedaço de renda acabou aparecendo no quarto de minha mãe provavelmente nunca saberemos.

Al também foi alvo dos mortos sem descanso da Propriedade Moses Day em diversas ocasiões. Numa tarde, quando estava cortando a grama, ele foi atingido por diversas garrafas de vidro e latas de refrigerante jogadas por forças invisíveis. Noutra ocasião, enquanto varria as folhas no lado sul da casa, uma tela de uma das janelas do segundo andar se soltou e caiu no chão, quase acertando sua cabeça. Entretanto, esses *ataques* inexplicados e outros similares nunca assustaram muito o Al. Em vez disso, ele achava esses fenômenos muito fascinantes e, algumas vezes, até divertidos.

Uma noite, enquanto minha mãe e eu estávamos na cozinha discutindo por alguma coisa, fomos interrompidas por uma rápida sucessão de pancadas fortes. Pareciam vir do sótão, onde guardávamos as cinzas do tio Richard enquanto decidíamos o que fazer com elas. Subimos até o topo da escada do sótão para investigar, mas não conseguimos encontrar nenhuma explicação para as pancadas. Perguntamo-nos se poderia ser um sinal de que o espírito do tio Richard estava se sentindo incomodado com nossa discussão, ou se estava tentando nos dizer que não estava conseguindo descansar em razão de seus restos mortais esquecidos no sótão.

Na primavera seguinte enterramos as cinzas de Richard em uma cova sem marca no terreno, e um sentimento de calma pareceu tomar toda a casa. Sentimos em nossos corações que o espírito de Richard finalmente conseguira descansar em paz.

Em dezembro de 1990, vendemos a Propriedade Moses Day e nos mudamos de volta para o San Fernando Valley, ao norte de Los Angeles. Ficamos lá por três anos até que tive uma perturbadora premonição que nos levou a mudar de volta para a região leste. Aproximadamente três semanas após deixarmos a Califórnia, um terremoto devastador atingiu o San Fernando Valley, registrando 6.7 na escala Richter.

“Em quase todas as famílias há registro de como alguém ‘ouviu vozes que os outros não conseguiam ouvir’, ou dos mortos falando em tom familiar. Daí a crença em fantasmas, assim que os homens começaram a preocupar-se com a morte ou a sentir falta dos que já partiram” — Charles Godfrey Leland.

A Assombração da Mansão Dunwich

Localizada de forma grandiosa no topo de um morro cercado por dois acres de bosques, próxima à fronteira com o Canadá no norte do Estado de Nova York, a mansão vitoriana que eventualmente ficou conhecida por todos em meu coven como a “Mansão Dunwich” parecia lançar uma aura de elegância vitoriana e segredos ancestrais sobre mim desde que a vi pela primeira vez. Gasta por mais de um século de chuvas de verão e invernos rigorosos, a casa estava precisando de um pouco de carinho e cuidados. Atrás dela ficava uma garagem para carroças muito mais velha que a casa principal e num certo estado de abandono.

Havia um boato de que a garagem para carroças possuía uma passagem subterrânea secreta que era usada por escravos negros em fuga para o Canadá na época da lendária “Ferrovia Subterrânea”. No topo de seu telhado, as pás enferrujadas de um velho cata-vento emitiam sons estridentes com as brisas geladas que anteviam a chegada de um inverno prematuro e rigoroso.

Construída no final do século XIX por Edwin Richardson (que era um dos homens trazidos à região pela construção de uma ferrovia), a casa era famosa nas redondezas por ter sido a primeira na comunidade rural de Fort Covington a utilizar uma fornalha para aquecimento e já fora considerada um dia uma das melhores propriedades em todo o Condado de Franklin. Mas a casa, como descobri mais tarde, tinha uma reputação bem difundida de ser assombrada e muitos habitantes locais tinham medo de pôr os pés dentro dela, ou mesmo chegar perto do lugar — principalmente depois do anoitecer. Houve relatos de muitas pessoas que passavam por ela alegando ter ouvido o som de choro vindo do sótão tarde da noite, ou visto luzes estranhas brilhando e movendo-se pelas janelas quando não havia ninguém lá, além de outras histórias estranhas.

Mesmo os poucos que não conheciam as lendas locais sobre a velha mansão vitoriana no morro mal podiam olhar para o lugar sem sentir que



havia uma presença fantasmagórica na casa, ao redor dela e no seu terreno. Principalmente nas condições presentes, ela parecia um exemplo perfeito de mansão mal-assombrada de um filme de terror. Ainda assim, a despeito de sua pintura desbotada e descascando e sua varanda de entrada em estado deprimente, eu vi a casa

como uma verdadeira e belíssima obra de arte que mantinha muito de seu charme gracioso de tempos passados. Sempre sonhara em comprar e viver em uma antiga casa vitoriana e agora meu sonho estava para ser realizado.

Olhando para uma das janelas do sótão eu quase tive certeza de ver o rosto de uma mulher pálida espiando de trás dos vidros embaçados, mas assim que meus olhos começaram a focalizá-la, ela desapareceu. Quando a agente imobiliária destrancou a porta dos fundos para mostrar-nos a casa, eu meio que brincando perguntei se a casa tinha algum fantasma. Ela sorriu para mim e disse: “Os donos atuais não disseram nada sobre essa casa ser assombrada... mas nunca se sabe! Muitas pessoas das redondezas acham que ela é”.

Ela me disse então que, se os donos dessem qualquer indicação de que a casa era assombrada, de acordo com a lei do Estado de Nova York, ela seria legalmente obrigada a revelar essa informação a todos os compradores em potencial. Ela então me contou uma interessante história verdadeira sobre uma pessoa que recentemente comprara uma casa vitoriana, antiga e cara, de frente para o rio em Nyack, no Estado de Nova York, e mais tarde, quando um arquiteto que tinha medo de fantasmas recusou-se a trabalhar na casa, descobriu que ela era freqüentemente visitada por uma aparição vestida em roupas da época da Revolução pela Independência dos Estados Unidos. Dizia-se que a aparição era de natureza benevolente; entretanto, o comprador foi à Justiça do mesmo jeito, na tentativa de rescindir o contrato de venda com base no fato de que a casa tinha um fantasma. Como nem os donos nem o agente imobiliário mencionaram antes da venda essa assombração bem conhecida (a qual fora bem documentada em um artigo no Reader's Digest em 1991), o juiz concedeu ganho de causa para o comprador e ordenou que o pagamento de entrada fosse devolvido!

— Eu nunca faria uma coisa assim — disse para a agente imobiliária enquanto ela me conduzia pelas portas enfeitadas para o grande salão com suas molduras de gesso ornamentado e suas três grandiosas janelas. — Eu sempre achei fantasmas e casas assombradas muito intrigantes.

Conforme eu a seguia por uma escada em forma de caracol, passando por uma belíssima janela com vidro embaçado que dava vista para um santuário, ela me disse, quase num sussurro:

— Tenho certeza de que você vai achar essa casa muito interessante, se decidir comprá-la, é claro.

E foi exatamente isso que eu fiz. Em dezembro de 1993, o contrato foi assinado, selado e entregue, e eu, com Al e minha boa e velha mãe, empacotamos nossas coisas e nos mudamos para a casa.

Os fantasmas que assombravam nossa velha *senhora pintada* (que é como as casas vitorianas são romanticamente apelidadas) não perderam tempo em se fazer notar por nós. O caminhão de mudança com nossa mobília não chegara ainda, por isso passamos nossa primeira noite na casa dormindo na sala de estar em um velho sofá-cama que os antigos donos deixaram para trás. Era pouco depois da meia-noite quando acordei com o som de tábuas rangendo vindo dos cômodos sobre nós. Com muito medo que alguém tivesse invadido nossa casa enquanto dormíamos e estava andando pelo segundo andar, acordei Al e falei que poderia haver um invasor na casa. Ele foi investigar, mas voltou alguns minutos depois e me informou que não havia ninguém lá em cima, assegurando-me que a casa era bastante segura. Ele sugeriu que o ranger que eu ouvira era provavelmente um dos sons naturais de uma casa antiga como aquela. E então disse que “era isso ou tem um fantasma perambulando lá em cima”.

Desligamos o velho candelabro Capo di Monte que ficava pendurado em um medalhão de gesso ornamentado e voltamos para a cama. Não haviam passado mais que alguns minutos antes que a temperatura da casa repentinamente ficasse estranhamente fria. Na mesma hora em que pensava como isso era estranho, uma vez que a fornalha estava ligada e os aquecedores a vapor nos cômodos estavam pelando, o silêncio da noite escura foi interrompido abruptamente por batidas fortes vindas do segundo andar. Parecia com um punho batendo com raiva em uma parede e lentamente deslocou-se do lado leste da casa para o oeste, onde ficava a escada em caracol. Fiquei aos pés da escada e gritei corajosamente para as trevas sobre mim: “Pare com essa algazarra aí em cima! Estamos tentando dormir aqui embaixo!” — O som cessou imediatamente conforme minhas palavras ecoavam pelos cômodos vazios e pude sentir o calor dos aquecedores voltando.

Desse momento em diante fiquei convencida de que não estávamos sozinhos na casa. Senti que fizera contato com um espírito naquela noite. Ele ouviu minha voz e estava ciente de minha presença na casa (ou talvez devesse dizer que ele estava ciente de minha presença no que ele considerava *sua* casa). Essa idéia me deixou muito excitada, mas, ao mesmo tempo, deixou-me com uma sensação apreensiva que cobria todo meu corpo da mesma forma que uma aranha envolve seus fios sedosos e mortais no corpo de um inseto preso em sua teia.

Pouco após nos mudarmos para a casa, começamos a reformar e remodelar o lugar. Com o nosso quarto principal no topo da lista, Al e eu tivemos que levar nossa cama e penteadeira para um quarto de hóspedes menor, perto do topo das escadas, onde dormimos até que o serviço no quarto principal estivesse terminado.

O quarto de hóspedes era um cômodo em estilo “cape” com um teto de gesso rachado e manchado pela água, papel de parede bege que já vira dias melhores, cortinas bordadas de cor dourada em deterioração que perderam

sua elegância em virtude da passagem do tempo e uma luminária coberta de teias de aranha com uma proteção em forma de sino, que era considerada moderna no início do século XX. Mas o quarto também tinha uma certa estranheza e tristeza inexplicáveis, as quais eu não senti com tanta força em nenhum outro cômodo da casa, à exceção de um pequeno quarto de costura cheio de tralhas no sótão que, estranhamente, tinha uma porta com cadeado (segundo a lenda local, no século anterior uma mulher que sofria de doenças mentais fora mantida presa no sótão, onde eventualmente encontrou sua morte. Ao abrir o cômodo com a porta com cadeado, no sótão, descobrimos que as paredes e o teto estavam cobertos com uma substância verde parecida com giz que, ao ser removida com sabão e água, revelou diversas marcas de mãos manchadas com sangue, que se tornaram marrons com os anos).

A primeira noite em que Al e eu dormimos no quarto de hóspedes, tive uma experiência estranha e aterrorizadora que, até o dia de hoje, continua me dando arrepios sempre que me lembro dela. Sonhei que acordara no meio da noite e me sentei na cama. Uma luz pálida e brumosa, que poderia ser tanto uma luz da rua ou a Lua, estava entrando por uma fenda entre as cortinas e iluminava o quarto só o suficiente para que pudesse ver a parede do lado oposto ao da cabeceira da cama. Percebi uma porta no meio da parede onde antes não havia nada e a abri lentamente sem fazer o menor ruído. Lembro-me de pensar como isso era curioso, uma vez que não havia cômodos do outro lado da parede. Não havia nada, além do lado de fora. Quando a porta se abriu completamente, a figura sinistra de um homem sem rosto vestido de negro apareceu na porta e estendeu uma de suas mãos para mim. Eu me vi começando a estender o braço para tomar sua mão quando, de repente, algo me disse que, se eu o tocasse, certamente morreria. Imediatamente recolhi minha mão e gritei “Não!” tão alto quanto meus pulmões permitiram. Ele imediatamente recuou, e a porta bateu atrás dele.

Com meu coração acelerado e meu corpo molhado de suor, acordei do que percebi ser um horrendo pesadelo. Na mesma hora em que eu me sentei e olhei para a parede diante de mim, aliviada de ver somente o papel de parede bege que estava enrolado nas pontas, Al também acordou e se sentou ao meu lado. Supondo que eu o acordara ao gritar em meu sonho, expliquei que acabara de ter um pesadelo e, sem revelar nenhum detalhe, desculpei-me por tê-lo acordado.

Mas Al não me ouvira gritar. Alguma outra coisa fora responsável por acordá-lo de seu sonho. Eu perguntei-lhe o que era então que o fizera acordar, sentindo na mesma hora calafrios percorrendo meu corpo, quando ele disse que fora o inconfundível som de uma porta se batendo.

Foi na primavera, após a neve do inverno ter finalmente derretido, que nossa amiga Lisa veio de Boston para visitar-nos por alguns dias. Nós a colocamos no quarto de hóspedes (que já estava redecorado a essa altura) e achamos melhor não mencionar o sonho estranho que Al e eu tivemos

naquele quarto. E não foi porque achamos que ela fosse ficar com medo, mas sim porque achamos que não acreditaria. Quando o assunto era o sobrenatural, Lisa era naturalmente cética e dificilmente acreditava em fantasmas ou qualquer coisa do tipo. Ela sabia há muitos anos de meu interesse pelas artes ocultas e não apenas o aceitava, mas também respeitava meu jeito e minhas crenças mesmo sendo tão diferentes das dela. Ao mesmo tempo, ela orgulhava-se de ser uma pessoa que acreditava firmemente que todas as coisas, independentemente do quão estranhas e confusas pareçam, sempre têm uma explicação lógica e científica. Para nossa amiga de Boston, o conceito de fantasmas não era nem lógico nem científico. Estava mais para simplesmente ridículo.

A visita de Lisa parecia estar indo muito bem. Entretanto, não pude deixar de notar que nos dois primeiros dias em que ela ficou conosco, a luz de seu quarto ficou acesa a noite toda. As portas de nossos quartos tinham janelas transversais de vidro no topo que deixavam entrar a luz em nosso quarto, dificultando para eu e Al dormirmos direito. Durante o café da manhã no terceiro dia de sua visita eu educadamente perguntei se ela estava tendo dificuldade em dormir ou se era seu costume dormir com a luz acesa.

Para minha surpresa, Lisa ficou de repente muito perturbada emocionalmente e, com lágrimas nos olhos, contou-me sobre um homem vestido de preto e uma mulher com um vestido da era vitoriana que vinham aparecendo em seu quarto nas últimas duas noites, assustando-a e até atacando-a fisicamente. Ela estava com medo de falar alguma coisa e nós não acreditarmos, ou pior, acharmos que ela estava inventando isso ou perdendo a sanidade. Ela admitiu que, a princípio, pensou que Al e eu entráramos no quarto e, protegidos pela escuridão, tentáramos aplicar-lhe uma peça cruel para assustá-la ou tentar fazê-la acreditar em fantasmas. Logo percebeu que não éramos nós no quarto e voltou a dormir, considerando a experiência como nada mais que um sonho bizarro, causado talvez pela atmosfera sinistra da casa e sua antiga mobília vitoriana. Entretanto, o homem e a mulher apareceram em seu quarto novamente. Dessa vez, a mulher colocou suas mãos na garganta de Lisa e, segundo ela, tentou sufocá-la enquanto o homem de preto ficou de pé em silêncio do lado da cama, observando. Durante a luta, Lisa conseguiu acender a lâmpada próxima da cama, o que fez com que seus visitantes indesejados desaparecessem instantaneamente. Abalada e incapaz de dormir novamente, ela ficou acordada o resto da noite e passou as horas restantes lendo um livro.

Na noite seguinte, após desligar a luz do aposento e ir dormir, o casal spectral invadiu novamente a escuridão de seu quarto. Dessa vez o homem segurou Lisa na cama enquanto a mulher puxava violentamente um de seus braços, como se tentasse deslocá-lo. A experiência foi aterrorizante para ela, que descobriu que a única maneira de manter seus atacantes afastados era deixar a luz acesa até as primeiras luzes da aurora surgirem na janela.

Conforme nossa amiga nos contava sua história, ficou claro que ela estava visivelmente abalada pelo que vinha ocorrendo no seu quarto. Tentei assegurar-lhe que aquilo não passava de pesadelos recorrentes, mas Lisa tinha certeza de que não estava dormindo no momento dos ataques. Ela estava bem acordada.

Nesse momento decidi contar à nossa hóspede sobre o estranho sonho que tive sobre o homem e o som da porta batendo que acordou o Al quando estávamos no quarto de hóspedes. Lisa e eu sentimos que certamente havia uma conexão entre o homem em meu sonho e o que aparecia em seu quarto. Sugeri que realizássemos um ritual de banimento no seu quarto para livrá-lo de todo e qualquer espírito maligno e fiquei surpresa quando Lisa deu a entender que apoiava a idéia. Fiquei ainda mais surpresa quando ela perguntou se podia participar. Al e eu não vimos por que não.

Naquela noite, após o sol ter desaparecido atrás do horizonte, no oeste, e o céu sobre a casa ficar cheio de seus morcegos de toda noite, eu salpiquei um pouco de sal no chão do quarto de hóspedes e o fumiguei com um maço defumador de salva e cedro (duas ervas com uma antiga reputação de possuir poderes protetores e há muito tempo usadas por bruxas e xamãs para banir espíritos malignos e energias negativas). Então conjurei um círculo de proteção no chão, no qual Lisa, Al e eu ficamos, e acendi quatro grandes velas brancas — uma em cada um dos quatro pontos cardeais ao longo da circunferência do círculo. Conforme a fumaça aromática e a luz das velas encheram o quarto, invoquei a Deusa e o Deus Cornífero com uma prece e pedi sua proteção durante e depois do ritual. Então dei prosseguimento, entoando um encantamento adaptado de um antigo livro de Sybil Leek chamado *Driving Out the Devils*:

*“Em nome da Deusa Mãe!
Eu os expulso, todos os espíritos malignos!
Em nome de Diana, partam!
Em nome de Astarte, partam!
Em nome de Lilith, partam!
Em nome de Bridget, partam!
Em nome de todas as criaturas do Bem,
Deixem esta casa! Deixem esta casa!
Deixem esta casa! Deixem esta casa!
Este local é nosso domínio,
E somos mais fortes que vocês!
Partam, todos os espíritos malignos!
Partam desta casa imediatamente!”*

Enquanto dizia o feitiço repetidamente, notei as chamas das velas tremeluzirem com violência e queimarem mais forte do que já vira antes —

pelo menos 15 centímetros, se não mais! Uma lufada de vento gelado varreu o quarto enquanto as paredes rangiam e os vidros das janelas chacoalhavam. Após algum tempo, os rangidos e o chacoalhar pararam e uma atmosfera de tranqüilidade tomou o quarto. Olhei para as velas ao redor do círculo e elas voltaram a queimar normalmente. A presença sombria que sentíamos anteriormente no quarto não estava mais presente e eu estava confiante que o ritual conseguira expulsar qualquer espírito maligno que ocupara aquela parte da casa.

Naquela noite, Lisa dormiu no quarto de hóspedes sem ser perturbada nem precisar deixar a luz acesa. Entretanto, no café da manhã do dia seguinte minha mãe contou que acordara no meio da noite e vira uma mulher parada no corredor que levava ao seu quarto. O corredor estava escuro e ela não conseguiu enxergar o rosto dela direito. Entretanto, a mulher parecia ser do mesmo tamanho que a Lisa (que é bem mais baixa que eu), por isso minha mãe pensou que fosse ela.

— Se estiver com medo de dormir sozinha, Lisa, você pode dormir na minha cama comigo — sussurrou minha mãe, já sabendo dos pesadelos perturbadores (ou o que quer que fossem) que estavam atrapalhando o sono de Lisa desde que ela chegara.

A mulher não respondeu. Alguns instantes se passaram e então ela desapareceu na escuridão do corredor. Minha mãe se virou de costas para a porta e começou a cair no sono quando, de repente, ela sentiu o outro lado do colchão afundando com o peso do corpo de alguém. Supondo que Lisa reconsiderara sua oferta, ela não disse nada e voltou a dormir.

Lisa encarou minha mãe com uma expressão de choque:

— Mas eu não dormi no seu quarto ontem — ela disse. — Eu dormi sozinha no quarto de hóspedes a noite toda.

A princípio, minha mãe achou que Lisa estava lhe pregando algum tipo de peça, mas quando percebeu que ela estava falando sério, ela se virou para mim com uma expressão preocupada e perguntou:

— Então quem ou o que dormiu na minha cama comigo ontem?
É uma pergunta que permanece sem resposta até hoje.

Em outubro do ano seguinte, Lisa veio nos visitar novamente, dessa vez para passar o *Halloween* conosco. Os espíritos da casa foram mais legais com ela dessa vez e não houve pesadelos aterrorizantes ou ataque de fantasmas contra ela enquanto dormia no agora infame quarto de hóspedes. Mas sua segunda visita não passaria sem alguns acontecimentos perturbadores que desafiam qualquer explicação.

Um dos donos anteriores da casa — uma mulher conhecida como Hattie — comprara a propriedade em um dia de *Halloween* mais de meio século antes e tinha a fama de ser uma bruxa. Ela estava enterrada no cemitério da cidade na Rota 37, não mais que a uma milha de distância. Durante uma conversa sobre Hattie, Lisa e eu começamos a imaginar se ela poderia ser um dos espíritos a assombrar a casa ou se saberia (ou estaria disposta a

dizer) quem eram e por que ainda estavam lá. Uma vez que era noite de *Halloween* — uma época em que se diz que o véu entre o mundo dos vivos e o mundo dos espíritos está mais tênue que nunca — achamos que era uma boa hora de fazer um visita à velha Hattie.

Lisa, Al e eu fomos de carro até o cemitério deserto e procuramos pelo túmulo de Hattie, com uma lanterna. Quando o achamos, colocamos uma vela de *Halloween* com a forma de fantasma sobre sua lápide e a acendemos. Nós três formamos um círculo ao redor do túmulo enquanto eu chamava por Hattie, convidando seu espírito a aparecer diante de nós ou usar um de nós como veículo pelo qual poderia falar. Esperamos pelo som de uma voz ou algum tipo de sinal que mostrasse que ela estava conosco, mas a única resposta que recebemos foi o assobio do vento passando pelas árvores sem folhas e o som de folhas secas de outono se arrastando pelo asfalto da rua do cemitério.

Tentamos contatar o espírito de Hattie novamente. Dessa vez, coloquei as palmas das mãos sobre a lápide e chamei por seu nome três vezes. Lisa me disse num sussuro que sentia que alguém nos estava vigiando, apesar de não haver sinais visíveis de outras pessoas no cemitério além de nós. Todos concordamos com ela; eu estava sentindo fortemente a mesma coisa. De repente, a lápide sobre a qual minhas mãos estavam apoiadas começou a mover-se lentamente, no sentido horário. A chama da vela fantasma se apagou e então uma pequena pedra apareceu de lugar nenhum e acertou com força no lado do carro de Lisa, que estava estacionado a menos de três metros de nós. Nesse momento concordamos de forma unânime que era hora de voltar para casa. Enquanto nos dirigíamos para os velhos portões do cemitério, recordei-me da cena no cemitério no clássico filme de terror de George Romero, *A Noite dos Mortos-Vivos*, que me assustou muito quando eu era adolescente.

Após chegarmos em casa, Al entrou pronto para ir dormir enquanto Lisa e eu demos um passeio pelo terreno iluminado pelo luar, conversando sobre os eventos bizarros da noite. Lisa nunca tivera uma experiência como aquela em sua vida e ela me confidenciou que já não podia ter 100% de certeza de que fantasmas não passavam de criações da imaginação. Nosso passeio nos levou à velha garagem de carroças e, quando nos aproximamos da construção, Lisa olhou uma das janelas do segundo andar e disse que sentiu que havia algo lá — algo que não era de carne e osso — e me perguntou se eu sentia também. Eu olhei para a janela e, embora não visse ninguém, não pude deixar de ter a clara sensação que alguém ou alguma coisa estava mesmo lá em cima, observando-nos, talvez até esperando por nós. Um pensamento assustador passou por minha cabeça: Será possível que algo sobrenatural nos seguira até em casa desde o cemitério?

Nesse momento, uma lufada de vento frio uivou pela garagem de carroças e, com um som alto de fazer parar o coração e que parecia com o som de um canhão sendo disparado, a vidraça da janela que observávamos soltou-se

inteira e caiu para o chão em nossa direção. Lisa e eu gritamos e corremos de volta para a casa tão rápido quanto é humanamente possível. Lisa decidiu voltar para Boston no dia seguinte e, apesar de continuarmos todos bons amigos, ela nunca mais nos visitou novamente em Fort Covington.

Durante a festa da Candelária, em 1996, o Coven Mandrágora foi oficialmente estabelecido e eu fui eleita para servir como a Alta Sacerdotisa. A Mansão Dunwich logo se tornou nosso ponto de encontro, nosso *covenstead*, com quase todas as reuniões e rituais de sabá sendo realizados lá pelos dois anos seguintes.

Durante um dos círculos abertos realizados na minha casa, um jovem senhor que veio como convidado de um dos membros de meu coven ficou muito assustado quando sentiu uma mão gelada invisível tocando seu braço quando estava sentado no salão. O sujeito devia ter muito medo do sobrenatural, pois ele pulou da cadeira, gritando freneticamente que fora tocado por um fantasma e, antes que eu ou qualquer outra pessoa pudesse dizer duas palavras, ele saiu pela porta dos fundos e foi correndo para casa (ou talvez para o bar mais próximo!).

Uma noite, eu e alguns membros mais íntimos de meu coven subimos até o sótão para realizarmos uma sessão espírita. No meio do caminho até o topo das escadas, Marlene foi repentinamente arrebataada por uma forte energia que a enchia com uma grande tristeza e fez seus olhos ficarem molhados de lágrimas. Seu corpo ficou fraco como se sua força física tivesse sido drenada e tivemos que ajudá-la a subir o resto das escadas.

Atraída para uma velha cadeira de balanço de vime próxima da janela da face leste do sótão, Marlene disse que sentia ao seu redor a “presença como de uma avó” de um espírito feminino — talvez o da Hattie — que gostava de sentar na cadeira e ficar olhando o jardim logo abaixo. Era um espírito benevolente, a matriarca da casa, de acordo com a impressão psíquica de Marlene. Entretanto, havia outros espíritos habitando a casa... e nem todos benévolos. Um em particular era um “homem com uma aura negra”, que Marlene sentia que era extremamente maligno. Mas ela também sentiu que o espírito da matriarca protetora vigiava a casa e todos nela, mantendo-nos a salvo de sua garra.

Prosseguimos para o pequeno quarto virado para a face sul com a porta com cadeado e nos sentamos em um círculo ao redor de uma vela acesa. Juntando nossas mãos, olhamos para a chama bruxuleante da vela, chamei pelos espíritos:

— Há alguém aqui conosco? Há alguém aí que gostaria de comunicar-se? Se há, sinta-se à vontade para falar por meio de um de nós, ou simplesmente nos dê algum tipo de sinal que está aí.

O quarto começou a ficar mais frio e então vários rangidos altos foram ouvidos vindos da parede atrás de mim. Vários minutos se passaram quando me senti entrando em transe. Mas era um transe diferente de qualquer outro que já experimentara em sessões no passado. Ficava entrando e saindo do

estado de transe; minha mente oscilava entre pensamentos bizarros e desconexos que surgiam como estática em um rádio. Em pouco tempo meu coração estava tomado de uma torrente de emoções diferentes. Sentia ondas de medo, tristeza, raiva e então tudo se misturou numa confusão total.

Sentindo que algo estava errado e temendo que eu pudesse estar em perigo, Al rompeu o círculo e eu caí no chão, exausta e incerta quanto ao que acontecera. Quando, mais tarde, eu contei minha experiência para os outros, uma pessoa disse que acreditava que eu fizera mesmo contato com o espírito da mulher insana que era mantida prisioneira no quarto tantos anos antes. Aparentemente, estava acessando seus sentimentos e emoções e experimentando a dor e a confusão de sua insanidade.

Apagamos a vela, ligamos a lanterna e saímos do sótão. Assim que chegamos no meio da escada que levava ao sótão, o mesmo local onde Marlene fora tomada pela emoção, treze velhos pregos de cabeça quadrada se materializaram em pleno ar e começaram a cair sobre nós. Craig pegou alguns e, após examiná-los atentamente, disse acreditar que eram pregos de um caixão.

Foi mais ou menos um ano depois que Al e eu descobrimos um antigo crucifixo de madeira, com uma imagem de Jesus Cristo entalhada a mão pregada nele, escondido sob uma tábua solta do assoalho do sótão. Nós o trouxemos para baixo para mostrar para minha mãe, que nos disse para devolvermos ao lugar onde o achamos imediatamente. Ela nos disse que alguém evidentemente o pusera lá por uma razão, talvez para trazer paz ao espírito no sótão ou talvez para espantar alguma coisa maligna. Seja qual fosse a razão, devolvemos o crucifixo ao seu local de descanso sob a tábua do assoalho do sótão.

Algumas semanas depois, uma amiga nossa — uma nativa americana da Reserva dos Índios Mohawk, próxima dali — veio nos visitar com sua jovem filha adolescente. Já mencionáramos o crucifixo que encontramos no sótão, e elas estavam muito curiosas para dar uma olhada nele e ver que tipo de impressão psíquica receberiam dele. Mas, quando as levamos para cima e removemos a tábua solta para mostrá-lo a elas, o crucifixo não estava mais lá. Ele desaparecera misteriosamente e nunca mais foi visto.

No ano e meio seguinte à sua fundação, o Coven Mandrágora deparou-se com muitos testes e tribulações, incluindo o trágico suicídio de um de seus membros (o qual muitos acreditam, incluindo eu, que foi na verdade um assassinato acobertado). Diferenças irreconciliáveis e disputas internas passaram a ter precedência sobre nossa busca por iluminação espiritual e as artes mágicas, eventualmente preparando o caminho para a dissolução do coven. Ao mesmo tempo, um vizinho bisbilhoteiro que espiara um ou mais de nossos rituais sabáticos feitos ao redor de uma vala para fogueiras que havia atrás da casa, começou a espalhar rumores pela cidade que éramos adoradores do Diabo e sacrificávamos animais — nenhum dos quais era absolutamente verdadeiro. Entretanto, os rumores maliciosos e o medo e

ódio que eles geraram não se limitaram à pequena cidade de Fort Covington por muito tempo. Logo ficamos sabendo que estavam falando de nossos supostos *rituais satânicos* em locais tão distantes como Massena, que fica em outro condado!

Estava ficando cada vez mais preocupada de que poderia ser apenas uma questão de tempo antes que algum grupo de vigilantes devotos tentasse queimar nossa casa (conosco dentro dela) em nome de seu santo Deus e para salvar suas crianças inocentes do mal que tantos estavam convencidos que estavam nos soltando em seus terrenos, uma comunidade predominantemente cristã.

O golpe final veio quando a devastadora nevasca do século atingiu a região em 1998, deixando partes no norte do Estado de Nova York e do Canadá sem eletricidade e sem telefones por semanas. Eu quase morri congelada em minha própria casa, que sofreu muitos danos, apenas parcialmente cobertos pelo seguro, e quase todas as árvores que enchiam nosso quintal e que eram tão bonitas partiram-se como gravetos ou literalmente quebraram ao meio devido ao peso da neve acumulada. Linhas de força e postes caíram por toda parte, as estradas ficaram intransitáveis, relatos de pessoas congelando até a morte em suas casas ou morrendo de envenenamento por gás carbônico dos sistemas de aquecimento internos a querose-ne eram passados pelo rádio diariamente e um estado de lei marcial foi declarado. Toda a região tinha a aparência e a atmosfera de uma gélida zona de batalha.

Eu vi tudo isso como um sinal dos deuses de que era tempo de deixar Fort Covington. Por mais que me entristecesse dizer adeus à minha amada mansão vitoriana no topo do morro e aos poucos antigos membros do coven que continuavam meus amigos, pusemos a casa à venda e deixamos a região, retornando novamente para o clima ensolarado do sul da Califórnia.

Coisas que Fazem Barulho à Noite

Por Lee Prosser

Eu tenho um dom, mas esse dom não está à venda nem pode ser alugado. Ele existe para ser compartilhado com os outros, num esforço de ajudá-los a desenvolver esse tipo particular de dom, se assim quiserem. Pois esse é um dom maravilhoso e, como vários dons maravilhosos, nem sempre funciona. Mas, quando funciona, ele abre as portas para encontros interessantes. Posso sentir a presença de aparições, ou fantasmas, como os pesquisadores modernos do paranormal os definem. Às vezes, posso falar com eles, às vezes, não.

Eu percebi esse dom pela primeira vez quando era uma criança de seis anos. Estava na casa vitoriana da irmã da minha avó Firestone, em Springfield, no Missouri. Graças à minha natureza curiosa, acabei perambulando pela casa

até chegar a uma parte dela que não era usada. Segui uma escada até um pequeno cômodo com uma porta aberta. Era um antigo banheiro. Encostado na parede havia um senhor de idade com um bigode enorme. Eu disse oi. Ele disse oi. Eu disse tchau e saí do banheiro, continuando minha exploração da casa. Mais tarde, contei ao meu tio Willard o que acontecera e ele disse que conhecia aquele homem e que ele era uma alma que visitava a casa. Ele explicou tudo dessa maneira: “Existem dois mundos. Aquele em que você vive e outro onde você não vive, mas com o qual você pode falar. É como ver um coelho entrando em sua toca e ficando escondido lá. Você o ouve e sabe que está lá, mas ele permanece sem ser visto até que esteja pronto para mostrar-se novamente. Nada que vem a você se perde e a memória da visita pode mudar com o tempo, mas o importante é que veio. Lembre-se disso ao deparar-se com essas coisas. Muitas vezes, elas acontecem para ensinar algo ou mostrar-lhe um segredo. Eu já vi fantasmas e outras coisas também. Não há motivo para ter medo. Aproveite esses encontros. Aprenda com eles.”

Desse momento em diante, aceitei o fato de que fantasmas existem e que deveria tentar ser amigável e pacífico ao encontrá-los.

Lembro-me de três fantasmas de nativos americanos na terra de minha avó Firestone. Colonizado por um fazendeiro alemão chamado Rolf no início da década de 1850, houve uma época em que havia uma cabana nos fundos da propriedade, do lado direito. Até hoje, pode-se ver as marcas das rodas da carroça que ia até ela. Próximo de onde ficava a cabana eu vi um nativo americano mais velho, um mais moço e uma jovem mulher nativa americana. Tinham cabelo escuro e talvez o homem mais velho fosse o pai. A mulher índia com olhos brilhantes acenou para mim e eu acenei de volta. Então, todos os três moveram-se na minha direção e eu caminhei até eles. Eles estavam apontando o chão. Sorriram e desapareceram quando estava quase alcançando-os. Não vi nada no chão. Talvez fosse alguma coisa enterrada que queriam que eu visse.

Em todos os encontros que já tive, há a sensação de uma presença ou algo assim antes de eu ver alguma coisa, quando isso ocorre, há uma agradável sensação de formigamento que começa em minha testa, onde o Terceiro Olho está localizado e que se espalha por minha pele. Minha pele formiga até que o contato é quebrado e o fantasma parte. Muitas vezes me perguntei se nas muitas teorias sobre os mortos e fantasmas, eles vêm os vivos como aparições fantasmagóricas — um encostar de uma dimensão na outra. E quem é mais real: o vivo que vê o morto, ou o morto vendo o vivo? Isso importa? Não. O que importa é que o contato foi feito.

Em Missouri eu vi um homem negro sentado sob uma ponte pescando e ele acenou para mim. Eu acenei de volta. As pessoas que estavam comigo perguntaram-me para quem eu acenava e eu lhes contei. Todos riram, achando que eu estava brincando, pois não havia ninguém visível sob a ponte. Eu sei o que vira. Outro incidente em Missouri envolveu a exploração das ruínas de uma casa vitoriana de dois andares e o encontro com o fantasma

de uma mulher com um longo vestido vermelho que descia um lance de escada quebrado e desapareceu na minha frente, como se uma porta tivesse se aberto e a mulher tivesse passado por ela.

Quando vivi em Salem, no Oregon, ficava em um quarto com vista no andar de cima de uma casa vitoriana de três andares. Eu estava nele quando me encontrei com um jovem loiro vestido com um terno azul dos anos trinta na cabeceira das escadas que levavam ao meu quarto alugado. Isso aconteceu duas vezes e, na primeira vez, perguntei se ele estava procurando alguém. Ele sorria, balançava a cabeça afirmativamente e voltava pelas escadas. A segunda vez que isso aconteceu eu o segui e o vi descer as escadas, como se fosse abraçar alguém amado, e desaparecer. Discretamente fiz umas perguntas e um inquilino mais velho que morava no térreo me contou que o casal que um dia fora dono da casa tivera um filho morto na Segunda Guerra Mundial, mas não soube dizer que fim levava os antigos donos. Nunca mais vi o jovem loiro.

Em Brodie, na Califórnia, uma cidade fantasma preservada nas montanhas, eu vi uma jovem mulher ruiva com um vestido de algodão branco. Era bonita, mas triste e solitária. Ela estava em um dos prédios em que tinha caixões, e eu a notei no mesmo instante em que ela me notou. Eu quis tocá-la, mas sabia que não poderia. Havia algo de maravilhosamente sensual nela. Ela sentiu minha curiosidade sobre ela e ergueu sua mão com longos dedos para mim e sorriu. Ela acenou para mim, chamando-me para mostrar-me alguma coisa, mas eu não tinha certeza do que queria. As pessoas com quem estava juntaram-se a mim, então eu segui adiante e ela me seguiu por um tempo antes de voltar para o edifício, atravessar uma parede, andando, e desaparecer. Muito mais tarde, quando as fotos foram reveladas, a foto saiu perfeita, mas ela não estava lá, apenas o prédio e os caixões. Às vezes, penso que seria legal voltar para essa cidade fantasma e descobrir o que ela queria partilhar comigo.

Andando por uma calçada em Santa Mônica Canyon, na Califórnia, em 1969, um senhor de idade se aproximou de mim, atravessou, andando, o casal que estava atrás de mim e desapareceu. Foi a primeira vez que vi isso acontecer e foi uma sensação estranha. Perguntei ao casal se sentiram alguma coisa e eles disseram que sentiram uma corrente elétrica, o que foi o mesmo que eu senti. Continuei andando, curioso sobre que outros segredos o Santa Mônica Canyon tinha guardado para mim. Encontrei o fantasma de uma mulher alta de idade andando pela praia em Santa Mônica, mas ela foi até o mar e desapareceu. Ela tinha um sorriso muito triste.

Quando minha avó Archie T. Firestone morreu no Missouri às 3h27 da manhã, em 31 de outubro de 1971, ela estava comigo momentos depois, mesmo estando eu na Califórnia na hora. Como nas viagens astrais, os mortos podem estar onde quiserem instantaneamente. Nós conversamos. Quando meu tio Willard Firestone morreu em 28 de agosto de 1979, ele estava comigo em menos de um dia. Nós conversamos. Foi agradável estar com eles.

Certa vez, quando estava numa rua em Lincoln, no Novo México, vi dois *cowboys* montados em cavalos se aproximarem de mim, atravessaram-me e então desapareceram três metros depois, mas não antes de um deles — um homem grande com casaco e chapéu marrons — se virar e me cumprimentar com um toque em seu chapéu, um sorriso e um aceno de cabeça. Eu sentia uma afeição duradoura para com essa cidade, que fora o local onde o fora-da-lei Billy the Kid ficava. Tenho certeza de que os fantasmas do passado andam e cavalgam por Lincoln, no Novo México, dia e noite.

Agora eu moro no Sudoeste dos Estados Unidos. Nos fundos da minha casa, próximo do estúdio onde pinto e escrevo, uma pequena garotinha loira, de uns 10 anos de idade, vestida com um vestido de verão da época do Rei Eduardo da Inglaterra, esvoaçante e rosa com fitas brancas, aparece e sorri para mim. Quando a via parada lá, tentava ir em sua direção para fazer contato, mas ela sempre sorri, acena e desaparece. Espero ter outra oportunidade de fazer contato com ela e entender por que está lá. Ela é um fantasma de uma criança muito adorável e agradável.

Essas são algumas de minhas recordações relacionadas a fantasmas. Houve outros encontros, cada vez uma situação diferente, mas sempre amigável. Eu acho que todas as pessoas têm esse dom que eu tenho, ou ele está adormecido e não está sendo utilizado, ou está desperto e sendo utilizado ao máximo. Estar em contato com os mortos e fantasmas é tão antigo como o próprio tempo. Meu dom às vezes está lá, às vezes não, mas eu sou agradecido por essas habilidades do dom com o qual fui abençoado. Às vezes eu sinto uma presença, mas não vejo nada. Outras vezes, eu encontro essa presença.

Nem todas as coisas que fazem barulho à noite devem assustar, a maioria tem por objetivo educar ou partilhar um momento no tempo. Faça uma tentativa, é uma aventura disponível a todas as pessoas, se elas apenas despartassem para o que está à sua volta. Nunca estamos sozinhos.

Nascido sob o signo de Capricórnio, Lee Prosser é um pesquisador e ministro religioso Interfé que sempre teve interesse em Wicca, Vedanta e Xamanismo. Seus trabalhos publicados incluem: *Running from the Hunter*; *Desert Woman Visions: 100 Poems*; *Isherwood, Bowles, Vedanta, Wicca and Me*; e *Night Tigers*. Reside em Oklahoma com sua mulher e seus gatos.

A Dama de Branco

Por Karri Ann Allrich

Durante um período de dificuldades logo que me tornei mãe, tive uma experiência com um fantasma feminino que foi de início enervante, mas

eventualmente tornou-se uma percepção preocupante, até reconfortante. Meu casamento estava com problemas, tinha dois filhos pequenos e devotava minhas energias e esforços a cuidar deles; protegê-los dos conflitos e brigas com seu pai.

Numa noite no meio do verão, quando estava deitada dormindo, fui acordada por uma crescente sensação de desconforto. A princípio, pensei que fosse instinto materno e voltei um de meus ouvidos para a porta do quarto, tentando ouvir as crianças. Não havia som algum. Meu marido estava dormindo a sono solto do meu lado, sem perceber nada. Fiquei quieta no escuro, sem escutar nada, mas, ainda assim, sentia-me desconfortável. Fiquei de costas e ouvi com mais atenção. De repente, senti minha pele se arrepiar, como se estivesse sendo observada. Sentei ereta na cama e olhei na direção da porta do quarto. Lá estava ela — uma mulher, observando-me silenciosamente. Sua aparência era nebulosa, transparente, e não sólida. Não havia carne e ossos. Era uma realidade à parte, um espírito do outro mundo, um fantasma. No instante que me sentei e vi sua imagem, ela se virou e desapareceu. Sua partida rápida passou uma impressão de timidez, como se fosse embaraçoso ter sido detectada!

Fiquei impressionada e perdi o sono. Pensei nela o resto da noite e não pude imaginar por que ela estava no meu quarto. Nossa casa tinha 50 anos, não chegava a ser uma antiguidade e ninguém morrera nela. Não contei sobre isso a ninguém — especialmente aos meninos.

Duas semanas depois, ela apareceu de novo. Eu estava deitada no escuro, sem conseguir descansar em razão da sensação que meu casamento estava condenado, quando senti sua presença. Dessa vez, quando olhei em sua direção, ela esperou um momento antes de desaparecer. Eu tinha a clara intuição que ela estava tentando me dizer algo. Ao longo daquele verão, captei vislumbres dela com o canto dos olhos, mesmo durante o dia. Ela aparentemente ficava pelo quarto ou no corredor do lado de fora dele. Não estava mais assustada com sua presença, só moderadamente curiosa. Nunca contei a ninguém sobre ela.

Numa tarde chuvosa, meu filho mais velho estava sentado no chão da sala em meio a costureira confusão de papéis, livros, brinquedos, desenhando com canetas coloridas. Eu estava andando pelo corredor, vindo do meu quarto. Ele olhou para mim e depois de volta para seu projeto, antes de perguntar de modo casual: “Mãe, quem é essa moça atrás de você?”. Eu parei, surpresa. Ele a vira também! “Que moça?”, perguntei.



— A moça de vestido branco. Eu já tinha visto ela antes.

Eu me sentei e expliquei para ele:

— Ela é um espírito guardião, talvez um anjo. Ela está tomando conta de nós. Você está com medo dela?

— Na verdade, não — ele respondeu.

No final do verão meu marido havia ido embora, a meu pedido. Havia uma sensação de paz na casa. Eu descobrira que ele me traía, não com uma, mas com diversas mulheres. Após sua saída, nunca mais vi a mulher de branco. Em retrospecto, acho que ela estava tentando me alertar sobre a infidelidade dele. Eu talvez nunca saiba qual sua real conexão comigo, ou por que ela apareceu só para mim e para meu filho mais velho, mas sempre serei grata. Seu espírito era gentil e sua presença, reconfortante. Ele me lembrava que nunca estamos sozinhos, mesmo quando enfrentamos tempos terríveis.

Karri Ann Allrich é uma artista e autora de *A Witch's Book of Dreams e Recipes from a Vegetarian Goddess*. Ela divide sua casa e estúdio em Massachusetts com sua alma gêmea e marido, Steve Allrich, também um artista e autor. É possível visitar seu website no endereço: www.karriannalrich.cjb.net

A Casa em San Bernardino

Por Tamara Thorne

No final dos anos 70, nós nos mudamos para uma casa com quatro quartos, uma residência típica em uma vizinhança agradável na ponta norte de San Bernardino, na Califórnia. Eu *sentia* que a casa era boa para mim, mas quase imediatamente pequenos acontecimentos estranhos começaram a suceder-se. Tudo sobre a casa parecia correto, mas após algumas semanas de nossa mudança, vi uma escova de dente pular do suporte no armário de remédios, mudar em linha reta e depois cair na pia. Eu achava interessante quando isso acontecia, ou quando revistas caíam do cesto onde eu as deixava, ou quando a caixa de lenços de papel escorregava pela escrivaninha e mais alguns centímetros além dela, antes de cair no chão.

Como essas coisas pareciam sem importância e porque eu não queria falar sobre algo que poderia provocar gozações, não contei a ninguém, nem mesmo ao meu marido. Mas ele não teria me gozado e eu acho que parte de mim sabia que, se eu desse atenção a isso, meus sentimentos de indiferença poderiam evoluir para algo mais enervante.

Por seis meses, esses fenômenos continuaram regularmente, pequenos e inofensivos. Então, em um sábado, nós nos sentamos para almoçar na mesa da cozinha. Estávamos lado a lado, virados para o cômodo, e um cesto de lixo cheio, com mais ou menos um metro de altura, estava esperando no centro do

cômodo para que o levássemos para fora quando terminássemos de comer. Estávamos segurando sanduíches de presunto com pão de centeio e havia uma garrafa de leite na nossa frente. Estávamos conversando, brincando e ambos olhando para frente quando o cesto de lixo ergueu-se do chão, levantando a uns cinco ou seis centímetros do chão e flutuou por vários segundos. Então ele caiu no chão e ficou lá, como se nada tivesse acontecido.

Olhamos um para o outro e dissemos ao mesmo tempo: “Você viu isso?”. Concordamos que sim e eu disse: “É só a gravidade”. E expliquei que, embora nunca tivesse visto nada tão impressionante antes, essas coisas pequenas flutuavam por aí o tempo todo. Meu companheiro ficou fascinado e espantado e usou a palavra com “p” — *poltergeist*. Apesar do medo que sempre tivera, ou talvez graças a ele, eu tinha bons conhecimentos sobre fenômenos paranormais e acho que meu subconsciente mantivera aquela palavra longe de minha mente consciente. Que palavra assustadora!

Obviamente, nas semanas seguintes, apesar de nada além dos pequenos fenômenos normais acontecerem, a casa começou a parecer ameaçadora. Eu ligava todas as luzes conforme andava pelos corredores e dava um pulo de susto ao menor ruído. As sombras pareciam ameaçadoras agora. O que eu tinha mais medo era de que não resistisse à pressão e dissesse que precisávamos nos mudar. É o que eu teria feito, mas os donos disseram que queriam se mudar de volta. Que alívio!

A Casa em Tujunga

Por Tamara Thorne

Tujunga, na Califórnia, fica sobre os morros a alguns quilômetros acima de Los Angeles. Da mesma forma que outras cidades ao longo das florestas de Los Angeles e San Bernardino, ela tem uma aura estranha. Há uma sensação de solidão e desconforto no lugar, vago, mas presente ainda assim. Durante os anos 80, alugamos uma espaçosa casa térrea lá. Era uma casa de fazenda construída nos anos 60, bonita, mas comum. A ensolarada sala de estar, a sala de jantar e a cozinha formavam um círculo num dos lados, e diante da porta da frente na sala de estar abria-se um corredor escuro que levava a quatro quartos e um banheiro. Nosso quarto era o último. O assoalho era de carvalho sob um carpete.

Moramos lá por seis meses e nada ocorreu de perceptível, mas sempre nos sentimos desconfortáveis. Nossos cinco gatos de repente ficaram carentes e insistiam em dormir conosco. Eles nunca ligaram para isso, mas agora arranhavam a porta, se os deixássemos do lado de fora. A única outra coisa que era estranha (em retrospecto) era o espasmo muscular que surgiu no meu ombro. À noite, quando ia escovar os dentes no banheiro, sentia um cutucar, como se alguém estivesse tocando na minha omoplata. Acontecia quase toda

noite, somente uma vez e havia uma leve sensação elétrica quando acontecia. Eu não estava preocupada e nunca pensei a respeito até que parou quando nos mudamos de lá.

Na noite anterior à mudança, deixamos nosso filho pequeno com a avó e nossos gatos na casa nova e voltamos para a casa onde tudo já estava empacotado para dormir no colchão que deixamos no chão. Na manhã seguinte, meu marido levantou primeiro para ir até Los Angeles para pegar emprestado um caminhão da sua empresa, enquanto eu fiquei na cama após dizer até logo. Eu o ouvi andando pelo longo corredor e abrir e fechar a porta.

Havia se passado um minuto ou dois quando ouvi a porta da frente abrir e fechar novamente. Achei que meu marido esquecera sua carteira e chamei por seu nome enquanto levantava para achá-la. Não houve resposta, mas ouvi seus passos vindos do corredor. Eles eram mais pesados do que deveriam e por que será que eram tão lentos? Chamei novamente, mas não houve resposta.

Com a adrenalina correndo, meio que certa de que era um ladrão, coloquei uma camiseta e calças jeans e peguei a única coisa no quarto que poderia ser usada como arma — uma vassoura. Segurei-a com as duas mãos, pronta para enfiá-la na barriga ou bater na cabeça, escondi-me atrás da porta fechada do quarto e esperei. Mais um segundo e os passos pararam do outro lado da porta. Eu disse que tinha uma arma, mas não houve resposta. Os minutos passaram. Finalmente, nervosa demais para ficar lá parada, esperando, encostei-me na parede e abri a porta, brandindo a vassoura para frente tão rápido quanto pude.

Não havia ninguém lá. Eu esperei. Então, ouvi passos novamente, lá embaixo na sala de estar ou na cozinha. Não havia nenhuma janela que abrisse facilmente, eu tinha que ir até a porta da frente. Com minha fiel vassouralança apontada para frente, entrei no corredor lentamente, tentando não fazer o assoalho ranger. Cheguei ao final do corredor e parei, sem ver ninguém. Os passos pararam, o intruso provavelmente estava na cozinha. Virei-me para a porta da frente, só alguns metros além do corredor e, de repente, os passos recomeçaram, pesados e assustadores, bem atrás de mim, andando com dificuldade pelo corredor em direção ao nosso quarto.

Eu não olhei para trás — apenas saí da casa e esperei por meu marido do lado de fora. Eu agüentara os fenômenos de *poltergeist* anos antes na casa em San Bernardino, dando-lhe um desconto, pois não afetaram minhas emoções. Mas isso — eu detesto a palavra “mal”, mas ela é a que melhor descreve a sensação que experimentei. Não tinha mais certeza de que havia um ladrão vivo na casa.

Quando meu marido chegou, ele achou a situação mais divertida que preocupante. Entramos na casa e ficamos na entrada um instante, olhando em volta. Assim que nos adiantamos, os passos começaram na nossa frente e caminharam alguns metros pelo corredor, até que ouvimos a porta do primeiro quarto bater, mesmo não tendo se movido. Houve alguns instantes de

silêncio, então os passos seguiram adiante pelo corredor e desapareceram. Com a vassoura e um pé-de-cabra nas mãos, exploramos a casa juntos, mas não havia nada para ver ou ouvir.

Nada mais aconteceu até o fim da tarde. Estávamos quase terminando de carregar o caminhão e estávamos encostados na porta do quarto do barulho do fantasma, bebendo refrigerantes sem gelo. Meu marido gritou de repente e sua perna deu um pulo. Ele disse que alguma coisa puxara sua perna, mas eu achei que estava brincando. Ainda assim, terminamos a mudança antes de escurecer e saímos de lá.

Na tarde seguinte, voltamos para dar a chave ao proprietário, que não havia chegado ainda. Meu marido decidiu dar uma última olhada na casa para ter certeza de que não esquecêramos nada, começando pela garagem e seguindo pelas salas e pelo corredor. Ele estava em nosso quarto quando ouvimos a porta da frente bater e passos pelo corredor. Ele supôs que era o proprietário e saiu para recebê-lo. Não havia ninguém lá.

Ele trancou tudo e deixou a chave na caixa de correio. Anos mais tarde, soube que um homem que vivera lá com sua mulher e filho acabara sofrendo um tumor cerebral que lhe causara loucura e abusava de sua família regularmente.

Pesquisas paranormais revelaram que assombrações acionadas por pessoas mudando-se da casa não são incomuns. Talvez a nossa saída tivesse acionado a *fita* dos passos perversos porque a família do homem o deixara.

Tamara Thorne é uma romancista especializada no paranormal. Seus livros incluem *Haunted*, *Moonfall*, *Eternity*, *Candle Bay* e *Bad Things*. Seu mais recente romance, *The Forgotten*, é uma história de fantasmas e está disponível nos Estados Unidos desde novembro de 2002. Quando não está escrevendo, Tamara passa boa parte de seu tempo pesquisando assombrações e outros fenômenos, tanto em livros como pessoalmente.

A Sessão na Festa do Pijama

Por Sirona Knight

No meu aniversário de onze anos fiz uma festa do pijama. Tendo nascido durante o *Samhain*, sempre tive festas cujo tema era o *Halloween*. Seis das minhas melhores amigas e eu esticamos nossos sacos de dormir no chão da sala de estar em frente à nossa grande lareira de granito. O fogo mantinha o quarto aquecido enquanto comíamos bolo de chocolate e sorvete e conversávamos — sobre meninos, é claro!

Conversamos por umas duas horas, terminamos o bolo e partíamos para as batatas fritas. Colocamos mais lenha na lareira e desligamos as luzes. Ficamos lá observando as chamas por alguns minutos. Havia um ar de mistério e intriga e achei que seria divertido fazermos uma sessão espírita. Até

havia sete pessoas dispostas a participar e, afinal de contas, era a noite após o *Halloween*. Todo mundo estava de acordo, então juntamos nossas mãos, como se faz nessas seções. A idéia era falar com um fantasma, queríamos que fosse uma coisa simples, como falar com alguém que já falecera, perguntar como era.

Sentamos com nossas mãos juntas, os olhos abertos, na relativa escuridão. As chamas da lareira criavam o fundo perfeito para a experiência. Sugerí que disséssemos algo do tipo: “Por favor, espírito, mostre-se e fale conosco.” Fizemos isso por uns cinco minutos, então um rosto apareceu repentinamente na janela da sala — não do lado de fora, mas dentro da sala conosco! Duas amigas e eu vimos o rosto na hora e engasgamos, prendemos a respiração e seguramos nas mãos umas das outras com mais força.

Era só um rosto sem corpo, o rosto de um homem do pescoço para cima. Parecia um holograma, cheio de luz amarela esbranquiçada, mas em constante movimento. O rosto em si me lembrava a estátua de um deus grego. O rosto do homem continuou se movendo, abrindo e fechando a boca, como se estivesse tentando falar alguma coisa. Não era assustador, apenas enervante. Eu podia sentir o pêlo da minha nuca e dos meus braços arrepiando-se. Era como se eu tivesse colocado o dedo na tomada.

Assim que as outras se viraram para ver o rosto, elas começaram a gritar, levantaram-se e correram para o quintal. Eu lhes disse para parar de gritar porque não queria que meus pais ficassem bravos. Além do mais, eu estava muito curiosa sobre o que tinha se materializado. De onde viera? Quem era? Será que queria nos dizer algo relevante? Eu tinha tantas perguntas importantes para o rosto!

Todo mundo se aquietou, mas não quisemos voltar para a casa. Ficamos do lado de fora uns quinze minutos, mas estava muito frio para ficarmos muito tempo, então acabamos entrando de volta.

Conversamos um tempo sobre o rosto, depois assistimos à televisão. Quando estávamos quase dormindo, o rosto reapareceu e depois desapareceu novamente. Ninguém conseguiu dormir muito bem naquela noite, mas eu sempre me lembrarei da sessão na festa de pijamas do meu décimo primeiro aniversário. E eu sempre pensarei no rosto que todas vimos tão claramente naquela interessante noite de novembro.

Sirona Knight é uma Mestra da Arte de Terceiro Grau e Alta Sacerdotisa da Tradição *Druida* Gwinddonica celta. Ela é editora e colaboradora da revista *Magical Blend* e autora de vários livros sobre a espiritualidade celta, magia e a Wicca, incluindo: *Celtic Traditions*, *Dream Magic*, *The Pocket Guide to Crystal and Gemstones*, *The Wiccan Spell Kit* e *A Witch Like Me*. Seu website é: www.sironaknigh.com

CAPÍTULO 3

Espiritualismo

“No nascimento, todos recebemos o dom de ver além desse humilde plano terrestre para outras dimensões, mas, conforme envelhecemos, esquecemo-nos dessa habilidade. Médiuns não perdem essa habilidade e agem como intermediários entre esse mundo e o ‘outro lado’.”

Larry Dreller, autor de *Begginer's Guide to Mediumship*.

Os Primórdios do Espiritualismo

O movimento do espiritualismo teve início nos Estados Unidos em meados do século XIX e rapidamente ganhou popularidade por toda a América e Inglaterra, falando a um público que estava receptivo graças aos primeiros movimentos baseados no psiquismo (tais como o mesmerismo) que se originaram na Europa e atravessaram o oceano até os Estados Unidos.

O dr. Willam F. Willams, editor-geral da *Encyclopedia of Pseudoscience*, define o espiritualismo como “uma maneira de pensar que acredita em realidade imaterial, ou seja, conhecimento percebido como extra-sensorial, ou seja, adquirido por outros meios além dos sentidos normais”. Ele acredita que “a irrupção no século XIX da crença no espiritualismo” pode ser atribuída à necessidade das pessoas de unir sua espiritualidade com “sua fé no novo materialismo da ciência”.

O propósito original do movimento era fornecer ao mundo evidências de vida após a morte do corpo físico, a qual se manifesta pelos médiuns espiritualistas dotados da habilidade de se comunicar com as pessoas no além-vida e, em alguns casos, realizar feitos paranormais. Mas, no final do século XIX, um número cada vez maior de médiuns fraudulentos foi publicamente exposto, manchando a imagem do espiritualismo, arruinando a crença do público em médiuns e assinalando o fim do espiritualismo como

um movimento generalizado e coeso. Mais tarde, ele experimentou um renascimento de sua popularidade durante e depois da Primeira Guerra Mundial, uma vez que um número grande de pessoas voltou-se para os médiuns na esperança de fazer contato com maridos, filhos e irmãos que deram suas vidas para servir a pátria.

Embora seja justo afirmar que o espiritualismo teve seu ápice no início do século XX, o movimento continua a fascinar muitos em nossos tempos modernos. Ele é mantido vivo no século XXI por médiuns tanto mentais como físicos, curandeiros espirituais e igrejas espiritualistas, que continuam a ter seguidores em muitas partes do mundo — incluindo os Estados Unidos, Brasil e, especialmente, a Grã-Bretanha, onde se diz que o número de igrejas espiritualistas chega aos milhares!

“Desde o início dos tempos o homem tem usado meios *naturais* para obter um relance do que há além da cortina que escondia o futuro e entrar em contato com o sobrenatural. Mas, nos tempos modernos, ele também criou meios artificiais para ajudá-lo em seus esforços. Um dos mais populares nos círculos espiritualistas é o tabuleiro Ouija.” — R. Brasch, *Strange Customs*.

Comunicação com Espíritos pelo Tabuleiro Ouija

Diz-se que o conceito básico do tabuleiro Ouija data da época de Pitágoras, em 540 a.C. e é sabido que adivinhos chineses usavam dispositivos para divinação e comunicação com o mundo dos espíritos muito antes do nascimento de Confúcio. De acordo com o *Spirit Guides and Angels* da Richard Webster, “o conceito do tabuleiro Ouija aperfeiçoado foi inventado em 1853 pelo espiritualista francês M. Planchette”, e utilizava uma cunha de madeira montada sobre rodízios de mesa com um lápis preso, a qual, quando uma ou mais pessoas apoiavam levemente a ponta de seus dedos nela, seria movida sobre um grande pedaço de papel, desenhando *imagens espirituais* e/ou soletrando palavras.

Um importante instrumento de divinação e um meio de se comunicar com os espíritos dos mortos e outras entidades de fora de nosso plano de existência, o tabuleiro Ouija moderno que conhecemos (com letras e números impressos) foi inventado no início da década de 1890 por Elijah J. Bond e Willam Fund em Baltimore, Maryland, e apresentado ao público americano como um jogo de salão vendido em lojas de novidades. A Parker Brother comprou todos os direitos sobre os tabuleiros Ouija em 1966 e, segundo Richard Webster, suas vendas são superadas somente pelo popular jogo de tabuleiro Banco Imobiliário. Seu nome é uma fusão da palavra francesa *oui* e a alemã, *já*, que querem dizer “sim”.

Meu primeiro tabuleiro Ouija me foi dado como presente de aniversário quando eu tinha nove ou dez anos de idade e, desde essa época, eu sempre tive um. Apesar do fato que não o uso muito freqüentemente, eu lhe dei bom uso na canalização de espíritos, para encontrar objetos perdidos e para a divinação do futuro. Eu também o usei, com bastante sucesso, em conjunto com um pêndulo de cristal que comprei numa loja de *souvenirs* na Reserva dos Índios Mohawk no norte do Estado de Nova York.



Embora possa ser usado por apenas uma pessoa, melhores resultados podem ser obtidos do tabuleiro Ouija quando duas pessoas (preferencialmente um homem e uma mulher) o operam juntas. A dupla deve estar sentada em cadeiras confortáveis de frente um para o outro com o tabuleiro em seus colos. As pontas dos dedos devem ser colocadas levemente no indicador de mensagens e uma pergunta de cada vez deve ser feita em voz alta. É importante que ambas as pessoas se concentrem profundamente quando estiverem trabalhando com o tabuleiro e não se deixem tomar por impaciência, pois os resultados nem sempre são imediatos. O tempo que leva para estabelecer contato com o mundo dos espíritos depende amplamente do nível de habilidade psíquica e receptividade de cada indivíduo, assim como da disposição ou da habilidade do espírito se comunicar com os vivos. Diz-se que trabalhar com um tabuleiro Ouija de madeira sólida melhora a recepção.

É freqüentemente benéfico ter uma pessoa a mais (que não esteja trabalhando com o tabuleiro) presente para transcrever toda a sessão caso a *planchette* (também conhecida como prancheta, indicador ou ponteiro) começar a mover-se rápido demais para que as mensagens ditadas sejam lidas e processadas. A transcrição também é útil se a mensagem espiritual for recebida de trás para frente, embaralhada ou na forma de um anagrama, que não é de modo algum incomum. Outra maneira de transcrever uma sessão com um tabuleiro Ouija é uma pessoa dizer as letras e os números em um gravador próximo, conforme são indicados.

Estejam avisados, contudo, que os espíritos são notórios por fornecerem informações falsas ou incorretas. Muitos espíritos contatados com o tabuleiro Ouija não passam de brincalhões, alguns dos quais se deliciam em fingir que são figuras históricas, sábios e grandes mestres. Outros são mentirosos, maliciosos, com a intenção de confundir os que são crédulos o bastante para aceitar tudo que dizem como verdade incontestável.

No livro *Communing with the Spirits*, o autor Martin Coleman aconselha necromantes que usam o tabuleiro Ouija a “nunca se deixarem impressionar com as supostas credenciais de qualquer espírito e nunca aceitar as palavras de qualquer espírito como certas”. Ele sugere que o espírito seja

questionado com muito cuidado; nunca pergunte algo que você já sabe, no caso do espírito ser capaz de ler seus pensamentos. Em vez disso, “deve-se sempre perguntar ao espírito questões cujas respostas você pode descobrir”.

Os que são céticos em relação às artes ocultas acreditam que as respostas dadas com um tabuleiro Ouija não são criadas pelo mundo dos espíritos ou qualquer outra força paranormal, mas sim pela mente consciente ou inconsciente da pessoa ou pessoas usando-o.

Uma maneira simples de determinar se foi mesmo estabelecido contato com os mortos é deixar que as pessoas que operam o tabuleiro sejam vendadas, enquanto uma terceira observa e registra em papel quais letras e/ou números são selecionados. Se o resultado final não quiser dizer nada, então é provável que não foi estabelecido contato. Entretanto, lembre-se de que os espíritos às vezes falam em charadas, línguas antigas (como latim, grego ou árabe) ou soletram suas mensagens de forma anagramática (com letras transpostas para formar novas palavras ou frases). Então, assegure-se de analisar toda mensagem que é passada pelo tabuleiro Ouija cuidadosamente, independentemente do quão ininteligível possa parecer de início.

Também já ouvi inúmeros opositores do tabuleiro Ouija alertarem freneticamente as pessoas para não o utilizarem, pois seria um “brinquedo perigoso” (como freqüentemente o chamam) que acabaria levando à possessão demoníaca os que o usassem para invocar e se comunicar com os espíritos. O interessante é que quase todos os cruzados que pregam esses absurdos são cristãos que temem o oculto ou cristãos que se tornaram pagãos e que, por trás de seus exteriores quase Nova Era, ainda mantêm muitos, se não todos, os medos, crenças e hesitações neles instilados em tenra idade pela Igreja Cristã — uma das quais é a idéia cristã de que é pecado conjurar ou conversar com os espíritos dos mortos. Colocando minha opinião pessoal sobre cristianismo e religião de lado, posso honestamente dizer que nunca experimentei qualquer problema *demoníaco* ao usar o tabuleiro Ouija ou ter um em casa, nem conheço bruxas ou ocultistas que tenham.

Nutro fortes suspeitas de que, além dos medos cristãos, uma das razões por que muitas pessoas — jovens em particular — acham o tabuleiro Ouija uma coisa tão temerária é devido ao grande número de filmes de terror ficcionais que o retratam como um instrumento ou brinquedo, dependendo de como é encarado, sinistro, capaz de liberar inomináveis horrores demoníacos sobre o desavisado mundo mortal. Entretanto, é importante manter em mente que a palavra-chave aqui é *ficcional* e que é bom estar ciente que filmes são apenas isso. O oculto e aqueles que o praticam foram raramente, ou mesmo nunca, retratados com precisão nos filmes (ou na maior parte das peças de teatro, livros e programas de televisão, por acaso). Só é preciso ver como a indústria cinematográfica foi fundamental para propagar o estereótipo negativo de bruxas e outros pagãos no último século para me dar ganho de causa de uma vez por todas!

Isso não quer dizer que o tabuleiro Ouija não pode criar portas para o mundo dos espíritos por onde possam vir espíritos ligados à Terra que são malévolos ou outras entidades não convidadas. Pode sim, a não ser que o tabuleiro seja usado de uma maneira adequada e segura e a pessoa que o está operando esteja com um bom estado de espírito (observação: quem tiver um histórico de doenças mentais não deve, sob nenhuma circunstância, operar o tabuleiro Ouija! A interação com um espírito mal-intencionado pode ser muito danosa psicologicamente para certas pessoas). A seguir, apresento certas precauções simples. As chances de que haja riscos vindo do tabuleiro são mínimas. Nessas condições, não há razões reais para temer-se o tabuleiro Ouija. Ele não é mais ou menos perigoso que realizar uma sessão ou qualquer outro ritual ou divinação que faça contato com o mundo espiritual.

Medidas de precaução

1. Sempre forme um círculo no sentido horário ao seu redor e do tabuleiro antes de tentar fazer contato com os espíritos. O círculo, que protege contra espíritos danosos, pode ser desenhado no chão com giz ou uma trilha de sal ou desenhado no ar com a lâmina de um athame (um punhal ritualístico de dois gumes) consagrado. Um círculo de velas também funciona para criar um espaço seguro e protegido no qual vai trabalhar, enquanto realizar a sessão num lugar bem iluminado é dito para manter espíritos malignos afastados (pois dizem que eles preferem a escuridão à luz).

2. Cuide para nunca deixar ou desfazer um círculo antes de despedido-se de quaisquer espíritos que tenham sido evocados, terminando assim com a sessão e fechando o canal de comunicação entre o espírito e você. Alguns espiritualistas acreditam que se o espírito não responde da mesma forma, isso pode ser indicação de que não está disposto a partir. A melhor coisa a fazer nesses casos é ordenar que o espírito parta imediatamente e em paz. Se isso falhar, o próximo passo é orar para seu Deus ou Deusa para fazer com que o espírito deixe sua casa permanentemente. Após fazer isso, faça uma defumação de todos os cômodos da casa com um incenso feito de partes iguais de cardamomo e gengibre ou de olíbano e tomilho.

3. Prata é um metal que há muito tempo é considerado possuidor do poder de repelir e proteger contra todas as formas de mal. Muitos espiritualistas, portanto, usam uma moeda de prata no lugar da *planchette* e/ou utilizam um pentagrama ou algum outro tipo de jóia de prata durante as sessões com o tabuleiro Ouija. Eu sempre uso um anel de prata com o símbolo do pentagrama negro quando estou fazendo divinações e trabalhos mágicos.

4. Não é recomendável usar o tabuleiro Ouija mais que algumas horas por semana. Se uma pessoa se sente compelida a usá-lo mais frequentemente, isso pode ser um sinal de alerta para uma obsessão. E, regra geral, não se deve permitir que crianças pequenas o usem ou brinquem com ele, uma vez que tendem a ser consideravelmente mais impressionáveis que adultos, o que aumenta muito o risco de obsessão.

5. Qualquer um sob a influência de álcool ou drogas deve se abster de trabalhar com o tabuleiro Ouija. O mesmo vale para quem está num estado mental ou emocional que não seja saudável, uma vez que contatos com espíritos de natureza negativa podem, às vezes, levar essas pessoas à depressão, obsessão não saudável, com a morte e pensamentos de suicídio.

6. Por último, e talvez o mais importante, eu sugiro energeticamente terminar sua sessão com o tabuleiro Ouija e guardá-lo caso comece a sentir-se ameaçado de qualquer maneira por um espírito.

Sessões Espíritas e como Conduzi-las

“A sessão espírita oferece a oportunidade de estabelecer uma ponte e uma relação com os espíritos que já partiram para outra esfera”

Anna Riva

Também conhecida atualmente como *séance* (a palavra francesa para “sessão”) ou círculo espiritual, uma sessão espírita é a reunião de um certo número de pessoas com o propósito de tentar comunicarem-se com os espíritos de pessoas falecidas recentemente ou dos que morreram há muito tempo. É dito que a sessão tradicional como a conhecemos foi inventada pelas irmãs Fox em meados do século XIX, embora a prática da comunicação com os mortos é provavelmente tão antiga quanto a própria humanidade. Leah Fox, que começou sua carreira no espiritualismo no ano de 1849, é creditada com a fama de ser a primeira médium profissional do mundo.

Sessões podem ser realizadas tanto de noite quanto de dia, mas é mais eficiente quando é realizada em uma sala escurificada iluminada por uma vela acesa ou uma pequena lâmpada a óleo que é normalmente colocada no centro da mesa onde as pessoas participantes da sessão se sentarão. Diz-se que luzes fortes produzem movimento excessivo na atmosfera, o que atrapalha as manifestações. É preferível uma mesa redonda ou oval, e a sala deve ser bem ventilada e livre de minerais e objetos de vidro, já que suas energias interferem na recepção de alguns indivíduos psicologicamente sensíveis. Conduza a sessão numa hora em que ela não será interrompida e assegure-se de desligar o telefone e todos os aparelhos de rádio e TV. Quanto mais silencioso, melhor. Para que uma sessão sirva ao seu propósito, é

também imperativo que todas as pessoas presentes tenham uma atitude positiva para que os fenômenos possam ocorrer.

O ideal é que o número de pessoas participantes de uma sessão seja no mínimo três e no máximo doze. De acordo com algumas fontes, o número de participantes deve ser divisível por três. Pelo menos um médium (uma pessoa pela qual os espíritos falam e agem) deve estar presente. Entretanto, não mais de dois médiuns bem desenvolvidos devem participar da mesma sessão em nenhuma circunstância. Pessoas com saúde debilitada, especialmente as de coração fraco, devem evitar participar, a não ser que a sessão seja realizada expressamente com propósitos de cura. Além disso, não é recomendável que crianças pequenas, pessoas sofrendo de distúrbios mentais ou depressão, indivíduos de atitude extremamente cética ou negativa em relação à sessão, qualquer um sob a influência de álcool ou drogas ou pessoas sem o preparo psicológico para lidar com a comunicação com os mortos, compareçam a uma sessão.

Alguns médiuns trabalham com a ajuda de um controle. Também chamado de *ajudante espiritual* por muitos médiuns modernos, o controle é um espírito com o qual o médium faz contato após entrar num estado alterado de consciência durante uma sessão. O controle comunica-se mentalmente com o médium ou fala diretamente por suas cordas vocais para passar mensagens de outros espíritos para as pessoas sentadas na mesa da sessão.

Antes de começar uma sessão, ajuda ter um gravador por perto para gravá-la, ou um observador com papel e lápis em mãos para tomar nota de quaisquer fenômenos paranormais que possam acontecer durante a sessão e copiar as mensagens dos espíritos.

Todos, inclusive o médium, devem estar sentados confortavelmente ao redor da mesa. Eles devem relaxar, fechar os olhos e visualizar por aproximadamente um minuto que estão cercados por uma luz branca que se move em espiral. Muitas bruxas e bruxos que realizam sessões criam um círculo protetor invisível no sentido horário ao redor da área da sessão com um athame consagrado. Em seguida, todas as pessoas devem formar um círculo vivo juntando as mãos — a mão esquerda para cima e a direita para baixo para fechar o circuito. Esse círculo não deve ser quebrado em nenhum momento durante o curso da sessão, a não ser nos casos de necessidade e indisposição. Quebrar o círculo enquanto a sessão está ocorrendo não irá apenas cortar a linha de comunicação entre o mundo espiritual e o mundo dos vivos, em alguns casos pode causar traumas ao médium se este estiver em transe profundo no momento (alguns espiritualistas modernos acham que segurar ou tocar as mãos durante a sessão é desnecessário. Desde que todas as mãos estejam sobre a mesa com as palmas para baixo, a madeira da mesa, quando carregada, age como um condutor de energia espiritual).

Muitas sessões são iniciadas com um canto ou oração, geralmente a recitação do Salmo 23, que é o seguinte: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará. Em verdes pastagens me faz repousar, conduza-me até as fontes

tranqüilas e reanima minha vida, guia-me pelas sendas da justiça em Seu nome. Ainda que eu ande pelo vale das sombras da morte, não temerei mal algum, pois Tu estás comigo, teu bordão e teu cajado me confortam. Preparastes a mesa para mim diante de meus inimigos. Tu me ungestes com óleo e transbordastes minha taça. Bondade e misericórdia me acompanharão todos os dias de minha vida e habitarei a casa do Senhor para todo o sempre”.

Uma prece mais apropriada para pagãos reunidos para uma sessão seria:

Ó Senhora e Senhor do amor e da luz

Ó antigos das trevas e da luz

Dê força a este círculo com todo seu poder

Guarde-nos do mal; proteja-nos de fermentos.

Conceda-nos domínio, três vezes abençoado por Ti,

Para manifestar os espíritos.

Agradecemos-Te muito,

Esta é nossa vontade; que assim seja!

É importante que todos os participantes se concentrem no indivíduo cujo espírito tenta contatar. Uma fotografia e/ou item pessoal do falecido podem ser colocados na mesa para ajudar na concentração e emitir vibrações energéticas que se espera que o espírito receba e responda. A sessão inicia-se quando o condutor (freqüentemente um médium) chama o mundo espiritual num esforço de fazer contato com os que passaram para o “outro lado” (que é como veio a ser conhecido o mundo dos espíritos). Tipicamente se diz algo do tipo:

“Estamos reunidos neste círculo na esperança de fazer contato com o mundo além do mundo dos vivos. Nesse mundo há alguém com o qual queremos nos comunicar. Aquele que fora conhecido em vida como [nome]. Se esse espírito puder nos ouvir e está disposto a falar, por favor, apareça diante de nós de além da escuridão e do silêncio do túmulo e dê-nos um sinal.”

Após chamar pelo espírito, seja paciente e espere por uma resposta. Se nenhuma for recebida após um período razoável de tempo, continue chamando o espírito até que ele responda ou tente contatar um espírito diferente que possa ser mais receptivo e dar um sinal.

Freqüentemente, o sinal da presença de um espírito virá na forma de batidas ou um outro som audível por todos, um frio súbito ou a sensação de brisa. Às vezes a chama da vela reagirá tornando-se azul e/ou tremeluzindo rapidamente ou queimando muito alta. Em alguns casos, um espírito falará com uma voz incorpórea, manifestar-se-á visivelmente ou fará com que a mesa levite ou objetos (conhecidos como aportes) se materializem em pleno ar.

Após receber o sinal do espírito, prossiga fazendo quaisquer perguntas que tenha para ele. Só faça perguntas que possam ser respondidas com sim ou não, e apenas uma de cada vez. Instrua o espírito para responder

com uma batida para sim e duas para não (ou vice-versa, se preferir) ou para usar o médium como um veículo pelo qual possa falar.

Não existem duas sessões idênticas. Às vezes, pode levar um bom tempo antes que se consiga contatar um espírito, e outras vezes pode ser quase instantâneo. Em alguns casos, um espírito não é capaz ou não está disposto a comunicar-se com os vivos e não será conseguido contato nenhum. O fracasso em fazer contato com o mundo espiritual pode resultar de um fraco nível de concentração, de um estado de saúde ou de energia debilitado por parte do médium ou se a sessão é continuamente interrompida por distrações como um telefone tocando, um cachorro latindo, um bebê chorando, barulhos de tráfego, etc.

Em casos mais raros, uma pessoa que nunca demonstrou habilidades psíquicas ou mediúnicas entrará repentinamente em transe durante o curso da sessão e um espírito fala por ela. Raramente esse tipo de experiência representa um risco e a pessoa normalmente lembra-se de muito pouco ou nada após sair do transe e voltar a um estado de plena consciência. Essa experiência pode indicar o despertar de dom natural de mediunidade da pessoa, ou pode ser uma ocorrência única que nunca se repetirá.

Se, durante uma sessão, alguém de repente sentir vontade de falar, cantar, gesticular ou escrever, não se deve tentar reprimir isso, pois pode ser a maneira de o espírito se expressar por uma pessoa. Se um espírito maligno e sombrio for encontrado, ele não deve ser expulso. Em vez disso, todos devem-se esforçar para elevá-lo e tratá-lo como tratariam uma pessoa normal em circunstâncias similares.

É importante que seja mantido o controle durante a sessão. Caso se sinta que a situação está escapando ao controle (os participantes ficam irritados, o médium parece ter perdido o controle, etc.), é perfeitamente aceitável que a sessão seja interrompida imediatamente. Isso é feito simplesmente quebrando-se o círculo de mãos, apagando a vela e ligando a luz.

Uma sessão deve sempre durar no mínimo uma hora (mesmo se nenhum contato com o mundo dos espíritos for feito) e não mais de duas horas, a não ser que os espíritos solicitem uma prorrogação. Quando todos tiverem terminado de comungar com os espíritos e estiverem prontos para encerrar a sessão, o condutor deve se assegurar de agradecer ao espírito por se juntar à sessão e educadamente instruí-lo a ir embora. O círculo de mãos deve então ser quebrado e a chama da vela, apagada.

CAPÍTULO 4

As Artes Necromânticas

“A Bruxaria, em sua diversidade necromântica, taumatúrgica e apotropaica, tem sido invariavelmente um fenômeno significativo de todas as culturas, independentemente de seu nível de desenvolvimento.”

Harry E. Wedeck, *Treasure of Witchcraft*.

A necromancia é a arte e a prática da adivinhação por meio da conjuração e da comunicação com os espíritos dos mortos. Na *Women's Encyclopedia of Myths and Secrets*, Bárbara Walker alega que a necromancia é “uma das formas de magia mais populares do mundo, ainda amplamente praticada sob o nome de espiritualismo e mediunidade”.

A necromancia, do grego *nekros* (um corpo morto) e *manteia* (adivinhação), tem suas raízes fincadas na antiguidade, como muitas outras artes ocultas. Tem sido praticada por todo o mundo por inúmeras culturas, incluindo os antigos gregos, romanos, celtas e persas, que a empregavam como meio de aprender os segredos do pós-vida e revelar o futuro.

A *Webster's New Encyclopedia of Dictionaries* define a necromancia como “magia negra” e, por séculos, os rituais necromânticos foram chamados de “artes negras”. Entretanto, ao contrário da concepção popular, a necromancia não é necessariamente uma forma de magia negra, nem envolve a conjuração de demônios ou do Diabo. De acordo com J. B. Russel, no livro *Witchcraft in the Middle Ages*, a necromancia veio a ser conhecida como “as artes negras” após a raiz grega *nekros* ser corrompida pelo latim *niger*, que quer dizer negro. Assim, a nigromancia (outro termo para necromancia) pode ser traduzida como “o método negro de adivinhação” e é, às vezes, usada incorretamente para indicar magia negra.

Francis Barret, autor do grimório do século XIX (*The Magus*) *O Mago*, disse que a arte da necromancia “tem esse nome porque trabalha com os corpos dos mortos e dá respostas com fantasmas e aparições dos

mortos e espíritos subterrâneos, atraindo-os para as carcaças dos mortos com o uso de encantos e invocações infernais, por sacrifícios mortais e oblações perversas”.

Um dos primeiros registros escritos sobre a necromancia pode ser encontrado no Antigo Testamento. Descrita como “uma mulher que possuía um espírito familiar”, a infame Bruxa de Endor evoca o espírito do profeta hebreu morto Samuel para responder às perguntas do Rei Saul. Entretanto, a aparição conjurada prevê a derrocada do rei.

Apolônio de Tiana era um filósofo grego, profeta e necromante do século I. Chamado de “uma das pessoas mais extraordinárias que já surgiram no mundo” por Francis Barret, dizia-se que Apolônio fora agraciado com grandes poderes sobrenaturais. Ele era habilidoso nas artes mágicas e tinha a reputação de possuir a capacidade de se comunicar com aves. Após cair em desgraça com o Imperador Severo, Apolônio foi posto em julgamento e teve seu cabelo raspado na tentativa de deixar suas habilidades mágicas impotentes.

No século XIX, o mago e autor Eliphas Levi usou um ritual para conjurar o espírito de Apolônio de Tiana. Em seu livro *The Mysteries of Magic* também conhecido como *The Histories of Magic*, Levi escreveu: “Três vezes e com os olhos fechados invoquei Apolônio. Quando olhei novamente havia um homem diante de mim, enrolado da cabeça aos pés com um tipo de manto... ele era magro, melancólico e sem barba.” O espírito, que Levi nunca reconheceu como o próprio Apolônio, desapareceu após ser ordenado a partir, usando uma espada ritual. Entretanto, ele reapareceu mais tarde para ele. Nas palavras de Levi: “A aparição não falou comigo, mas parecia que muitas questões que preparara para perguntar foram resolvidas em minha mente.”

A necromancia é frequentemente associada aos pagãos, particularmente feiticeiros e bruxas. Entretanto, muitos cristãos e judeus também acreditam e praticam os rituais necromânticos. Diz-se que São Clemente de Roma contratou certa vez um necromante para conjurar um espírito do submundo e adquirir dele os segredos do pós-vida. Mesmo Jesus Cristo, cujos ensinamentos fundaram a tradição religiosa do cristianismo, realizou o papel de necromante. A despeito disso, a Igreja Católica condena a necromancia como “agência de espíritos malignos”. Segundo Bárbara Walker, “as autoridades cristãs reservavam para si toda a lida com os mortos e consideravam qualquer atividade necromântica ou espiritualista laica como heresia, se não satanismo”.

Na Inglaterra elisabetana, a prática de necromancia tornou-se crime sob o Ato de Bruxaria de 1604. No ano de 1866, logo após o nascimento do movimento espiritualista na Inglaterra e nos Estados Unidos, o Segundo Conselho Plenário de Baltimore proibiu os fiéis de realizar ou participar de sessões por qualquer razão, atribuindo uma parte das manifestações a

“intervenções satânicas, uma vez que não podem ser compreendidas ou explicadas de qualquer outra maneira”.

Após ser oficialmente banida pela Igreja, a prática da necromancia ganhou popularidade (como a maioria das coisas que se tornam “frutos proibidos”). Entretanto, sua reputação foi manchada, na medida em que feiticeiros começaram a violar túmulos e exumar os corpos dos recém-mortos. De acordo com o autor R. Brasch no livro *Strange Customs: How Did They Begin?*, “assassinatos chegavam a ser cometidos para usar o cadáver o mais fresco possível para alcançar o reino dos mortos de modo que ganhasse dele o conhecimento do futuro”.

É dito que alguns necromantes chegavam a ter relações sexuais com cadáveres femininos (necrofilia) com propósitos adivinhatórios. Essas perversões eram executadas na crença de que a potência dadivosa de vida do sêmen do necromante revitalizaria o corpo, fazendo-o capaz de responder ao chamado e fornecer a informação requisitada.

“Através dos anos um vasto e exigente ritual foi desenvolvido para invocar os mortos”, diz R. Brasch, “e era aplicado por feiticeiros que se tornaram *experts* na necromancia”. Círculos mágicos, altares, tripés, sinos e ferro magnetizado tornaram-se as ferramentas dos necromantes, com encantamentos e o símbolo do pentagrama (para proteção).

Um antigo ritual necromântico instrui o mago a usar sobre o coração um Pentáculo de Salomão e “aproximar-se do túmulo do cadáver escolhido no pôr-do-sol ou à meia-noite”. Após desenhar um círculo ao redor da cova, um tradicional (mas muito venenoso) incenso de mandrágora, meimendo, cicuta, açafraão, ópio e “wood aloe” (aloé de madeira) é queimado em um incensório. A tampa do caixão deve então ser aberta. O mago “volta-se para os quatro ventos” e então toca o corpo três vezes com uma varinha em sua mão direita, enquanto ordena com firmeza que o espírito do falecido retorne ao seu antigo corpo e responda a todas as perguntas feitas [é imperativo que o corpo seja posicionado de modo que o topo de sua cabeça aponte para o leste e seus braços e pernas estejam “na posição do Cristo crucificado”]. Após as perguntas do mago terem sido respondidas, o espírito é enviado de volta e o corpo queimado.

Diz-se que os espíritos têm acesso a informações sobre o passado e o futuro que não estão disponíveis para os vivos. Por meio de rituais necromânticos, um mago é capaz de obter essas informações. Um espírito invocado por um necromante também pode ser usado para localizar tesouros enterrados ou submersos e revelar a causa da morte de uma pessoa. De acordo com o *The Book of Black Magic and Cerimonial Magic* “Mais ainda, ele pode responder com muita precisão sobre os lugares onde residem fantasmas e a maneira de se comunicar com eles, ensinando a natureza de espíritos astrais e criaturas infernais, até onde permita sua capacidade.”

Muitos necromantes são atraídos por profissões que lidam com a morte e que lhes dêem acesso a cadáveres humanos. Como desenterrar corpos

de túmulos não é nem prático nem legal, os praticantes das artes necromânticas podem frequentemente ser encontrados trabalhando em agências funerárias, necrotérios e cemitérios.

Uma das concepções enganosas mais comuns sobre a necromancia é de que todos os necromantes são satanistas ou que sua arte é um desdobramento do satanismo. Enquanto alguns necromantes possam muito bem ter uma visão de satanistas ou mesmo ser membros de carteirinha da Igreja de Satã, muitos não o são. A necromancia e o satanismo são dois caminhos distintos. A necromancia em si não incorpora ou advoga a adoração, evocação de pactos satânicos ou rituais de sacrifício em nome do Diabo. A crença ou a adoração do Príncipe das Trevas não é de modo algum pré-requisito para tornar-se um necromante. Entretanto, habilidades mágicas e respeito pelos mortos são.

Ao mesmo tempo que é uma prática comum na religião do Vodou, a necromancia é raramente, ou nunca, praticada por bruxas e bruxos neopagãos, muitos dos quais a consideram maligna, antiética ou que não serve a propósito nenhum. Isso não quer dizer que bruxos não podem nem devem praticar as Artes Negras se acharem que é seu destino.

Entrevista com um Necromante

Recentemente tive a oportunidade de conhecer e ter uma conversa detalhada com um indivíduo que não só conhece as artes necromânticas muito bem, mas também as tem praticado por muitos anos. As perguntas e respostas a seguir são o resultado de minha entrevista com essa pessoa fascinante, cuja identidade pediu-me para manter confidencial.

P: Por que você decidiu praticar a necromancia?

R: Pela mesma razão que alguém pratica qualquer forma de conjuração ou feitiçaria... por *poder*, pura e simplesmente. Poder como um meio para um fim e qualquer objetivo mágico que eu possa ter no momento. Já para os outros, algumas pessoas se aproximam da necromancia após a morte de um ente querido, enquanto outros têm o dom da necromancia desde o nascimento. Para os do último grupo, a necromancia é uma parte de quem e o que são por natureza.

P: A necromancia pode ser classificada como um caminho espiritual religioso, além de ser uma arte adivinhatória?

R: Eu defino religião como a crença e a reverência por um poder sobrenatural considerado como o criador, criadora ou controlador do Universo. Portanto, não considero a necromancia como uma religião... talvez um *suplemento* da minha religião (que é o

paganismo). Vejo a necromancia como mais uma escola de pensamento. Os antigos druidas estudavam a sabedoria dos mortos, assim como os babilônicos, os sacerdotes de Osíris e outros ao longo de toda a História. Entretanto, se uma pessoa é da crença de que a necromancia controla o Universo, então suponho que ela poderia ser classificada como um caminho espiritual e religioso para essa pessoa. Entretanto, muitas pessoas considerariam isso nada mais que pura blasfêmia! É importante notar que poucos necromantes o são por razões religiosas. A maioria dos que conheço ou sobre os quais eu li pratica-a como uma arte adivinhatória, uma disciplina, estudo ou classe de magia.

P: O que você sente que são as razões por que as pessoas são atraídas para a prática de necromancia?

R: Eu acho que muitos praticantes são atraídos pelo poder que as artes necromânticas oferecem e muitos consideram-nas bastante recompensadoras e iluminadoras. Há, é claro, aqueles que são motivados por outras razões, como o desejo de se comunicar com entes queridos falecidos ou simplesmente por curiosidade de ver se a necromancia realmente funciona.

P: Quais são alguns dos mitos e concepções enganosas associados à necromancia?

R: Muitas pessoas supõem que a necromancia é só invocar o Diabo e conjurar demônios, o que não é verdade. Nem todos os necromantes são satanistas, adoradores do diabo, necrófilos, canibais ou ladrões de túmulos. Muitos de nós somos pessoas decentes e respeitadoras da lei e temos um emprego em tempo integral, com carreiras recompensadoras. Necromantes podem ser encontrados em praticamente qualquer comunidade, mas são muito reservados sobre sua arte, mantendo-a em segredo. Pelo que você pode saber, pode haver um vivendo bem do seu lado.

P: A necromancia pode ser perigosa?

R: Inegavelmente, há muitos perigos associados com a necromancia e qualquer um que pense diferente (especialmente no que se refere à alta necromancia) é pouco mais que um idiota, ou pelo menos com uma tendência para a insanidade! O maior perigo que o necromante deve encarar é achar que tem completo controle sobre quaisquer espíritos que tenha despertado. Da mesma forma que qualquer uma das assim chamadas "Artes Negras", o necromante está sempre correndo o risco de sucumbir às próprias forças que está tentando dominar. É por isso que manter a concentração e o estado mental é de extrema importância. É primordial lembrar que a comunicação com os mortos é uma coisa muito frágil. Um praticante da necromancia deve sempre tratar

os mortos com respeito e saber a coisa certa a dizer. O risco de ser atacado astralmente por entidades raiosas ou curiosas é onipresente. Também há efeitos colaterais que vêm com a canalização de energia negativa demais. Exposição prolongada ao poder da morte pode ter um preço alto para o corpo e para a mente do necromante, tornando-o cada vez mais como os desmorts sob seu comando. Essa corrupção é tipicamente um processo lento que segue sem ser notado por um longo tempo conforme o necromante, consumido por seus estudos, ignora ou deixa de perceber os primeiros efeitos. Mas, eventualmente, a tensão imposta pode destruir o bem-estar físico, emocional e mental de uma pessoa.

P: Você mencionou “alta necromancia”. Poderia explicar melhor?

R: A alta necromancia é um dos mais sagrados e enigmáticos de todos os ritos necromânticos. É basicamente uma invocação de Azrael, o Anjo da Morte, o que permite que o necromante alinhe sua alma com a “energia da morte” (a corrente de transição). A alta necromancia permite que o mago partilhe intimamente sua consciência com a de Azrael e aprenda com essa união. Na alta necromancia, um cadáver é usado como catalisador.

P: Qual a diferença da assim chamada necromancia “negra” da necromancia “branca”?

R: Eu sempre considereei a necromancia negra basicamente como a invocação de um espírito maligno ou a reanimação de um corpo morto com o propósito de assustar, ferir ou matar outra pessoa, como um inimigo. É extremamente perigosa e pode facilmente sair pela culatra e atingir a pessoa que está tentando controlar o espírito. A necromancia negra só deve ser realizada por um mestre em necromancia, quando muito.

A necromancia branca, no entanto, é a invocação dos mortos com o propósito de adivinhar o futuro ou o desconhecido, ou com o propósito de esclarecimento espiritual ou mágicko. Há algumas pessoas, contudo, que definem simplesmente necromancia negra como a reanimação de um cadáver e a necromancia branca como a invocação de um espírito.

P: Você considera a necromancia como o melhor método de adivinhação?

R: Eu pessoalmente não acredito que exista um método de adivinhação superior aos outros. É tudo uma questão de gosto pessoal. O que atrai ou funciona melhor para uma pessoa não é necessariamente o mesmo que para outra. A necromancia, como a maioria das artes ocultas, tem suas vantagens e desvantagens. E, dependendo das energias do mago e do indivíduo invocado, pode ser recompensadora ou não confiável. Mas uma coisa é certa: nunca será uma experiência sem graça! A necromancia pode, sem dúvida nenhuma,

ser o mais perigoso método de adivinhação. Mas, por outro lado, pode também ser o mais poderoso.

P: Quais são os melhores horários e lugares para realizar a necromancia?

R: O pôr-do-sol ou entre a meia-noite e uma da manhã são os horários ideais para a invocação dos espíritos dos mortos. Noites em que a Lua está cheia também são bons momentos. Tradicionalmente, os locais onde se realiza a necromancia têm sido cemitérios (onde os espíritos abundam) e encruzilhadas; lugares assim ressoam com poderosas energias mágickas. Entretanto, rituais necromânticos podem ser realizados em outros lugares, como um local assombrado, um templo sagrado ou onde ocorrera morte (seja por causas naturais ou não). Sabe-se de alguns necromantes que realizavam sua magia na escuridão do deserto ou encobertos pelas árvores emaranhadas de uma floresta.

P: Quais são alguns dos erros comumente cometidos por necromantes novatos?

R: Muitas pessoas tentam realizar a necromancia achando que estão no controle dos mortos ou que podem trazê-los exclusivamente pela força de suas vontades ou somente com componentes, mas sem feitiços. Na verdade, eles não têm a menor idéia do que estão fazendo. Sempre há conseqüências que surgem quando alguém realiza um ritual necromântico, mas alguns não percebem isso, o que, por sua vez, pode ser muito perigoso. Tentar erguer os mortos sem o devido conhecimento e treinamento seria um grave erro, uma vez que invocações, amarrações, liberações e expulsões de espíritos feitas inadequadamente podem enfurecê-los bastante. Saiba o que está fazendo antes de experimentar a necromancia, senão você pode colocar a si e às pessoas próximas em grande perigo!

P: Que conselhos você pode oferecer a quem está interessado em praticar a necromancia?

R: A necromancia não deve *nunca* ser vista como algum tipo de brincadeira. É um negócio sério e não é feita para cometer travessuras ou aliviar o tédio. Além disso, nunca se deve tentar reanimar os mortos com o propósito de realizar o mal ou ferir e prejudicar os outros, não importa o que tenham feito a você. Isso é muito perigoso (principalmente para um iniciante)! Assegure-se de que está bem protegido durante um ritual necromântico, caso um espírito maligno se materialize e tente feri-lo. Use no corpo um Pentáculo de Salomão e sempre trabalhe dentro do círculo, nunca saindo dele antes de o espírito invocado ter sido adequadamente enviado de volta. Não há como enfatizar esse ponto excessivamente. Há casos de necromantes que conjuraram espíritos malignos, mas não sabiam que o tinham feito porque o espírito era invisível. Eles

cometeram o equívoco de sair do círculo protetor e foram atacados. Também é uma boa idéia ter um assistente com você no círculo ao usar a necromancia. A maior parte dos mestres da necromancia sempre trabalha com um assistente. Estude e treine para tornar-se um adepto da magia antes de tentar a necromancia, mas lembre-se de que conhecimento sem disciplina pode ser muito perigoso. Na necromancia, isso pode acabar matando-o, ou mesmo os que estão próximos a você!

CAPÍTULO 5

Possessão, Obsessão e Exorcismo

Existem basicamente dois tipos de possessão: por espíritos e por demônios. O primeiro tipo é descrito por Rosemary Ellen Guiley em seu livro *The Encyclopedia of Witches and Witchcraft* como uma “troca de personalidades culturalmente sancionada e voluntária”, enquanto o outro tipo é dito ser a tomada completa da personalidade individual por uma entidade demoníaca com o único propósito de causar mal.

A possessão espiritual é praticada por diversas culturas e religiões e tem sido assim praticamente desde a aurora dos tempos. Muitos oráculos e profetas das civilizações antigas adivinhavam o futuro entrando em um estado de transe e sendo possuídos por entidades. De modo similar, muitos curandeiros e sacerdotes de diversas tradições xamânicas utilizam há muito tempo a possessão espiritual (assim como o controle de espíritos) para curar e realizar profecias.

O conceito de possessão por diversas divindades é parte vital da adoração religiosa para muitos na África, no Caribe, na Índia, no Oriente Médio e em outras regiões pelo mundo. Como Rosemary Ellen Guiley diz: “Ser possuído significa que um Deus encontrou alguém digno de receber seu espírito”. Ela diz ainda que “a possessão por espíritos permeia a vida cotidiana” de hindus na Índia, com as pessoas possuídas sendo mais frequentemente mulheres.

No Vodou (ou *Vodoun*, como também é conhecido), a adoração religiosa envolve a possessão de devotos em estado de transe por diversos deuses, conhecidos como *loas*. Dependendo dos rituais observados, os *loas* que possuem os humanos que os servem podem ser benevolentes, sábios, generosos, sexuais, vingativos ou cruéis. Eles podem oferecer proteção, punir malfeitores, adivinhar o futuro, curar os enfermos, exorcizar espíritos malignos, aconselhar, etc. A adoração dos *loas* é parte essencial da religião do

Vodu e é costumeiro para os devotos apaziguarem seus deuses com diversos tipos de oferendas.

A possessão do corpo e da mente de uma pessoa por um loa do Vodou é conhecida como “montar um cavalo” e é induzida pelo frenesi dos tambores e dos cantos. Durante essa “interação sagrada” entre divindade e mortal, os devotos perdem toda consciência e assumem os maneirismos e, às vezes, até as características físicas do Deus ou da Deusa que os possuem. Apesar de a maioria dos devotos possuídos retornar ao seu estado normal quando as cerimônias do Vodou são encerradas, essa experiência pode ser aterradora e até perigosa para os que não são capazes de controlar o loa. Alguns são tomados por loucura, enquanto outros encontram a morte.

A Grande Serpente conhecida como Dambalah-Wedo encabeça o panteão do Vodou. Diz-se que ele é o mais velho dos ancestrais e o loa que realizou a criação. Uma classificação separada dos loas são os Guedes, ao redor dos quais cultos de Vodou inteiros revolvem. Os Guedes, segundo Guiley, “são diversos espíritos da morte e do morrer, da sensualidade e da lascívia, dos cemitérios e dos coveiros”.

As bruxas e os bruxos que realizam os rituais neopagãos, conhecidos como Puxando a Lua e Puxando o Sol, estão na verdade tomando parte em um tipo de possessão espiritual. Durante o ritual da Lua, o espírito da Deusa é invocado, ou puxado, para dentro da Alta Sacerdotisa que então fala enquanto está em transe. De modo similar, durante o ritual do Sol, o espírito do Deus Cornífero (o consorte da Deusa) é invocado, ou puxado, para dentro do Alto Sacerdote. Como sua contraparte feminina, a Alta Sacerdotisa, ele também fala enquanto está em transe.

Outro tipo de possessão espiritual ocorre quando médiuns espiritualistas entram em transe durante uma sessão e permitem que os espíritos dos mortos os possuam temporariamente, para poder falar por meio deles. Há até alguns médiuns que, enquanto sob a influência de uma possessão espiritual, fazem sermões em igrejas espiritualistas. Alguns passam mensagens da congregação para o mundo dos espíritos.

A possessão espiritual não é, de modo algum, limitada estritamente a espiritualistas e aos seguidores de caminhos pagãos. Também pode ser encontrada na religião e nos mitos cristãos. De acordo com a Bíblia, após a crucificação e a ressurreição de Cristo, o Espírito Santo possuiu os apóstolos, permitindo que eles falassem em muitas línguas (o interessante é que na Idade Média a Igreja passou a associar o fenômeno que já fora sagrado de falar em línguas com a possessão demoníaca).

De acordo com a Bíblia Hebraica (1 Samuel 16,23), o Rei Saul era repetidamente “atormentado por um espírito maligno enviado pelo Senhor”, o qual o jovem Davi foi capaz de expulsar tocando sua harpa. “Sempre que o espírito enviado por Deus tomava Saul, Davi pegava sua harpa e tocava, e Saul era remediado e se sentia melhor, pois o espírito maligno o deixava.”

Durante a adoração, muitos seguidores do movimento pentecostal (uma tradição cristã que data do início do século XX) acreditam que eles e outros são possuídos pelo Espírito Santo. Nesse estado de “comunhão extática” com Deus, não é incomum que pessoas rolem pelo chão, tenham ataques epiléticos e falem em línguas. “Receber o Espírito”, como os pentecostais normalmente se referem a esse estado de possessão, é considerado uma bênção.

Possessão e Canalização Espiritual

Canalização espiritual é outro termo para a invocação de espíritos. Uma pessoa que canaliza os espíritos é conhecida como médium, médium de transe ou médium espiritualista. Para canalizar um espírito, o médium permite que o espírito use seu corpo físico como instrumento pelo qual pode falar. Entretanto, durante uma sessão ou consulta ao tabuleiro de Ouija, o médium que não trabalha com um intermediário espiritual (conhecido como “controle”) freqüentemente tem pouco ou nenhum controle sobre que espírito ou espíritos ele canalizará.

Há inúmeros indivíduos (muitos cristãos) que acreditam que médiuns e outras pessoas de elevado grau de sensibilidade espiritual sofrem um grande risco de serem possuídos espiritual, emocional e até mesmo fisicamente por espíritos.

De acordo com os que acreditam em possessão espiritual, há basicamente três estágios, começando com o que é chamado de Influência Parcial, que é quando a pessoa se sente compelida a passar a maior parte de seu tempo livre se comunicando com um espírito de algum modo, normalmente um tabuleiro Ouija. Eventualmente, o espírito influencia o médium no modo de agir, em com quem se comunicar, e daí em diante. O comportamento da pessoa torna-se cada vez mais peculiar e ela progressivamente se isola da família e dos amigos de modo que devota mais tempo ao espírito.

O segundo estágio é conhecido como Possessão Parcial, que é o controle parcial da mente e da fala de uma pessoa por um espírito. Tipicamente, os sonhos e as emoções da pessoa nesse estado são afetados e ela começa a ouvir a voz do espírito quando está acordada e quando está dormindo e começa a temer que o controle do espírito sobre ela não possa ser interrompido.

O terceiro estágio, o mais grave, é a Possessão Total, que precisa de exorcismo. As pessoas desafortunadas o bastante para chegar a esse ponto não são mais capazes de funcionar normalmente e são freqüentemente diagnosticadas por médicos como vítimas de distúrbios mentais. Com freqüência acabam como pacientes em hospitais psiquiátricos ou vítimas de suicídio.

Obsessão

O termo obsessão refere-se à condição em que um espírito, normalmente considerado maligno (ou, em alguns casos, um demônio), tem uma forte influência sobre a psique de uma pessoa. É definida no dicionário como “o ato de um demônio ou espírito maligno de acostrar uma pessoa ou a impelir a agir de fora”. Diferentemente da possessão, na qual o espírito ou demônio toma residência dentro do indivíduo e ganha controle completo ou quase completo do corpo e da psique da vítima, a obsessão envolve espíritos externos e não deixa a pessoa impotente para exercitar seu livre-arbítrio. Também pode ser acompanhado por atividade de *poltergeist* quando o espírito faz aparecer certas coisas ao redor da pessoa que está influenciando. Nem todos os casos de obsessão levam à possessão propriamente dita. Na verdade, poucos o fazem. Entretanto, é dito que o estado de possessão é sempre precedido pelo de obsessão.

Muito foi escrito sobre o assunto da obsessão espiritual, a maior parte de um ponto de vista negativo e cheio de alertas de alarmistas contra fazer contato com o mundo dos espíritos, especialmente em sessões espíritas e com tabuleiros Ouija, por medo de obsessões e mesmo de possessões. Entretanto, nem todos são dessa opinião (incluindo eu).

O Reverendo E.W. Sprague, um ex-missionário da Associação Espiritualista Nacional dos Estados Unidos e médium espiritual desde o nascimento, considerava a noção de obsessão espiritual como uma “crença errônea”, que foi uma grande praga para o movimento espiritualista. Tendo sido ele próprio controlado por espíritos inúmeras vezes durante tranSES, Sprague considerava suas experiências com espíritos como “bênçãos” e via todos os espíritos como professores cujo conselho era sempre animador, espiritual e útil. Ele via o mundo dos espíritos como um mundo natural onde prevalecem leis que impedem que coisas como obsessão espiritual aconteçam. Ele não acreditava que os espíritos procuram obter possessão permanente ou de longo prazo de um médium, ou possessão com o propósito de prejudicar a saúde, a moral ou a mente de alguém, para mandar alguém para a cova ou aniquilar suas almas. Ele declarava enfaticamente não acreditar em obsessão e desprezava “essa doutrina blasfema”, referindo-se a ela em seus escritos como uma “terrível ilusão” e “o grande bicho-papão do Espiritualismo Moderno”.

No ano de 1915, Sprague, usando sua vasta experiência em assuntos do oculto e dos espíritos, escreveu um livro que ele próprio publicou chamado *Spirit Obsession: A False Doctrine and a Menace to Modern Spiritualism*. Ele escreveu uma obra altamente controversa na esperança de que derrubaria os mitos e aliviaria o medo da possessão espiritual para permitir que o espiritualismo “seja apresentado ao mundo em sua verdadeira luz, seus lindos ensinamentos e verdadeira filosofia”.

Exorcismo de um *Poltergeist*

A fórmula para exorcizar um *poltergeist* a seguir vem de um manual do século XVII e foi republicada no *Dictionary of Satanism* de Wade Baskin:

*“Eu te adjuro, antiga serpente,
pelo Juiz dos vivos e dos mortos,
pelo Criador do Universo,
que tem o poder de te enviar a Gehenna,
a deixar essa casa imediatamente.
Ele assim te ordena, demônio maldito,
aquele que comanda os ventos e o mar e as tempestades.
Ele te ordena a recuar
Escute, portanto, Satã, e tema,
E retire-te, dominado e prostrado.”*

Possessão Diabólica e Demoníaca

Possessões demoníacas ocorrem quando um demônio possui o corpo e a mente de uma pessoa viva. Em casos raros, pessoas mortas e até animais podem ser possuídos. Embora o fenômeno da possessão demoníaca seja universal, ele não é tão comum quanto a possessão por espíritos não demoníacos, na qual um espírito humano ou uma divindade domina o corpo e a mente de uma pessoa completa ou parcialmente. Ainda mais incomum é a possessão diabólica, que é quando se está possuído não por um mero demônio ou espírito maligno, mas pelo diabo em pessoa, segundo os exorcistas católicos romanos.

Acredita-se que quando um demônio possui uma pessoa, ele o faz gradualmente e somente com o seu consentimento. Nas palavras de Louis Stewart, autor de *Life Forces*, “para o exorcista, este é o ponto crucial das possessões — é uma escolha feita livremente”. Após a possessão ter se estabelecido, a vítima apresentará um ou mais (e eventualmente todos) sintomas que são similares, se não idênticos, entre a possessão demoníaca e a diabólica e que incluem comportamento bizarro e inexplicável, surtos de violência, força sobre-humana, habilidade de mover objetos físicos por meio de psicocinese, atividade de *poltergeist*, capacidade de ler mentes, falar de trás para frente ou em línguas até então desconhecidas e uma extrema repugnância em relação a textos, símbolos e ícones religiosos sagrados da fé cristã. Diz-se que a aparência facial de um indivíduo possuído

freqüentemente torna-se grotescamente distorcida ou anormalmente suave e o corpo exala um odor asqueroso e pungente que banho nenhum pode eliminar. Ele ou ela freqüentemente entra e sai de um estado comatoso e sofre uma tendência a ataques espontâneos de raiva e violência.

É interessante notar que as vítimas de possessão diabólica sempre foram, historicamente falando, de fé cristã ou outros cuja crença no diabo (com a possessão diabólica) aparentemente os deixou psicologicamente receptivos a esse tipo de sugestão. Na verdade, em momento nenhum durante minha pesquisa do assunto pude encontrar histórias de casos documentados ou outras evidências que possam provar suficientemente o contrário.

Por que será, então, supondo que o diabo exista de fato e os sintomas da possessão diabólica não possam ser atribuídos a doenças mentais ou auto-sugestão por parte da vítima, que o diabo parece nunca possuir ou aparecer para ateus e outros (bruxos e neopagãos) que acreditam que ele não seja mais que uma criatura mitológica e fruto de imaginações hiperativas? Será que simplesmente a mente humana é, às vezes, capaz de tornar real o objeto de seus medos — seja real ou imaginário, como no caso do diabo? Eu acredito que sim. Que outra explicação pode haver para o fato de que tantas, se não todas as visões de Jesus Cristo, da Virgem Maria e outros arquétipos cristãos (incluindo Satã) são experimentadas por aqueles que acreditavam anteriormente na sua existência e poder?

Aparentemente, não existem registros de possessão diabólica antes do advento do cristianismo. Entretanto, na Idade Média, quase todas as pessoas que sofriam ataques epiléticos ou exibiam sintomas de doenças mentais eram consideradas possuídas pelo diabo ou um de seus lacaios. Essas pessoas eram freqüentemente confinadas em masmorras, torturadas, sujeitadas a exorcismos e até mesmo mortas. Felizmente, conforme a ciência médica progredia e médicos começaram a reconhecer e aprender como tratar de certas condições físicas e mentais anteriormente consideradas sinais do trabalho do diabo, os casos de possessão demoníaca e diabólica tornaram-se cada vez mais raros.

O “Rituale Romanum”

O *Rituale Romanum* (“Ritual Romano” em latim) é um livro litúrgico que contém todos os rituais normalmente administrados por um padre, incluindo o único ritual formal para exorcismo sancionado pela Igreja Católica Romana. Além do exorcismo de demônios e espíritos malignos, esse manual de serviço para padres também contém instruções para o exorcismo de casas e outros lugares que se acredita estarem infestados por entidades malignas.

Escrito no ano de 1614 durante o papado do Papa Paulo V, o *Rituale Romanum* alertava os padres contra realizar os ritos de exorcismo em indivíduos que não estejam realmente possuídos. Mas com o avanço da ciência médica que podia diagnosticar com maior precisão doenças tanto físicas como mentais, os casos de possessão real — demoníaca e espiritual — tornaram-se muito mais difíceis de determinar. Muito do que se acreditava ser possessão demoníaca agora é diagnosticado como sendo esquizofrenia, paranóia, distúrbio de múltipla personalidade, disfunções sexuais, histeria e outras neuroses resultantes de obsessões e terrores da infância. Desde sua publicação inicial no século XVII, o manual permaneceu inalterado até 1952, quando duas pequenas alterações no texto do ritual do exorcismo foram feitas.

Essas revisões mudaram o texto em uma linha que dizia “sintomas de possessão são sinais da presença do demônio” para “sintomas de possessão podem ser sinal da presença do demônio”. Além disso, a sentença original que se referia a pessoas sofrendo de condições além da possessão demoníaca ou espiritual como “aqueles que sofrem de melancolia ou outras enfermidades” foi modificada para “aqueles que sofrem de enfermidades, particularmente enfermidades mentais”.

Essas modificações refletem claramente algumas das mudanças dramáticas pelas quais passou a Igreja Católica Romana, assim como passou o pensamento de muitos cristãos contemporâneos, que acreditam que possessões demoníacas e exorcismo são pouco mais que besteiras supersticiosas da Idade das Trevas. Elas também nos fazem pensar, então, quantas centenas ou talvez quantos milhares de homens, mulheres e crianças que sofriam de doenças mentais foram submetidos desnecessariamente a rituais de exorcismo no passado.

Ainda há alguns padres, em números cada vez menores, que continuam a acreditar na existência de possessão demoníaca e enumeram sinais que indicam sua presença. De acordo com esses membros do clero, se um indivíduo demonstra habilidades paranormais, manifesta força física sobre-humana e, principalmente, fala em línguas, então ele pode ser um candidato para o ritual do exorcismo. A Igreja pode considerar esse indivíduo possuído quando os sintomas citados anteriormente são acompanhados de repulsa extrema por objetos e textos sagrados. Um padre treinado na expulsão de demônios e espíritos malignos é então convocado e, somente após receber permissão de um bispo, pode realizar o centenário ritual do exorcismo.

Exorcistas raramente ou nunca trabalham sozinhos. Normalmente são auxiliados por, no mínimo, três outras pessoas. Uma delas é geralmente um padre mais jovem e menos experiente que está ou esteve sob treinamento para a realização de exorcismos. Seu papel central é continuar o exorcismo e assumir o ritual, caso o exorcista fique muito fraco para continuar ou se ele morrer. A segunda pessoa que serve de assistente para o exorcista é, na maioria dos casos, um médico cuja responsabilidade é administrar qualquer

medicação ou tratamento que a vítima da possessão precise, pois sob nenhuma circunstância o exorcista pode fazer isso. A terceira pessoa é tradicionalmente um homem parente da pessoa possuída — normalmente o pai, irmão ou marido. Em alguns casos pode ser um amigo de confiança da família. Mas, em qualquer caso, é imperativo que esteja em boas condições de saúde e seja forte — tanto física como mentalmente. Se a pessoa possuída é uma mulher, muitos exorcistas providenciam que outra mulher esteja presente durante o ritual para evitar escândalos.

Antes de realizar o ritual do exorcismo, é costumeiro que o padre faça uma boa confissão e seja absolvido de todos os seus pecados para o caso de o espírito maligno ou demônio que ele enfrentará tente usá-los contra ele durante o ritual. Ele então veste os trajes necessários para os padres exorcistas (um sobrepeliz e um sudário púrpura) e inicia o ritual.

Durante um exorcismo, certas orações prescritas, tais como o *Pater Noster* (o Pai-Nosso), as Litanias dos Santos e o Salmo 54, são recitadas sobre o indivíduo possuído, freqüentemente em latim, uma vez que se acredita que as orações são mais eficientes quando recitadas nessa antiga linguagem. Ao longo dessas recitações, o exorcista tradicionalmente faz o sinal-da-cruz, lê as escrituras e, às vezes, coloca suas mãos sobre a vítima. Ele também exige que o espírito maligno ou demônio que possuiu a pessoa revele seu nome e natureza, sucumba ao Filho de Deus e deixe sua vítima humana em paz. Quando o espírito maligno ou demônio finalmente parte, o exorcista reza a Jesus Cristo e pede que ele conceda sua divina ajuda e proteção à pessoa, que normalmente não retém memórias claras de sua possessão demoníaca ou do exorcismo. Se, todavia, o ritual de exorcismo não é bem-sucedido em expulsar o espírito maligno ou demônio de sua vítima, ele é então realizado repetidamente até que a entidade deixe o local. Isso pode levar horas, dias ou até mais tempo.

CAPÍTULO 6

Feitiços e Feitiçaria

Evocação de Espírito

Dentro do perímetro de um círculo traçado no sentido horário, acenda uma vela branca para evocar um bom espírito. Olhe dentro da chama da vela e repita o encantamento a seguir até que o espírito apareça diante de você:

*Pela cera e pelo pavio,
Pela chama e pela fumaça,
O espírito de (nome) eu agora evoco.
Em nome de Hécate, materializa-te!
Revela tua forma ante meus olhos!*

Quando seu assunto com o espírito evocado estiver terminado, despeça-se dele e repita o encantamento a seguir, três vezes:

*Espírito, parta agora em paz.
Sê deste plano terreno liberto.*

Agora pegue seu athame e use-o para traçar o símbolo de um pentagrama de banimento no ar no quadrante leste do círculo (para traçar um pentagrama de banimento, comece da ponta inferior esquerda da estrela — que representa o elemento Terra — e continue no sentido horário para a ponta superior — Espírito — e daí para a ponta inferior direita — Fogo — para a ponta superior esquerda — Ar — e em linha reta até a ponta superior direita — Água — e, finalmente, de volta para a ponta inferior esquerda. Após desenhar a estrela de cinco pontas, imediatamente desenhe um círculo no sentido horário ao redor dela, começando da ponta inferior esquerda. Enfie a lâmina pelo centro do pentagrama enquanto diz:

*Pelo pentagrama, pelo nome de Hécate,
Retorna agora de onde vieste!*

Repita o pentagrama de banimento e o encantamento nos quadrantes sul, oeste e norte. Desfaça o círculo no sentido anti-horário e então apague a vela com seus dedos ou um abafador.

Invocação de Espíritos

Usando tinta de sangue-de-dragão, escreva em um pedaço de casca seca de salgueiro o nome da pessoa cujo espírito deseja invocar. Usando argamassa e um pilão, esmague a casca e misture-a com uma quantidade equivalente de sândalo seco e triturado.

Na hora da bruxaria, quando a Lua estiver minguante, coloque um caldeirão em uma encruzilhada deserta e queime nele a mistura de cascas. Chame pela antiga deusa grega Hécate para que ela ajude nesse ritual e então invoque o espírito, recitando três vezes o encantamento a seguir:

*Espírito do morto,
Eu te chamo a mim
Pelo poder da deusa Hécate.
Ouça-me, ó espírito,
Acorde de teu descanso.
Em forma humana manifesta-te!*

Para fazer com que o espírito se erguesse de seu local de descanso e falasse, necromantes e feiticeiros do passado distante entravam em um cemitério na escuridão de uma noite sem Lua e queimavam uma mistura de absinto e sândalo secos em pó sobre o túmulo de um morto. Tradicionalmente, o espírito seria capaz de se tornar visível dentro dos limites de um círculo ou triângulo mágico desenhado ritualisticamente sobre o chão (do meu livro, *Herbal Magick* — publicado pela New Page Books, em 2002).

Feitiço que Possibilita o Contato com um Espírito

Numa noite de Lua cheia, unte um cone ou vareta de incenso de sândalo com uma pitada de óleo de salgueiro branco e acenda-o com um fósforo. Conforme ele queima, concentre-se na pessoa falecida cujo espírito deseja

contatar e repita seu nome várias vezes em sua mente. Continue fazendo isso até que o incenso tenha queimado até o fim e então proceda em contactar o espírito da maneira que melhor lhe servir.

Ritual dos Espíritos

Por Jeffrey Parish

Com o véu entre os mundos mais tênue durante o *Samhain*, eu uso essa época para prestar meus respeitos aos ancestrais e comungar com o espírito de minha falecida avó, mesmo que por apenas um momento. Meus rituais passados com os Santos e com a Abençoada Mãe foram consideravelmente bem-sucedidos para mim, então eu os partilharei com vocês agora.

Serão necessários os seguintes itens:

1. Uma imagem ou estátua da Virgem Maria ou de Guadalupe (o Dia de Guadalupe é o primeiro de cada mês, por isso sua hora é a meia-noite).
2. Um vaso com rosas brancas (energia da Deusa e flor da Divina Mãe).
3. Óleo de patchuli (bênçãos para os mortos).
4. Um pequeno prato com flores de calêndula (oferendas para os mortos).
5. Incenso (de preferência um usado para adivinhação) em um incensório.
6. Cinco velas negras (cinco é o número da percepção e de esforços psíquicos).
7. Romãs (votos e oferenda de amor para a Divina Mãe).
8. Fotos e/ou objetos pessoais do ente querido.

Comece a preparar seu altar cedo o bastante para prosseguir com seu ritual à meia-noite. Escolha o local do altar que seja de sua preferência, o ideal seria uma mesa baixa para que você possa sentar-se confortavelmente e em um local onde possa trabalhar sem interrupções. O tecido que cobre o altar deve ser negro ou de tom escuro.

Coloque a imagem ou estátua entre o centro e a parte de trás do altar, as rosas à esquerda com o incensório na frente delas e a foto ou objetos pessoais à direita com o prato de flores de calêndula na sua frente. As romãs devem ser colocadas nos pés da imagem ou estátua; cubra as cinco velas com óleo de patchuli e as alinhe da esquerda para a direita, equidistantes na sua frente.

Quando estiver pronto(a), comece na mais completa escuridão. Acenda o incenso e deixe que a fumaça o envolva com sua natureza purificadora e protetora. Unja sua testa e seu coração com óleo de patchuli.

Começando da esquerda para a direita, acenda as velas uma de cada vez. Tente manter em sua mente uma lembrança agradável de seu ente querido para cada uma das velas conforme as acende. Após todas as cinco velas estarem acesas, medite por um momento, visualizando cada memória claramente em sua mente, e então concentre-se em cada chama individual como se fossem pequeninas telas repassando aquele segmento em particular do tempo. Peça em voz alta ao seu ente querido que se lembre de você.

Quando se sentir confortável, diga em voz alta:

*Nossa Abençoada Senhora,
Limpe minha mente
E meu coração
De dúvidas e medos;
Remova seu sagrado véu
E permita que eu veja
Mesmo que só por um momento;
Guia-me, para que
Eu possa comunicar-me
Com os meus, que agora
Residem em sua luz.
Abençoada seja.*

Então comece a falar. Pode ser sobre qualquer coisa que queira, dirigindo-se aos seus entes queridos como se estivessem com você. Diga-lhes como se sente, o que aconteceu desde que eles partiram, qualquer coisa! Simplesmente fale. Preste muita atenção ao ambiente ao seu redor. Se eles estiverem com você, você saberá; eles dão sinais (eu sempre sei quando o espírito da vovó está perto; as chamadas das velas dançam alegremente e posso sentir o cheiro de Chanel n. 5).

Jeffrey Parish é um bruxo solitário em San Diego, na Califórnia. Ele gosta de muitas facetas de religiões, incluindo o Catolicismo, Vodú, Sante-ria e, é claro, a Arte. Essa mistura única permite que ele explore e expanda sua capacidade de criar rituais reconfortantes que todos podem praticar, independente de suas crenças. Ele é o dono do "The French Country Witch" (anteriormente chamada de "Le Sorciere") — uma loja com enfoque em criar espaços e ambientes sagrados.

Óleos Mágicos para Conjurar e Banir Espíritos

Para conjurar espíritos positivos para auxiliar em todas as suas tarefas mágicas, unte velas para feitiços, incenso, bolsas de sorte e outros

instrumentos rituais com três gotas de qualquer um dos óleos ocultos a seguir e, logo após, chame os espíritos para seu círculo: óleo de anjo, bálsamo de óleo de Gilead, óleo de conjuração, olíbano, óleo de mirra, óleo de fruta dos espíritos, óleo de gris-gris, óleo de urze, óleo de incenso, óleo de guia indiano, óleo de espírito gentil, óleo de lavanda (para ver fantasmas), óleo de limão, óleo de lilás, óleo de cerimônias ocultas (adicione à água do banho antes do ritual), óleo de espíritos, óleo de guia espiritual, óleo de água de Notre Dame, óleo de salgueiro branco e óleo de absinto.

Muitos bruxos, praticantes de *hoodoo* e outros que trabalham com Magia, tradicionalmente usam os seguintes óleos ocultos para banir, assim como exorcizar e proteger contra todos os espíritos de natureza maligna. Muitos desses óleos, são eficientes para quebrar pragas e feitiços: óleo de agrimônia, óleo de angélica, óleo de banimento, óleo de bétula, óleo de Ellegua, óleo de lilás francesa, óleo para proteção do lar, óleo para manter o mal afastado, óleo para manter espíritos malignos afastados, óleo de visco, óleo de Artemísia, óleo de mostarda, óleo de lírio florentino, óleo do Selo de Salomão, óleo de contra-feitiço e óleo de verbena.

Feitiços para Proteger seu Lar de Espíritos Malignos

Para evitar que espíritos malignos consigam entrar em sua casa, pendure erva-doce, alho, mirra ou tanchagem sobre todas as portas e janelas. Uma ferradura ou ramos de arruda amarrados com fita vermelha e pendurados sobre a porta da frente podem ser, segundo a crença de muitos, eficientes para o mesmo propósito. Plantar azevim ao redor de sua casa ou colocar folhas de louro em cada um de seus cantos são dois outros métodos simples de manter espíritos malignos afastados.

Um antigo método usado por cristãos e bruxos europeus para proteção contra espíritos malignos exigia que erva-de-são-joão fosse colhida no dia de São João (24 de junho). A erva seria então pendurada sobre as portas e janelas da casa, assim como em celeiros, estábulos e outras edificações, para evitar que espíritos malignos entrassem e se estabelecessem.

Um antigo método mágico usado pelos assírios para evitar que espíritos malignos entrassem em suas casas exigia que cinco amuletos na forma de cães fossem enterrados na frente e nos fundos da casa. Os assírios acreditavam que os espíritos dos cães guardavam os moradores e os mantinham a salvo do mal.

Colocar o crânio de um tatu sobre a porta da casa para evitar que espíritos malignos e demônios entrem é um antigo "remédio" dos nativos americanos, o que ainda é praticado por algumas pessoas no Sudoeste dos Estados Unidos.

Entretanto, se você sentir que um ou mais espíritos malignos já sitiaram seu lar, não se desespere. Há muitos métodos mágicos comprovados para fazê-los sair. Um desses métodos é deixar um trevo submerso em vinagre branco por três dias seguidos e, em seguida, salpicar um pouco do vinagre em cada canto da casa enquanto ordena o espírito a sair. Uma infusão de verbena também pode ser usada. Outro método é ir de cômodo em cômodo da casa inteira carregando um incensório com assa-fétida seca ardente. Essa erva muito aromática é conhecida entre os feitiçeiros como “incenso do diabo” e é freqüentemente queimada durante rituais mágicos para dissipar o mal. Salpicar sal, água salgada ou água benta (abençoada por um sacerdote ou sacerdotisa) nos cantos e centros de cada cômodo também livrará seu lar de espíritos malignos indesejados.

Simpatia para Manter Espíritos Malignos Afastados



Para proteger-se contra espíritos malignos, alguns praticantes da tradição de magia popular conhecida como “hoodoo” recomendam que se use ou carregue um mojo (bolsa da sorte do hoodoo) branco ou azul cheio de sementes de erva-doce, feijões secos, “d. il pods” (*Trapa bicornis*, também conhecida como “noz-de-morcego” ou “cabeça-de-bode”), visco ou raízes de qualquer uma das seguintes plantas: angélica, *Viburnum alnifolium* (conhecida nos Estados Unidos como “devil shostring”, que quer dizer “cadarço do diabo”), lírio florentino ou peônia.

Para evitar que o poder mágico do mojo se acabe, unte a bolsa em dias alternados com três gotas de óleo essencial de angélica ou erva-de-são-joão — duas plantas que há muito os praticantes de hoodoo acreditam protegerem contra espíritos malignos eficientemente.

Bolsa da Sorte para Proteção Durante o Sono

Para proteger-se contra espíritos malignos durante o sono, coloque em uma bolsa da sorte um trevo de cinco folhas (também conhecido como caroba-branca) colhido no nascer do sol no dia do solstício de verão. Pendure-a sobre sua cama e unte-a todo domingo com três gotas de qualquer óleo oculto escolhido para proteção. Esse amuleto tem a fama de ser eficiente contra demônios sexuais noturnos, como íncubos e súcubos.

Amuletos para Proteção Contra Espíritos Malignos

Pentagrama — O símbolo do pentagrama (uma estrela de cinco pontas cercada por um círculo) é um dos mais poderosos símbolos mágicos e pagãos conhecidos pela humanidade. Como amuleto, um pentagrama de prata oferece ao seu usuário proteção contra todos os tipos de mal, desde espíritos malévolos até lobisomens.

Cruz — Para proteção contra espíritos malignos ou demônios, use ou carregue uma cruz de prata. Diz-se que ela é o mais antigo símbolo de amuletos, tendo pertencido aos povos pagãos da Europa e Ásia ocidental muitos séculos antes do nascimento de Jesus Cristo. Somente a partir do século IV a cruz tornou-se conhecida como símbolo da fé cristã.

Selo de Salomão — Também conhecido como “Estrela de Davi”, este é um poderoso símbolo usado desde tempos antigos por certos magos cerimoniais para controlar espíritos e manter as forças das trevas afastadas. Nas práticas mágicas dos antigos celtas, o símbolo do Selo de Salomão foi empregado por sacerdotes druidas como um amuleto para repelir espíritos noturnos malignos.

Âmbar — Considerada como uma pedra semipreciosa, essa resina fossilizada tem a fama de ser um dos mais poderosos de todos os amuletos naturais (feitos pela Mãe Natureza). Um de seus muitos atributos mágicos é a habilidade de proteger contra os espíritos malignos.

Jaspe Verde — Essa gema há muito tem a reputação de possuir o poder de repelir fantasmas e espíritos malignos. Segundo alguns ocultistas, usar um anel, pingente ou brincos com uma pedra de jaspe verde assegura que aparições sobrenaturais o deixarão em paz.

Pedras Espirituais

Em algumas partes da África, onde a antiga prática do fetichismo continua sendo realizada, acredita-se que espíritos podem habitar certas pedras. Essas “pedras espirituais”, como às vezes são chamadas, têm a fama de possuir poderes de amuletos e são fielmente carregadas pelos membros das tribos para proteger contra o mal. Muitos povos tribais africanos também acreditam que espíritos podem ser aprisionados dentro de uma pedra (assim como dentro de outros objetos inanimados) pelos poderes mágicos de um sacerdote fetichista.

Magia Arbórea

Acredita-se há muito que árvores possuem diversos atributos mágicos — entre eles a capacidade de proteger contra espíritos malignos. Com esse objetivo, a madeira, a casca, os gravetos, os galhos, as folhas e as flores de certas árvores foram (e continuam sendo) presos a portas, perto de casas e em estábulos. Os tipos de árvore a seguir, quando usados para fazer amuletos, têm a fama de repelir espíritos malignos: freixo, folha de louro, vidoeiro, sabugueiro, espinheiro, nogueira, azevim, carvalho e sarva (também conhecida como sorveira brava).



Nos séculos passados, as árvores de teixo e sarva eram tradicionalmente plantadas em muitos cemitérios na crença de que evitavam que os espíritos sem descanso dos mortos vagassem à noite.

Um antigo costume camponês que já foi comum em partes da Rússia era colocar uma grinalda de álamo tremedor ou uma cruz feita da madeira dessa árvore sobre o local do descanso final de pessoas que se acreditava serem bruxos ou bruxas. Eles acreditavam que, ao fazer isso, evitavam que o espírito do bruxo se levantasse de sua cova à noite e prejudicasse os vivos.

Se não desejar convidar fantasmas ou espíritos para sua casa, então se assegure de nunca queimar a madeira ou qualquer outra parte do sabugueiro! Fazê-lo, segundo a superstição, fará com que você seja assombrado para sempre pelos espíritos que habitaram dentro da planta. No entanto, pregar galhos do sabugueiro sobre a porta da frente de sua casa impede que espíritos malignos entrem, segundo uma antiga crença escocesa.

E da mesma forma que há certas árvores que têm o poder de repelir e proteger contra fantasmas e espíritos malignos, também há certas árvores que algumas pessoas acreditam atrair espíritos malignos como um ímã. O arunheiro e a cerejeira são dois exemplos dessas árvores.

Magia Espiritual Cigana

A bruxaria e o folclore cigano baseiam-se primariamente na crença de que certos espíritos vivem na natureza — os espíritos aéreos, terrestres e aquáticos. Segundo o autor Charles Godfrey Leland em seu livro *Feitiçaria e Leitura da Sorte Cigana (Gypsy Sorcery and Fortune Telling)*, esses espíritos são “mais como divindades que exercem uma influência constante

e familiar para o bem e para o mal sobre os seres humanos, e para os quais são dirigidas orações ou são exorcizados em todas as ocasiões”.

Os antigos xamãs acreditavam que todas as doenças tanto no homem como nos animais eram causadas por espíritos malignos que invadiam o corpo e somente pelos meios mágicos poderiam ser retirados. Traços abundantes desse antigo modo de pensar ainda podem ser encontrados na prática da bruxaria cigana.

Já se acreditou que se uma pessoa doente comesse uma hóstia (*panem benedictum*) e bebesse água benta, isso expulsaria o espírito maligno que estava causando a doença e o enfermo ficaria bom de novo. Alguns ciganos ainda carregam pão em seus bolsos para protegerem-se contra espíritos sobrenaturais ou fantasmas (conhecidos como *mullos*), assim como para afastar a má sorte.

Para proteger a casa contra fantasmas, um antigo livro de feitiçaria cigana diz que o crânio de um cavalo deve ser colocado sobre o portão do pátio ou os ossos de um animal caído enterrados sob a soleira da porta. Há muito os ciganos consideram os ossos e crânio de animais como objetos de grande poder mágico e amuletos.

Para evitar que os espíritos dos mortos atormentem os sonhos, um antigo remédio cigano sugere que seja costurado um pouco de cabelo da pessoa em um velho sapato, que deve ser dado a qualquer mendigo com que se cruze. Para proteção contra espíritos malignos durante o sono, muitas bruxas ciganas (*chovihani*) recomendam que se coloque um pequeno pedaço de ferro ou de vassoura sob o travesseiro antes de ir dormir.

Encantando uma Vela de Necromante

Pegue uma vela negra que nunca foi acesa e, quando for meia-noite, unte a cera com três gotas de óleo de cipreste. Segure a vela nas mãos e, conforme se concentra em seu intento, repita o encantamento a seguir até que sinta a ponta dos dedos formigando com a energia mágica:

Vela da feitiçaria negra,

Vela do poder negro,

Vela, comando-lhe

Nesta hora de magia.

*Encantada por este encantamento,
Ajuda-me nesta divinação de morte.*

Incenso de Invocação e Banimento de Espíritos

Um dos mais antigos incensos queimados por magos cerimoniais para invocar espíritos é o Incenso de Abramelin, o Mago, batizado em homenagem a um feiticeiro alemão do século XIV que acreditava que para cada homem era designado um anjo da guarda e um demônio maligno.

Uma receita para esse antigo incenso cabalístico pode ser encontrada no *Dicionário do Satanismo (Dictionary of Satanism)* de Wade Baskin, e que pede por “uma mistura de canela, mirra, óleo de oliva e galangal”. Infelizmente, nem as quantidades exatas nem o método de preparação dessa “mistura aromática” são dados.

Após consultar várias outras fontes, fui capaz de obter diversas receitas diferentes para o Incenso de Abramelin. A seguir apresento uma delas:

- 2 partes de mirra
- 1 parte de “wood aloes” (*Aquilaria melaccensis* — um tipo de aloés)
- 3 gotas de óleo de canela

Outra receita é a seguinte:

- 2 partes de olíbano
- 2 partes de estoraque (também conhecido como resina de âmbar líquido)
- 1 parte de “lignum aloes” (*Aquilaria agallocha*), “wood aloes”, cedro ou sândalo.

Para preparar qualquer uma das versões do Incenso de Abramelin, o Mago, misture todos os ingredientes dados e, em seguida, salpique-os com um bloco de carvão vegetal aceso (o tipo vendido em lojas de ocultismo ou de artigos religiosos — não o tipo usado em churrascos).

Cicuta e meimendo são dois ingredientes comumente usados em muitas fórmulas de incensos para conjuração de espíritos usados por feiticeiros de antigamente. Essas ervas, entretanto, podem ser muito letais e devem ser usadas somente com o maior cuidado, ou nem sequer usadas! **Sob nenhuma circunstância devem ser ingeridas!** Se elas serão queimadas em um ritual, este deve ser realizado ao ar livre e devem-se tomar todas as precauções para evitar a inalação da fumaça.

Uma fórmula mais segura de incenso usado para conjurar espíritos seria feita de partes iguais de anis, cardamomo e coentro. Outro incenso



eficiente pode ser feito com duas partes de sândalo e uma parte de casca de salgueiro, e um outro de três partes de “wood aloes”, uma parte de *costus*, uma parte de açafraão, três gotas de óleo de âmbar cinza e três gotas de óleo de almíscar.

Para fazer com que espíritos partam, prepare e queime o incenso feito com partes iguais de calaminta, peônia e hortelã (alguns feiticeiros também gostam de adicionar uma quarta parte de mamona à lista de ingredientes para espantar espíritos malignos. Esteja avisado, contudo, que elas são venenosas e devem ser queimadas ao ar livre).

CAPÍTULO 7

Ervas Associadas a Fantasmas

Flor fantasma

A flor fantasma, *Mohavea confertiflora*, é um membro da família das escrofulariáceas. É uma planta anual e pode ser encontrada nos desertos do sudeste da Califórnia, sul de Nevada e oeste do Arizona. Seu nome deriva da translucidez fantasmagórica de suas flores cor de creme amareladas que florescem todo ano, de fevereiro a abril.

Outra flor fantasma é a *Monotropa uniflora*, mais conhecida como “cachimbo de índio”. Outros de seus nomes comuns são: cachimbo fantasma, planta cadáver e fumaça de fada. Membro da família das piroláceas, essa planta perene está sob o domínio da Lua e sofre influência do elemento Água. Ela é considerada feminina e seu principal uso mágicko é trazer alívio após a perda de um ente querido. Muitos também usam essa planta (ou sua infusão) em rituais em honra aos mortos ou para liberar emocionalmente um ente querido que tenha passado para o outro lado.

Um de seus nomes comuns — planta cadáver — deriva de sua aparência azulada e cerosa, semelhante à carne de um cadáver. Além disso, a planta torna-se negra com o contato de mãos humanas e se decompõe rapidamente.

Outra flor fantasma é a *Datura*, que tem vários nomes comuns, incluindo: maçã do diabo, erva do feiticeiro, dedal de bruxas e yerba Del Diablo (espanhol para “erva do diabo”). Deve ser óbvio, em razão de tantos nomes que lembram o ocultismo, que essa planta tem fortes laços com o mundo da feitiçaria e da bruxaria. Está sob o domínio do planeta Saturno e sofre influência do elemento Água. Ela é considerada feminina.

Apesar de a *Datura* ser muito alucinógena e extremamente venenosa, ela tem sido usada em feitiços, práticas xamanísticas



e ritos religiosos pagãos por muitos séculos. Um de seus usos mágickos é a quebra de feitiços. Sabe-se que bruxos espalhavam pedaços da planta ao redor de suas casas para protegê-la e aos seus habitantes contra espíritos malignos e os trabalhos de praticantes de magia negra. Entretanto, isso não é recomendável se houver crianças ou animais na casa!



Outras Plantas Fantasmas

A *Obake anthurium* é uma bela flor tropical que cresce nas ilhas havaianas. A primeira *anthurium* foi levada para o Havaí da Columbia em 1889 por um missionário inglês chamado Samuel Damon. O nome do gênero dessa planta (*Obake*) quer dizer “fantasma” em japonês.

A plumeria fantasma (*ghost plumeria*) recebe seu nome de uma antiga crença que árvores com flores aromáticas brancas são habitadas por fantasmas e existem pelo menos duas plantas — a *Campylosentrum pachyrrhizum* e a *Harrisella porrecta* — que são conhecidas como orquídeas fantasmas.

O Jardim de Espíritos

Para criar um jardim de espíritos para atrair espíritos que vagueiam, pegue um pouco de terra de um cemitério em noite de Lua cheia e misture com o solo de seu jardim. Após fazer isso, plante qualquer uma das ervas associadas com a invocação de espíritos listadas a seguir: dente-de-leão, pipsissewa, *sweetgrass* (*Hierochloe odorata*), cardos, tabaco, absinto.

Para criar um jardim voltado para um espírito em particular, plante todas as plantas e flores que o falecido gostava em vida e, se for possível, coloque algo que lhe tenha pertencido no jardim. Se a pessoa foi cremada e você estiver com suas cinzas, abra a urna e espalhe um pouco dos restos mortais pelo jardim. Misture com o solo com alguma ferramenta de jardinagem, ou seus dedos, se desejar. Se a pessoa foi enterrada, tente obter um punhado de terra do túmulo e misture-o ao solo do jardim do espírito.

Plante o jardim no dia do aniversário de nascimento ou morte da pessoa ou alguma outra data que tenha significado especial para a pessoa (como o aniversário de casamento). É importante que o jardim seja criado com energias amorosas e não de tristeza e luto. Enquanto o jardim é plantado e sempre que ele for regado, volte todo o seu pensamento para a pessoa a quem o jardim é dedicado. Quando sentir sua presença se tornando mais forte ao seu redor, você saberá que realizou contato com o(s) espírito(s). Se os fantasmas forem vistos dentro ou próximos ao jardim, não se deixe

tomar por medo. Ofereça emoções amorosas e palavras de conforto, pois fantasmas quase sempre precisam de amor e conforto (do livro *Magia com Ervas — Herbal Magick* — da New Page Books, 2002).

Ervas para Conjurar e Banir Espíritos

Segundo o finado Scott Cunningham, na *Cunningham's Encyclopedia of Magical Herbs*, bruxos e magos cerimoniais há muito usam as seguintes ervas numa variedade de meios para conjurar espíritos bons e maus dos mortos: altéia, erva-doce, bálsamo, bambu, nepeta (*catnip*), dente-de-leão, sabugueiro, gardênia, hortelã, pipsissewa, sândalo, *sweetgrass*, cardo, tabaco, salgueiro e absinto.

Além disso, Cunningham lista as seguintes ervas como algumas das usadas ao longo dos séculos por diversas tradições mágickas para banir espíritos: agrimônia, angélica, assa-fétida, erva-benta, feijões, bétula, eupatório (*Eupatorium perfoliatum*), espinheiro cerval, dente de alho, trevos, cominho, escabiosa, sangue-de-dragão, sabugueiro, samambaia, pulicária, olíbano, fumária, alho, heliotrópio, marroio-branco, rábano silvestre, junípero, alho-poró, lilás, malva, hortelã, visco, verbasco, mirra, urtiga, cebola, pêssego, peônia, pimenta, pinho, alecrim, arruda, salva, sândalo, ameixeira brava, boca-de-dragão, tamarga, cardo, capim-mimoso e milefólio (mil-folhas).

Erva-de-são-joão

Acredita-se há muito tempo que a erva-de-são-joão, uma planta nomeada em homenagem a São João Batista, possui poderes curativos. Na obra do século XVII de Robert Burton, *The Anatomy of Melancoly*, é dito que, quando a erva-de-são-joão é colhida numa sexta-feira e “pendurada no pescoço, funciona como um poderoso amuleto para espantar todos os espíritos fantásticos”.

CAPÍTULO 8

Superstições sobre Fantasmas

Desde o início dos tempos e em quase todas as culturas do mundo houve numerosas crenças supersticiosas sobre os fantasmas e a morte. A maior parte é um reflexo do medo natural da morte e de morrer, assim como de uma necessidade inerente de encontrar explicações para o inexplicado. Muitas pessoas consideram essas superstições meramente uma curiosidade pertencente ao passado distante e ignorante. Entretanto, as histórias e os casos de antigamente custam a morrer e, mesmo nas mais tecnologicamente avançadas sociedades do século XXI, superstições continuam a florescer.



Na Escócia, já se acreditou que um pequeno crucifixo feito de madeira de sorveira brava e amarrado com um fio vermelho protegia contra fantasmas (assim como contra a feitiçaria e o diabo), se fosse usado escondido no forro do casaco.



Há muito tempo, em muitas partes da Europa, era comum que criminosos executados e aqueles que tiravam a própria vida fossem enterrados em encruzilhadas. Isso era feito na crença de que as estradas, dirigindo-se em direções diferentes, confundiam os espíritos vingativos, evitando assim que encontrassem com facilidade o caminho de volta para casa, onde assombrariam os parentes ainda vivos.



Dá azar abrir um túmulo. Perturbar os restos mortais de uma pessoa (seja para roubar o túmulo ou para exumar o corpo por qualquer razão) enraiveceria o espírito e o faria buscar vingança contra os vivos.



Uma antiga superstição francesa que sobrevive até os dias de hoje diz que se uma pessoa receber a visita surpresa do fantasma da última pessoa enterrada no ano, ele ou ela morrerá em, no máximo, doze meses.



Em tempos passados era costumeiro em várias partes do mundo tocar sinos sempre que alguém na vila morresse. O soar dos sinos serviria não somente para anunciar o falecimento da pessoa, mas também se acreditava que ajudava a alma do falecido a manter afastados espíritos malignos enquanto ela seguia para o Paraíso.



Segundo uma velha superstição, um corpo deve ser retirado de seu leito de morte começando pelos pés (o contrário do que é normal no nascimento) e os caixões também deveriam sair da casa primeiro pelos pés. Se saísse com a cabeça na frente, isso supostamente aumentava a chance de o fantasma do morto ficar no plano físico para assombrar os vivos para todo o sempre.



Algumas pessoas acreditam que tocar o corpo de um morto protege contra o aparecimento do fantasma em sonhos e pesadelos. Mais ainda, tocar a mão de um morto traria boa sorte e até curaria certos males.



Em muitas partes da Escócia, já se acreditou que o fantasma da última pessoa a ter sido enterrada tinha o dever de vigiar o cemitério até que o próximo enterro o liberasse de sua vigília solitária.



Um artigo publicado no Belfast News Letter de 24 de janeiro de 1868 mencionava a antiga crença de que sempre que dois cortejos fúnebres

chegavam ao cemitério à mesma hora, o último corpo a entrar teria que “vigiar o outro até o amanhecer”.



Se a chama de uma vela ficar azul de repente, isso era considerado sinal claro de que havia um fantasma no recinto ou em algum lugar dentro ou próximo da casa. Segundo Francis Grose na obra do fim do século XVIII, *A Provincial Glossary* (uma coleção de provérbios locais e superstições populares), “se, durante o surgimento de uma aparição, houver uma vela acesa no recinto, ela ficará com uma chama azul: isso é tão universalmente reconhecido que muitos filósofos eminentes se ocuparam em reconhecer tal fato sem nunca duvidar de sua veracidade”.



Muitos europeus supersticiosos da Idade Média também acreditavam que uma chama azul em uma vela prenunciava má sorte ou, em alguns casos, morte. Para evitar isso, eles apagavam a chama do mau presságio mergulhando a vela em água corrente.



Uma antiga superstição inglesa diz que todas as pessoas que tiveram a sorte de nascer nas “horas do carrilhão”, entre a meia-noite de sexta-feira e o cantar do galo na manhã de sábado, recebiam o dom de ver fantasmas e fadas. Conhecidas como “filhos do carrilhão” (*chime children*), essas pessoas também tinham a fama de possuir conhecimentos sobre as plantas curativas e a arte da cura, o poder de controlar todos os animais, selvagens e domésticos, e imunidade natural contra Bruxaria e desejos negativos das pessoas (as “horas do carrilhão” — assim chamadas por serem as horas em que os sinos das igrejas são tocados em harmonia, o chamado “carrilhão” — são, tradicionalmente, meia-noite, três da manhã, seis da manhã, nove da manhã e meio-dia).



Diferente dos nascidos nas “horas do carrilhão” (veja acima), acredita-se que as crianças que vêm ao mundo durante a noite da véspera de Natal ou no dia de Natal propriamente dito são incapazes de ver espíritos, comunicar-se com os mortos ou ser assombrados por fantasmas. Isso, segundo a obra *Norte da Inglaterra (North of England)*, de M. A. Denham, é “um fato

incontestável". Bebês natalinos também têm a fama de ter sorte a vida toda e serem naturalmente imunes à morte por enforcamento ou afogamento.



Para ver aparições fantasmagóricas das pessoas destinadas a morrer no ano seguinte, uma antiga lenda diz que se deve manter vigília na entrada da igreja entre onze da noite e uma da manhã da noite de São Marco (24 de abril). No terceiro ano em que isso é feito, será possível ver as aparições entrando na igreja.



Xingar os mortos é um tabu que existe em muitas culturas nos tempos de hoje e que remonta aos tempos da Roma antiga, em que se acreditava fervorosamente que falar mal dos mortos (especialmente daqueles que sucumbiram à morte recentemente) não apenas perturbava seu descanso, mas também fazia com que seus fantasmas vingativos retornassem ao mundo dos mortais para assombrar os vivos.



Nem fantasmas nem bruxos e bruxas podem ferir um primogênito, segundo uma antiga superstição. Além disso, uma criança primogênita não pode ser roubada nem enfeitiçada por fadas.



Para evitar que o fantasma de um falecido retorne para seu antigo lar e assombre os vivos, uma antiga superstição diz que a mobília do quarto do morto deve ser reorganizada enquanto o cortejo fúnebre está a caminho do cemitério. Acreditava-se que isso fazia com que o fantasma se confundisse, estimulando sua partida imediata, deixando sua família em paz.



Era costume antigamente que os parentes do morto voltassem para casa do funeral por um caminho diferente do que o tomado pelo ataúde, que levou o corpo ao seu local de descanso final. Isso supostamente eliminava qualquer chance de o fantasma do falecido voltar para casa com eles.



Na Ilha de Man, costumava-se acreditar que se os nós do traje fúnebre do morto não fossem desfeitos antes de o caixão ser fechado, seu fantasma vagaria sem descanso pela Terra por toda a eternidade.



Quando orações e exorcismos se mostravam ineficientes, famílias assombradas por um fantasma ocasionalmente abriam o túmulo da pessoa, jogavam água benta sobre o corpo e desfaziam os nós das vestes fúnebres.



O curioso e muito difundido costume de cobrir todos os espelhos da casa de alguém que morrera é secular e se baseia na crença de que, se seu corpo se refletisse no espelho, seu espírito não conseguiria descansar em paz.

Na obra *O Ramo Dourado* (*The Golden Bough*), James George Frazer oferece a seguinte explicação para esse antigo costume de cobrir os espelhos ou virá-los para a parede após uma morte ter ocorrido na casa: "Teme-se que a alma, projetada da pessoa na forma de seu reflexo no espelho, pode ser levada pelo fantasma, que se acredita demorar pela casa até o momento do enterro".



Segundo uma antiga e macabra superstição inglesa, se um coveiro esquecer acidentalmente um alfinete na mortalha de um corpo, o fantasma do morto se erguerá de seu túmulo todas as noites e caminhará sobre a Terra.



Existe uma antiga superstição que um prato de sal e/ou terra colocado sobre o peito ou sob o caixão de um morto evitará que seu fantasma caminhe sobre a Terra e assombre os vivos. Em algumas regiões do mundo (particularmente Inglaterra, Escócia e Irlanda), o antigo costume de deixar um prato ou pires de terra e sal sobre o peito do morto ainda é seguido por alguns coveiros. Algumas pessoas acreditam que esse ritual também evita que o cadáver inche e apodreça, e outros ainda acreditam que isso mantém afastados espíritos malignos.



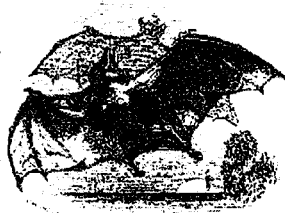
CAPÍTULO 9

Criaturas da Noite

Vampiros

Vampiros, reais ou imaginários, são criaturas sobrenaturais da escuridão que têm assombrado os pesadelos, os medos e as fantasias da humanidade desde a Antigüidade. Assustadores e malignos, mas, ao mesmo tempo, estranhamente românticos e até eróticos, vampiros continuam sendo uma fonte constante de fascinação para muitos nos tempos modernos, o que pode ser confirmado além de qualquer dúvida pela forte e consistente presença de vampiros em romances e filmes ao longo do século passado.

Os vampiros aparecem no folclore e nas lendas de muitas culturas por todo o mundo, desde a Transilvânia (região cujo nome evoca na mente dos povos ocidentais imagens de antigos castelos cheios de vampiros) até o Japão, onde histórias de gatos vampiros e raposas vampiras sobrenaturais costumavam ser contadas. Na Malásia, o vampiro era visto como uma cabeça com prolongamentos rastejantes. Na antiga Grécia, acreditava-se em uma estranha criatura vampírica chamada de Lamia que sugava o sangue dos vivos. Ela possui o torso de uma mulher e a cauda de uma serpente alada.



Entretanto, o demônio sugador de sangue draculesco com o qual estamos acostumados nos nossos dias é amplamente baseado em lendas eslavas de vampiros que surgiram na Europa Oriental no século IX. O vampiro moderno se ergue de seu túmulo à noite para beber o sangue dos vivos da mesma maneira que suas contrapartes nos mitos da Antigüidade. Entretanto, o hábito de usar mantos com golas altas e a habilidade de se transformar em morcegos não são os traços originalmente associados a vampiros.

Acredita-se que os morcegos hematófagos foram associados aos vampiros no século XVI, quando os conquistadores espanhóis os encontraram pela primeira vez na América do Sul e imediatamente viram a semelhança entre os hábitos alimentares noturnos dos morcegos e os dos vampiros lendários. Nos séculos que se seguiram, a associação de morcegos com vampiros se espalhou pelo mundo e eventualmente acabou chegando às obras literárias de autores do século XIX como James Malcolm Rymer e Bram Stoker, que solidificaram o elo entre vampiros e morcegos na mente do público em geral.

Os vampiros são descritos na obra de Louis Stewart, *Forças Vitais* (*Life Forces*), como “pessoas que deveriam estar mortas, mas que permanecem na Terra sugando o sangue dos vivos. Dormem em caixões durante o dia e, à noite, emergem como homens altos e magros, morcegos esvoaçantes ou padrões de luar”. A *Webster's New Encyclopedia of Dictionaries* define um vampiro como “o corpo reanimado de um morto que não consegue descansar em paz em sua cova, mas se levanta à noite e suga o sangue dos adormecidos”.

Na visão dos primórdios do cristianismo, os vampiros eram a incorporação do mal e do pecado. Alguns os viam como o instrumento de Deus para punir quem negava a fé cristã ou que levavam, na visão dos cristãos, vidas malignas e pecaminosas. A visão moralista dos cristãos se reflete nas antigas superstições segundo as quais as pessoas nascidas fora do casamento, ou que morrem, sem ser batizadas estão condenadas a andar sobre a terra para sempre como vampiros. Entretanto, da mesma maneira que, na mente cristã, o vampiro era um servidor de Satã, ele também era, ironicamente, benéfico para a religião cristã. Segundo a autora Bárbara Walker, as superstições sobre vampiros eram sancionadas pela Igreja “para estimular conversões pelo medo”.

Nos tempos em que a crença em vampiros estava espalhada por toda a Europa, a morte do gado ou das ovelhas de um fazendeiro (especialmente quando eram encontrados com o sangue drenado) era frequentemente considerada serviço de vampiros (ou bruxas).

Já existiu um costume eslavo de abrir os túmulos e inspecionar os corpos a procura de sinais de vampirismo. Isso era feito três anos após a morte de uma criança, cinco anos após a morte de um adulto jovem e sete anos após a morte de uma pessoa mais idosa. Se um corpo exumado era encontrado com um pé no lado do caixão, inchado, com sangue no canto da boca, ou não demonstrando sinais aparentes de decomposição (especialmente se tiverem sido enterrados há muito tempo), isso era considerado como evidência certa de vampirismo. Buracos na terra sobre o túmulo de uma pessoa também eram considerados um sinal de que o corpo embaixo era de um morto-vivo.

Em muitas partes da Europa, acreditava-se que os vampiros eram mais ativos na noite de Santo André (29 de novembro) e na noite de São Jorge

(22 de abril) — e esta última era considerada uma noite como a de Walpurgis (30 de abril), em que as forças demoníacas, fantasmas malignos e monstros de todos os tipos supostamente caminhavam livremente.

Segundo um artigo sobre vampiros romenos escrito por Agnes Murgoci e publicado pela primeira vez em dezembro de 1926 no periódico *Folklore* (Volume 37, Número 4):

“Em Rosa, diz-se que vampiros caminham sobre a terra entre a noite de Santo André e a anterior ao dia de São Jorge, após o qual perdem o poder, porque as flores e o suave manjeriço começam a crescer, o que mostra que o poder de Deus está aumentando. Em Popeca, dizem que vampiros atingem seu poder máximo antes da Páscoa. Em Mihalcea, acredita-se que eles caminham somente entre a noite de Santo André e o Dia de Reis (6 de janeiro). Quando o padre canta *Kyrie Eleison* (Senhor, Tenha Misericórdia), todos os espíritos malignos desaparecem até a noite de Santo André. Em Siret, é a crença geral que eles ficam livres entre o dia de São Jorge até o dia de São João (23 de junho). As precauções contra vampiros são preparadas com mais cuidado especialmente antes do dia de Santo André (30 de novembro) e o dia de São Jorge (23 de abril), mas também antes do domingo de Páscoa e no último dia do ano. Na noite de Santo André e na noite de São Jorge, assim como na véspera da Páscoa e do Ano Novo, as janelas devem ser untadas com alho na forma de uma cruz, e mais alho deve ser colocado na porta e em tudo mais na casa e, finalmente, deve-se esfregar alho em todas as vacas no estábulo. Quando, ainda assim, os vampiros conseguem entrar, eles o fazem pela chaminé ou pelo buraco da fechadura, de modo que esses orifícios recebem atenção especial no momento de passar o alho. Mesmo com as janelas untadas com alho, é melhor deixá-las fechadas. Principalmente na noite de Santo André, todas as luzes devem ser apagadas e todos os objetos da casa devem ser colocados de ponta-cabeça para que, se um vampiro aparecer, ele não possa pedir-lhes que abram a porta. O melhor é nem dormir nessa noite e ficar acordado contando histórias até o galo anunciar a alvorada, pois, enquanto se está contando histórias, um vampiro não pode se aproximar. As mulheres devem ficar orando sem parar e podem ficar fazendo barulho com espadelas de cânhamo para manter os vampiros afastados. Não é sábio deixar espadelas ou pás onde vampiros possam pegá-las, pois vampiros gostam de voar montados nelas. Eles também usam peças das espadelas como armas com que lutam até que saiam faíscas, razão por que não se deve deixá-las nas espadelas. É uma precaução sábia, principalmente na noite de Santo André, vestir sua roupa do avesso e deixar uma faca ou foice sob

sua cabeça quando dormir, deixando o gume voltado para fora e também não custa nada dormir com os pés onde normalmente fica a cabeça, pois assim, se um vampiro conseguir entrar, ele não o encontrará.”

O Saber dos Ciganos sobre Vampiros

Os *mullos* — mortos raivosos que retornam como vampiros para vingar suas mortes — são muito temidos entre os ciganos. Os *mullos* se levantam de seus túmulos à meia-noite e, às vezes, transformam-se em animais, normalmente lobo, cão, gato, ave ou cavalo. Alguns ciganos acreditam que o *mullo* fica invisível para todos, exceto para os que ele escolheu como vítimas. *Mullos* femininos supostamente possuem um insaciável apetite sexual e frequentemente tomam humanos como amantes, às vezes até casando-se com eles, mas sempre exaurindo-os e mandando-os para a cova. Viúvas são alvos frequentes de *mullos* masculinos e aquelas por eles engravidadas sempre dão à luz um menino chamado de *dhampir*, que vive pouco. Esses rebentos têm a fama de possuir a habilidade sobrenatural de detectar vampiros e são frequentemente contratados por caçadores de vampiro.

É crença difundida entre os ciganos que os vampiros não refletem no espelho — a razão disso é que não possuem alma (o mesmo que já foi dito por cristãos em relação a bruxas e bruxos). Uma antiga crença entre os ciganos romenos era a de que uma pessoa em que faltasse um dedo ou tivesse apêndices animais provavelmente seria um vampiro. Também se acreditava que animais, e até mesmo plantas, podiam tornar-se vampiros e alimentar-se do sangue dos vivos.

Para evitar que os mortos retornassem como vampiros, os ciganos enfiavam agulhas de ferro ou aço no coração do defunto e colocavam pedaços de aço em sua boca, sobre seus olhos, orelhas e entre seus dedos antes do enterro. Também se acreditava que colocar espinheiros nas meias do morto ou atravessar uma estaca feita de espinheiros por suas pernas evitava que se tornassem vampiros. Muitos ciganos na Romênia também crêem que certos cemitérios são patrulhados por “lobos espirituais brancos” que protegem os vivos, destruindo qualquer vampiro que se levantasse da sepultura.

Como Tornar-se Vampiro

Há várias maneiras pelas quais uma pessoa pode se tornar um vampiro. A primeira, e provavelmente a mais comum, é ser mordido por um. A vítima morre e seu corpo retorna dos mortos como um predador noturno

que precisa do sangue dos vivos para sustentar sua existência de morto-vivo. Pragas e feitiços — frequentemente atribuídos à feitiçaria dos ciganos — são duas outras causas do vampirismo. Também se diz que, em casos raros, um indivíduo pode nascer vampiro. Muitos clérigos bretões da Idade Média acreditavam que, se uma mulher grávida expusesse seu corpo nu à luz da Lua, ela daria à luz uma criança vampira. Além disso, crianças nascidas com dentes, uma membrana envolvendo parte da cabeça (na verdade, o âmnio) ou uma cauda corriam o risco de se tornar vampiros quando morressem. Do mesmo modo, pessoas excomungadas pela Igreja que morriam não de causas naturais ou que não recebiam um enterro adequado também eram candidatas a tornar-se um morto-vivo.

Romenos supersticiosos também acreditavam que o sétimo filho de um sétimo filho (ou a sétima filha de uma sétima filha) estava condenado a uma existência vampírica após a morte, assim como qualquer criança nascida de uma mulher que foi vista por um vampiro (ou bruxa) quando estava grávida e não comeu sal (a medicação contra essa maldição).

Durante as caças às bruxas na Europa, muitas pessoas que eram julgadas pela prática então ilegal de bruxaria eram acusadas de vampirismo, além de estarem em conluio com o Diabo. Tal foi o caso com os Bruxos de Zugarramundi — um grupo de quarenta pessoas de Navarra, na Espanha, que foram julgadas pela Inquisição Espanhola em 1610.

Métodos para Afastar e Destruir Vampiros

Ao longo dos séculos, muitas orações e feitiços foram usados para proteger contra vampiros. Usar uma cruz — um símbolo que se acredita que os vampiros abominam e que é usado como defesa contra eles — é um método secular usado tanto por cristãos como não-cristãos. Filmes e relatos ficcionais sobre vampiros descrevem a cruz como um amuleto todopoderoso com força própria. Entretanto, nas lendas propriamente ditas sobre vampiros, a cruz funciona contra vampiros (e outras criaturas malignas sobrenaturais) somente se a pessoa que a usa acredita sinceramente no poder de Deus.

Em tempos antigos, era costumeiro espalhar sementes de papoula sobre a sepultura de um possível vampiro, na crença de que isso evitava que ele caçasse os vivos à noite. Galhos de junípero também chegaram a ser colocados em túmulos suspeitos com o mesmo objetivo.

Outras medidas preventivas incluíam perfurar o corpo com espinhos ou estacas, colocar um crucifixo no caixão, colocar bloqueios sob o queixo do morto ou pregar suas roupas no lado de dentro do caixão para impedir

que devorasse sua mortalha e colocar um ramo espinhoso de rosas silvestres na cova.

A prata, um metal sob o domínio da Lua e há muito creditado com grandes propriedades mágicas e de amuleto, tem a fama de ser eficiente para afastar vampiros (e lobisomens, fantasmas e outras criaturas sobrenaturais) quando carregada ou usada na forma de um pentagrama. Pregos de caixão feitos de prata supostamente evitam vampiros e prendem os espíritos de malfeitores em suas covas. De acordo com o folclore, balas de prata são eficazes para matar tanto vampiros como lobisomens. Algumas pessoas também acreditam que disparar uma bala de prata por meio de um fantasma seria um meio de erradicá-los.

O brandir de cruzes e alho também tem a reputação de manter os vampiros afastados, e ambos devem ser afixados às portas e janelas das casas para evitar que as criaturas consigam entrar. Água benta queima sua carne, a exposição à luz do Sol os reduz a cinzas e uma estaca de madeira em seus corações garante que não mais se levantarão de seus túmulos. Segundo alguns estudiosos do folclore, uma estaca de madeira só é eficaz se for feita da madeira de espinheiro, bordo ou álamo tremedor (*Populus tremula* — também conhecido como faia preta) — e a última é a preferida dos cristãos, por ser um dos tipos de madeira de que se diz ter sido feita a cruz em que seu Salvador, Jesus Cristo, foi crucificado.

Estacas de madeira não eram usadas somente para matar vampiros já existentes, mas também para evitar que um recém-falecido se tornasse uma criatura noturna sugadora de sangue. Em seu livro *Strange Customs*, R. Brasch diz que “os corpos dos que tinham maior chance de tornarem-se vampiros eram devidamente fixados ao fundo do caixão usando uma estaca atravessada em seus corações. Isso era mais que uma ‘fixação física’ do corpo, mas um ritual mágico”.

Um antigo método de lidar com vampiros na Bulgária era usar uma garrafa de sangue como isca, colocando-a sobre a sepultura da pessoa que se acreditava ser um vampiro. Quando o espírito sem descanso era atraído para dentro da garrafa, ela era fechada com uma rolha apertada, prendendo-o nela e, em seguida, era destruído, queimando-se a garrafa.

Montague Summers (1890—1948), um sacerdote e demonólogo católico, autor de diversos livros que acusavam a arte da bruxaria de ser um instrumento do Diabo, tinha a fama de acreditar fervorosamente na existência de vampiros como criaturas reais sugadoras de sangue enviadas por Satã. Segundo ele, o único método eficaz para imobilizar um deles para sempre era colocar uma hóstia consagrada em sua cova. Entretanto, esse remédio, nas palavras de Summers, “não deveria



ser tentado, pois isso seria precipitação e uma profanação do Corpo de Cristo” (aparentemente, o Reverendo Summers achava melhor permitir que vampiros perseguissem os vivos do que profanar o pão da Eucaristia!).

Outros métodos usados para destruir vampiros incluem decepar-lhes a cabeça e colocar alho em sua boca, desmembrar e queimar o corpo (após o qual as cinzas devem ser misturadas com água benta e dadas à família como uma cura), exorcismo, molhar a sepultura com água benta e repetir o serviço funerário.

O Desmorto

*Em paz não descansa sua alma amaldiçoada,
Mas em minha cama deita-se à noite,
Vestido de assustador negro funerário
Contra minha alva nudez.
Meu espelho não mostra sua imagem,
Somente sombras do passado,
Banhado em raios prateados da noite
Que por minha janela
Se esgueiram.
Quente e doce, meu néctar escarlate
De sua boca barbada goteja
Manchando os lençóis de tecido branco
Com cataventos vermelho-brilhantes
Meu coração bate somente por ele
Minha carne tremula sob seu comando.
Numa paixão silenciosa, agridoce,
Ele experimenta minha alma,
E me bebe até secar.
[Extraído *Priestess and Pentacle*,
de Gerina Dunwich]*

Conde Drácula

O Conde Drácula, inquestionavelmente o mais famoso (ou infame) de todos os vampiros ficcionais, foi uma criação do escritor de terror do século XIX, Bram Stoker, cujo clássico romance de vampiros, *Drácula*, foi inicialmente publicado no ano de 1897. Diz-se que o sádico príncipe romeno de nome Vlad Tepes Drácula (também conhecido como Vlad, o Empalador) foi

a inspiração real para o personagem sugador de sangue de manto negro e olhos hipnóticos de Stoker (o nome Tepes quer dizer “empalador” em romeno, e Drácula significa “Filho do Dragão”).

Nascido na Transilvânia em novembro ou dezembro de 1430 (ou 1431, segundo alguns), Vlad, o Empalador, era o filho de Vlad Dracul (Vlad, o Dragão), que reinou como Príncipe da Valáquia — um reino militarista no sul da Romênia. Tendo eventualmente tomado o lugar de seu pai como governante da Valáquia, tornou-se membro da Ordem do Dragão —, um grupo de governantes e senhores da guerra eslavos que juraram defender a fé cristã lutando contra a invasão de turcos muçulmanos do Império Otomano.

Vlad ganhou seu apelido, “O Empalador”, em virtude de seu desagradável hábito de empalar seus inimigos em estacas e, em muitos casos, canibalizar seus corpos ainda vivos. Ele também gostava bastante de matar suas vítimas fervendo-as, despedaçando-as com quatro cavalos atrelados aos seus membros, enfiando-lhes pregos e decapitando-as. Diz-se que, durante seu reinado, ele matou entre 40 mil e 100 mil pessoas — talvez mais. Ele era muito temido por seus servos, muitos dos quais acreditavam que ele possuía o poder sobrenatural de retornar dos mortos para atormentá-los.

Costuma-se dizer que os dias de tortura e empalação de Vlad chegaram ao fim quando ele foi morto no final de dezembro de 1476, durante uma batalha contra os turcos perto de Bucareste. Sua cabeça decapitada foi exibida em uma lança na cidade de Constantinopla como prova de sua morte, e seu corpo sem cabeça foi enterrado no monastério insular de Sna-gov. O interessante é que escavações realizadas no local em 1931 não tiveram sucesso em encontrar o caixão de Vlad.

Vampiros Psíquicos

A maioria das pessoas racionais do século XXI vê vampiros como nada mais que uma superstição inofensiva (e divertida) de uma época passada em que acreditam somente os ignorantes e as pessoas com uma tendência à fantasia. Entretanto, um diferente tipo de vampiro é sabidamente real, assim como o risco às pessoas que travam contato com ele. Eles não dormem em caixões durante o dia nem se alimentam do sangue dos vivos à noite e, nem mesmo são mortos-vivos ou sobrenaturais. Na verdade, são muito humanos. São numerosos, podem ser encontrados em toda parte e existem desde que a humanidade surgiu. São conhecidos como “vampiros psíquicos”.

Quase todo mundo já se deparou com pelo menos um vampiro psíquico na vida. Alguns tiveram o azar de se deparar com muitos. Esse tipo de



vampiro se alimenta drenando a energia das pessoas à sua volta — às vezes deliberadamente, mas na maior parte do tempo sem estarem conscientes do que estão fazendo. Enquanto os vampiros sugadores drenam a energia vital de suas vítimas bebendo seu sangue, o vampiro psíquico que rouba energia age de forma mais sutil, destruindo a vontade de sua vítima incauta, deixando-a cansada e esgotada sem razão aparente. Eles recebem um surto de energia enquanto suas vítimas sucumbem à fadiga. Quando percebem que não podem absorver mais energia de uma pessoa, eles partem para a próxima.

Há muitas maneiras de identificar vampiros psíquicos. A maioria é de pessoas que se sentem abandonadas e rejeitadas, nunca se sentem satisfeitas, freqüentemente se sentem fatigadas e precisam de cuidados e estimulação. Fazem perguntas continuamente, buscando idéias e opiniões dos outros para roubar. Também podem possuir um desejo inato de controlar relacionamentos pessoais e íntimos até o último detalhe, e normalmente são obcecados em obter até o menor de seus desejos pessoais. Alguns vampiros psíquicos podem sofrer de indisposições físicas, emoções desequilibradas ou distúrbios de personalidade. Muitos têm temperamento violento, sendo facilmente irritáveis.

Além de fazer com que se sintam drenados de energia, os vampiros psíquicos podem fazer suas vítimas experimentarem sintomas como tontura, tensão muscular, alterações de humor, irritabilidade, depressão e até enfermidades físicas.

Por sorte, lidar com vampiros psíquicos é relativamente simples. A primeira coisa que a vítima precisa fazer é identificar a pessoa que está esgotando sua energia e, em seguida, fazer o possível para evitar, ou pelo menos limitar, seu contato com ela. Usar técnicas de visualização para construir um “muro de proteção” ou uma esfera de luz branca ao redor de seu campo áurico pode ajudar bastante a afastar os vampiros psíquicos, assim como usar jóias com poderes de amuletos — particularmente cristais de quartzo. Nunca permita que vampiros psíquicos tenham poder sobre você ao deixar-se acreditar que está indefeso contra suas manipulações ou ataques psíquicos. É imperativo acreditar que sua vontade é maior que a deles.

Feitiço para Deixar Vampiros Psíquicos Impotentes

Um simples feitiço de Bruxaria para impedir que um vampiro psíquico drene sua energia ou o ataque fisicamente é o seguinte: faça um boneco mágicko que represente a pessoa a quem o feitiço é dirigido. Se tiver uma

foto dela, corte o rosto e cole-o no boneco. Se possível, coloque no boneco fios de cabelos ou de tecido de uma roupa que pertença à pessoa.

Energize o boneco segurando-o em suas mãos e concentrando-se no vampiro psíquico. Entoe o nome da pessoa em voz alta até sentir um formigamento nas mãos. Coloque o boneco em seu altar entre duas velas negras e repita o seguinte encantamento nove vezes:

*Vampiro psíquico liberta-me.
Nenhum poder tens sobre mim.
Por três vezes o número três,
A ti retorne todo mal que fizeres!*

Após o último encantamento ter sido recitado, pegue uma estaca de madeira e atravesse o "coração" do boneco para simbolizar seu triunfo sobre o vampiro. Ao fazê-lo, grite: "Que assim seja!".

Quando o Acônito Floresce

*"Mesmo um homem de coração puro que ora toda a noite
pode se tornar um lobisomem quando o acônito*
floresce e a Lua do outono brilha."
Antigo ditado popular.*

Lobisomens e vampiros partilham de muitas características. Ambos já foram completamente humanos, ambos são criaturas da noite; possuem o poder de alterar a forma e grande força física, e ambos são predadores dos vivos. E, da mesma forma que suas contrapartes sugadoras de sangue, os lobisomens têm inspirado medo e fascinação nos corações e mentes da humanidade desde tempos antigos e têm sido assunto comum de filmes e livros.

*"O conceito do lobisomem é intimamente ligado ao do vampiro,
em particular devido à lenda que, após a morte, o fantasma
de um licantropo [lobisomem] torna-se um vampiro."
R. Brasch*

A curiosa crença de que lobisomens tornam-se vampiros após a morte é secular e aparece no folclore de muitos países europeus, em particular na Romênia, Alemanha, Sérvia e Grécia.

* N. do T.: Acônito em inglês é chamado de "Wolfsframe", que quer dizer a "maldição do lobo".



A *Enciclopédia Britânica* descreve um lobisomem como "um homem que se transforma em lobo à noite e devora animais, pessoas ou corpos, mas retorna à forma humana de dia. Alguns lobisomens transformam-se quando querem; outros, em que a condição é hereditária ou adquirida ao ser mordido por um lobisomem, mudam de forma involuntariamente, sob a influência da Lua cheia. Se for ferido na forma lupina, esses ferimentos serão visíveis na forma humana, podendo levar à sua identificação. A crença em lobisomens é encontrada em todo o mundo. A condição psiquiátrica em que uma pessoa acredita que é um lobo é chamada de licantropia".

Licantropia é uma palavra que vem do grego *lykoi* [que quer dizer "lobo"] e *anthropos* [que quer dizer "homem"]. É usada tanto para referir-se a quem [em razão de uma condição psiquiátrica conhecida como Distúrbio da Licantropia] pensa que é um lobisomem e se comporta como um, também para pessoas em que uma transformação física real de homem em lobo (e vice-versa) ocorre. Hoje em dia, é opinião geral que a maioria, se não todas as pessoas que se acreditava serem lobisomens no passado, eram, na verdade, vítimas do Distúrbio da Licantropia.

A palavra inglesa para lobisomem, "werewolf", vem do inglês antigo *wer* [que quer dizer "homem"] e *wulf* [que quer dizer "lobo"]. Acredita-se que a palavra foi escrita em inglês antigo apenas uma vez, lá pelo ano 1000, nas leis do Rei Canute: "para que o 'werewolf' faminto não ataque com selvageria e devore muito de um bom rebanho".

Origem da Lenda do Lobisomem

Muitos historiadores do oculto acreditam que a lenda do lobisomem se originou na Alemanha no século XVI, provavelmente inspirada por uma onda de brutais assassinatos canibalísticos por um "homem em forma de lobo" chamado Peter Stubbe. Diz-se que ele gostava de despedaçar suas vítimas com selvageria, beber seu sangue e até comer sua carne. Ele confessou, sob tortura, ser um feiticeiro cujos poderes metamórficos vinham de um "cinturão mágico" dado a ele pelo Diabo. Como punição por seus crimes hediondos, sua carne foi arrancada dos ossos com pinças quentes, sua cabeça decepada e seu corpo queimado até ser reduzido a cinzas.

Na *Penguin's Encyclopedia of Horror and the Supernatural*, o autor Jack Sullivan diz que "a explicação mais simples para as lendas sobre lobisomens é a de que o lobo fora certa vez uma criatura de terror por todo o mundo, quando a Terra estava coberta de florestas. Numa época em que as pessoas também temiam bruxas e magos, era natural que os dois medos fossem combinados na lenda do lobisomem".

A Igreja naturalmente culpava Satã pela praga de lobisomens sobre a Terra e dizia que a alma de uma pessoa que sofria dessa maldição não poderia entrar no Paraíso e estava condenada a ficar presa à Terra por toda a eternidade. Entretanto, assim que um lobisomem experimentasse carne e sangue humanos, sua alma estaria condenada para sempre, sem a menor esperança de redenção.

Para Tornar-se um Lobisomem

Diz-se que existem muitos meios — voluntários ou não — de se tornar um lobisomem. Uma pessoa mordida ou arranhada por um lobisomem se tornará um também. A mesma sina recairia sobre quem comesse a carne assada de um lobo ou de um carneiro morto por um lobo, quem bebe de uma fonte de água da qual lobisomens também beberam, crianças nascidas na noite da Véspera de Natal e alvos de um poderoso feitiço conhecido como a “Maldição Licæônia”. Às vezes, essa maldição pode ser passada de uma geração a outra, normalmente manifestando-se nos membros homens da família e, se uma mulher é engravidada por um lobisomem, há uma boa chance de seu filho carregar a maldição do pai.

Em alguns casos a maldição pode ser revertida. Algumas pessoas acreditam que, quando um lobisomem é morto, suas vítimas (que se tornaram lobisomens também como resultado de terem sido mordidas ou arranhadas) são libertas da maldição e voltam a ser seres humanos normais. Isso, no entanto, só funciona com quem ainda não provou carne humana. Para os que o fizeram, não haveria esperança de cura.

Outra maneira de pôr fim à maldição seria a vítima ingerir acônito antes da primeira Lua cheia após ter sido mordida. Após ter se transformado em lobisomem pela primeira vez, os poderes da planta tornam-se ineficazes. Ainda outra maneira seria transferir a maldição para outra pessoa, mas isso só pode ser feito durante certos alinhamentos planetários raros.

É interessante notar que nem todas as pessoas se tornam lobisomens por causa de ataques de lobisomens ou maldições. Algumas o fazem por livre e espontânea vontade. Comer o cérebro de um lobisomem, usar ou cheirar acônito, comer carne humana, beber na pegada de um lobo, usar pele de lobo ou um cinto feito da pele de um criminoso executado e vender a alma ao diabo são exemplos de métodos voluntários de licantropia auto-induzida.

Uma antiga superstição italiana diz que, se um homem dorme ao ar livre numa sexta-feira sob os raios de uma Lua cheia, ele será magicamente transformado em lobisomem. Numa versão similar dessa superstição, diz-se que um lobisomem o atacará.

Magia Metamórfica

Segundo as lendas, feiticeiros e xamãs (e, em alguns casos, bruxas) têm o poder de se transformar em lobisomens para atacar seus inimigos e beber seu sangue. Isso é freqüentemente feito vestindo um cinturão feito de pele de lobo, bebendo uma poção especial, recitando certos encantamentos, com toda força de vontade, ou esfregando uma pomada mágica no corpo.

Tradicionalmente, as pomadas para metamorfose em licantropo consistem de ingredientes como gordura de uma criança não batizada (alguns ocultistas acham que isso quer dizer sêmen), sangue de morcego, óleo, fuligem e as seguintes ervas: cicuta, acônito (também conhecida como “maldição do lobo”), folhas de álamo, *cowbane* (*Oxypolis rigidior*), cálcamo aromático e *Atropa belladonna*.

Um encantamento russo centenário para invocar a deusa da Lua e se transformar em um lobo cinzento é o seguinte:

“No mar, no oceano, na ilha, em Bujan, nos pastos vazios brilha a Lua, sobre um ‘ashtock’ em um bosque verdejante, em um vale sombrio. Na direção do gado move-se um lobo peludo, o gado com chifres de olho em suas afiadas presas brancas; mas o lobo não entra na floresta, mas o lobo não mergulha no vale sombrio. Lua, Lua, Lua de chifres dourados, pare o vôo das balas, cegue a faca do caçador, quebre o bastão do pastor, lance grande medo sobre todo o gado, sobre os homens, sobre todas as coisas que rastejam, para que não se igualem ao lobo cinzento, para que não rasguem sua pele quente! Minha palavra amarra, amarra mais que o sono, amarra mais que a promessa de um herói”.

Outro antigo feitiço para tornar-se um lobisomem instrui o feiticeiro a usar uma pele de lobo ao redor da cintura enquanto fica em pé no centro de um círculo sob a Lua cheia e repetir o seguinte encantamento:

*Salve, salve, salve, grande Espírito Lobo, salve
Uma bênção vos peço, poderosa sombra,
Dentro deste círculo que fiz.
Transformai-me em um lobisomem forte e destemido,
O terror tanto de jovens quanto de velhos.*

Outro encantamento usado por feiticeiros em tempos antigos para induzir magicamente a metamorfose em lobisomem é o seguinte:

Lobos, vampiros, sátiros, fantasmas!

Eleitos das hordas infernais!

Rogo que envie para cá,

Envie para cá, envie para cá,

A grande forma cinzenta que faz homens tremerem!

O Saber dos Lobisomens

Da mesma forma que lobos reais, os lobisomens podem viver sozinhos por muitos anos ou andar em bandos com outros que contaminaram com a maldição da licantropia.

Dizem que os vampiros são inimigos jurados dos lobisomens e, geralmente, são mais poderosos que eles. Se um lobisomem e um vampiro lutarem, a vantagem ficará com o último.

Se uma ferida for infligida em um lobisomem na forma de lobo, ela aparecerá no mesmo local após a transformação de volta à forma humana. Ao mesmo tempo, acredita-se que lobisomens sejam imunes ao processo de envelhecimento e a quase todas as doenças físicas, em razão da incrível capacidade de regeneração de seus tecidos. Entretanto, algumas fontes dizem que lobisomens não são imortais e, se não forem mortos, acabam morrendo de velhice.

Segundo uma lenda de origem européia, as flores azul-claras da *moonflower* (*Ipomoea alba* — uma planta rara que floresce da primavera ao outono, mas somente sob a luz fantasmagórica da Lua) são úteis para controlar a maldição do lobisomem. Segundo outra lenda, se uma pomada feita com dez inflorescências de *moonflower* for esfregada na pele de um lobisomem moribundo, ela manterá a forma que apresentava no momento da morte.

Identificação de um Lobisomem

Alguns dos traços físicos de um lobisomem são os seguintes: palmas peludas ou ásperas, dentes protuberantes, sobrancelhas inclinadas que se unem sobre o nariz e um dedo central anormalmente longo em ambas as mãos. Algumas marcas características, como uma marca de nascença ou cicatriz em forma de lua crescente, ou uma estrela de cinco pontas na palma da mão, também são sinais de que a pessoa é um lobisomem.

Métodos para Manter Lobisomens Afastados

Acredita-se que lobisomens têm uma aversão natural a freixos, centeio e acônito — e este último era um repelente popular de lobisomens nos tempos medievais, a despeito da lenda que usar ou cheirar a planta induz à transformação em lobisomem. Alho e pentagramas de prata também têm a fama de ser muito eficazes para afastar lobisomens.

Na França costumava-se acreditar que uma estaca em forma de garfo com a cabeça de um cavalo ou asno no topo servia como um poderoso meio de proteção contra lobisomens, assim como fantasmas, Bruxas e todas as forças do Mal.

“Se lobisomens não são apenas uma ilusão absurda, então são evidências de algum poder da mente humana que ainda não compreendemos.”

Jack Sullivan

CAPÍTULO 10

Divindades da Morte e do Submundo

Ah Puch é um deus maia da morte, governante de Mitnal (o mais profundo e horrível dos Nove Infernos). Em obras de arte religiosas antigas é retratado como um homem com cabeça de coruja e, às vezes, um esqueleto ou um horrível cadáver inchado.

Aker é um deus egípcio da terra e da morte. Segundo a mitologia, ele vigia o portão por onde o faraó adentra o submundo. Também é o guardião do local onde o horizonte oriental e o ocidental se encontram. Seu símbolo é um par de leões voltados em direções opostas.

Ament é uma deusa egípcia que, segundo a mitologia, recebe os recém-mortos nos portões do submundo com água e pão.

Amida é um deus japonês da morte, para quem se voltam os fiéis no momento da morte. É dito que seu reino é cheio de árvores de ambrosia, brisas suaves e lindos pássaros canoros.

Andjety é um deus egípcio do submundo. O renascimento das almas no pós-vida é sua responsabilidade.

Anúbis é o deus egípcio dos mortos e do embalsamento. Ele guarda os cemitérios e as sepulturas. Segundo a mitologia, é da responsabilidade de Anúbis pesar o coração dos mortos. As almas de coração leve são levadas diante do deus Osíris, enquanto as de coração pesado são destruídas. Ele é retratado nas antigas obras de arte como um homem com a cabeça de um chacal ou cachorro.



Átropos é uma das três deusas da mitologia grega conhecidas como as Moiras. Cloto (fiar) desenrola o fio da vida, Laquésis (sorte) determina a duração que a vida terá e Átropos (inflexibilidade) traz a morte cortando o fio. Essas três deusas do destino seriam mais velhas que os deuses e têm controle sobre a sina dos mortais e dos imortais. Eram conhecidas em Roma como as Parcas.

Azrael, segundo o Corão, é o arcanjo da morte que aguarda os moribundos e recolhe suas almas no momento da morte. Ele é um dos quatro anjos mais elevados ao lado do trono de Alá. Diz-se que ele será o último a morrer e o fará ao tocar da segunda trombeta do arcanjo. Azrael é um anjo de vingança pelo fogo — um paradoxo de devoção angelical e sede de destruição devastadora.

Balor é um deus celta da morte e o rei da raça de gigantes malignos chamados de formorianos.

Barão Cimitiere é o loa do vodú associado a cemitérios.

Barão Samedi é o loa da morte no vodú. É ele que controla a passagem entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Sua cor sagrada é o negro e ele é freqüentemente chamado para fornecer informações sobre a morte.

Chamer é um deus maia da morte, adorado principalmente na Guatemala. Dizem que ele tem a forma de um esqueleto vestido de branco. Um de seus atributos tétricos é uma foice com uma lâmina feita de osso humano.

Charun é um demônio etrusco em forma de abutre que tortura a alma dos mortos no submundo.

Chertu é o balseiro dos mortos e protetor da tumba do faraó, segundo a mitologia egípcia. Ele é retratado em obras de arte religiosas antigas como um carneiro ou como um homem com cabeça de cordeiro.

Chontamenti (também soletrado Khentamenti) é um deus egípcio dos mortos, governante da terra do oeste. Ele é retratado em obras de arte religiosas antigas como um cachorro com chifres ou um homem com cabeça de chacal.

Chu Jiang é um deus chinês que governa o Segundo Inferno, onde as almas de ladrões e assassinos falecidos são aprisionadas.

Cizin é um deus maia da morte, cuja função principal é queimar as almas dos mortos. Diz-se que seu corpo é coberto de manchas pretas e amarelas e que ele usa um osso humano como brinco. Seu nome quer dizer “fedor”.

Cum Hau é um deus maia da morte, adorado no antigo México.

Emma-Dai-O é um deus japonês budista que governa o submundo e julga a alma dos mortos. Ele decide a punição dos que cometeram maldades, segundo a lei de Buda.

Ereshkigal é uma deusa suméria e acadiana dos mortos. Acredita-se que tenha sido originalmente uma deusa dos céus; é considerada uma divindade de natureza sombria e violenta.

Fe'e é um deus polinésio da guerra e da morte que tem a forma de um polvo gigante. Segundo a mitologia, ele habita as profundezas do oceano e seus enormes tentáculos se estendem aos cantos mais distantes do mundo conhecido, como uma bússola gigantesca. Acreditava-se que sua voz causava tempestades de raios, cujos sons eram cuidadosamente interpretados pelos adivinhos reais dos reis de Samoa para determinar se tribos em guerra deveriam entrar em combate.

Giltine é uma deusa lituana da morte e irmã de Saima, deusa do destino. Ela apareceria como uma mulher alta e esguia ou uma bruxa com um vestido branco (cor associada com a morte na Europa Oriental). Ela tinha uma língua peçonhenta com a qual matava uma pessoa com uma simples lambida em sua face. Entretanto, ela prefere sufocar ou estrangular suas vítimas. Segundo a lenda, Giltine freqüenta cemitérios à noite, coletando veneno dos mortos.

Hades é um deus grego da morte, governante do submundo (que tem o mesmo nome). Ele também é um deus de riquezas. Era retratado nas obras de arte religiosas gregas como um deus escuro e barbado, carregando uma chave e um arpão com duas pontas ou um cetro e andava em uma carruagem negra puxada por quatro cavalos negros. Sua contraparte romana era o deus Dis Pater.

Hel é a deusa nórdica da morte, governante do reino dos mortos. É retratada como uma velha aterradora cujo corpo está meio vivo e meio morto. É de seu nome que vem o nome inglês para o inferno cristão (“Hell”).

Heret-Kau é uma deusa egípcia do submundo. Segundo a mitologia, sua principal função é vigiar e proteger as almas dos falecidos no pós-vida.

Hine-Nui-Te-Po é uma deusa polinésia que governa a morte, a escuridão e a noite. Dizem que ela é a mais perversa de todas as deusas.

Hunhau é outro deus maia da morte, um dos vários “lordes dos mortos” que governam o submundo. Em antigas obras de arte é retratado com características caninas, embora às vezes surja como um deus com cabeça de coruja.

Ikal Ahau é mais um deus da morte maia. Dizem que ele habita a escuridão das cavernas durante o dia e anda sobre a terra sob o manto da noite à procura de vítimas humanas, cuja carne crua gosta de comer. Segundo uma antiga lenda mexicana, Ikal Ahau às vezes toma a forma de um morcego hematófago e mora nas torres dos sinos de igrejas cristãs.

Isdes é um deus egípcio da morte, uma das divindades menores que julgam as almas dos mortos. Ele ficou conhecido do Reinado Médio em diante e, em tempos mais recentes, fundiu-se ao deus dos mortuários de cabeça canina, Anúbis.

Itonde é um deus africano da morte que dizem alimentar-se da carne de ratos. Ele também protege quem caça nas florestas fechadas. Segundo a lenda, Itonde usa um cinto mágico chamado elefo para predizer onde a morte atacará.

Ixtab é a deusa maia dos nós e da força. Ela é também a divindade patrona de todas as pessoas que morreram por suicídio e é retratada em antigas obras de arte religiosa com o corpo em decomposição de uma mulher pendurada em uma árvore por um laço.

Kala é um deus hindu da morte e da destruição com uma face negra. No Atharvaveda (um antigo texto sagrado veda), ele também é a personificação

do tempo. Consorte da deusa Kali, ele usa colares de crânios humanos. Dizem que o fedor pútrido de sua carne em decomposição o acompanha onde quer que vá.

Khentimentiu é um deus egípcio que governa o destino dos mortos. Intimamente relacionado a Chontamenti, ele é freqüentemente chamado de “o cão dos mortos”.

Lasa são deusas etruscas aladas que vigiam as sepulturas dos mortos. Seus símbolos sagrados são espelhos e grinaldas.

Libitina é uma deusa da morte e de funerais, adorada pelos antigos romanos e mais tarde ligada à deusa Proserpina. Ela era freqüentemente invocada durante rituais fúnebres e enterros e seu nome já foi sinônimo de morte. Segundo a mitologia, Libitina era a guardiã dos cadáveres. Registros mortuários, atestados de óbito e toda documentação necessária para os serviços funerários eram guardados em seu templo.

Mania é a deusa romana da morte. Freqüentemente chamada de mãe dos fantasmas, ela divide seu nome (que quer dizer “insanidade”) com a antiga divindade etrusca que guarda o submundo.

Merau é uma deusa polinésia da morte e governante do mundo dos mortos (chamado de Reinga ou Milu). Segundo a mitologia, ela é a rival da deusa maligna Hine-Nui-Te-Po.

Miclantecutli é um deus asteca do submundo. Em antigas obras de arte religiosas é retratado como um esqueleto ou uma figura usando uma caveira. Aranhas, morcegos e corujas são sagrados para ele.

Morrigan (também conhecida como a Morrigan) é uma deusa celta da guerra e da morte e é uma divindade com poderes metamórficos muito temida que toma freqüentemente a forma de uma ave negra, geralmente uma gralha ou um corvo. Dizem que se ela surgir para um guerreiro antes de uma batalha, isso é um presságio de sua morte.

Mors é um deus romano da morte, retratado nos antigos escritos do poeta Ovídio como uma abominável figura cadavérica vestida com um sudário e segurando uma ampulheta em uma mão e uma foice na outra. Ele é o equivalente romano do deus grego Tanatos e, segundo a mitologia, é um dos filhos de Nyx, a deusa da noite.

Morta é a deusa romana da morte. Seu nome vem do latim *mortuus* e, em tempos mais posteriores, tornou-se uma das Parcas — um trio de deusas que determinam o poder dos mortais. Nona fiava o fio da vida, Décima o designava a uma pessoa e Morta trazia-lhe a morte cortando o fio.

Mot é o deus fenício e cananeu da adversidade natural, cujo nome significa “morte”. Ele era adorado no norte de Israel, no Líbano e nas regiões costeiras da Síria desde tempos pré-históricos até 200 a.C. Segundo a lenda, ele habita um fosso na terra e sua morte anual (nas mãos da deusa vingativa Anat, cuja morte de seu irmão gêmeo ele foi responsável) traz seca e calor lancinante ao mundo todos os anos.

Na Ngutu é um deus africano dos mortos que foi adorado nas regiões centrais e ocidentais do continente. Sua principal função era proteger a alma dos guerreiros mortos em batalha.

Naemia é uma deusa romana que preside os funerais.

Ndjambi é um deus do céu africano, adorado pela tribo Herero da Namíbia e de Botsuana. Na *Encyclopedia of Gods* de Michael Jordan, Ndjambi é descrito como “uma divindade benéfica que protege e eleva aos céus todos os que morreram de causas naturais”. Falar seu nome em voz alta é considerado tabu.

Nehebkau é um deus-serpente egípcio que guarda a entrada do submundo.

Néftis é uma deusa egípcia que recebe e ensina os espíritos dos que chegaram ao reino dos mortos. Ela também reconforta os membros de famílias que perderam um ente querido.

Nergal é um deus mesopotâmico do submundo, consorte da deusa da morte Ereshkigal. Ele é tido como um deus maligno cujos prazeres são trazer doenças, medo e guerra à raça dos mortais.

Ninedinna é uma deusa babilônica que governa os livros dos mortos.

Odin é um deus nórdico e germânico dos mortos, líder dos deuses celestiais *vikings* chamados de Aesir e o principal deus da vitória em combate. Ele vive nos Salões de Valhalla, reinando sobre um exército de espíritos guerreiros chamados de As Valquírias. Segundo Michael Hordan, Odin “é visto como um xamã, impulsionado por um desejo constante de procurar conhecimento sobre o oculto através da comunicação com os mortos”. Deus com o poder de mudar de forma, que cavalga um cavalo alado de oito pernas (Sleipnir), Odin era também o patrono dos guerreiros nórdicos conhecidos como berserkers, que entravam em um transe sanguíneo e violento durante as batalhas. Quando morriam, o corpo dos que eram leais a Odin era queimado em piras funerárias.

Ogiuwu é um deus da morte do oeste africano que, segundo a lenda, é o dono do sangue de todas as coisas vivas. Ele vive em um palácio manchado de sangue no outro mundo e exige um sacrifício humano todo ano para se apaziguar.

Orcus é outro deus romano da morte e do submundo, além de ser o deus dos juramentos e que punia os culpados de perjúrio.

Perséfone é uma deusa grega descrita como “a senhora dos mortos e a desafortunada consorte de Hades”. Segundo a mitologia, ela tornou-se rainha do submundo após ser abduzida pelo deus Hades, que a capturou quando colhia flores com as oceânidas (ninfas aquáticas também chamadas de nereidas). A deusa Proserpina é seu equivalente romano.

Proserpina é a deusa romana da morte, equivalente à deusa grega Perséfone. Em um mito quase



idêntico ao de Perséfone, Proserpina foi coroada rainha do submundo após ser abduzida pelo deus do submundo Plutão (o equivalente romano do deus grego Hades).

Ran é uma deusa nórdica das tempestades e a senhora dos que morreram no mar. Segundo a mitologia, ela às vezes causa naufrágios para recolher os marinheiros afogados em suas redes e levá-los ao seu salão.

Rudra é um deus hindu da morte, das tempestades e dos ventos. Ele é uma divindade que causa destruição e caos.

Savea Si'uelo é um deus polinésio dos mortos, irmão de Salevao, que é o deus primordial das rochas e o consorte da Mãe-terra.

Seker é um deus egípcio fúnebre com cabeça de falcão. Ele é o governante de todos os itens usados nos serviços funerários e o patrono dos construtores de tumbas para os mortos.

Serket é uma deusa egípcia que ensinava os mortos e cuidava dos jarros canópicos em que ficavam guardados os órgãos internos das múmias. Em antigas obras de arte religiosas é retratada como uma mulher usando uma touca em forma de escorpião.

Shoki é um deus japonês do pós-vida e de exorcismos. Ele é invocado durante rituais para expulsar demônios de indivíduos possuídos.

Supay é um deus inca da morte, que também é o governante do submundo.

Tate é o deus criador da tribo indígena norte-americana dos Sioux. Dizem que ele aparece em meio às nuvens e sua voz é o vento. Ele preside a mudança das quatro estações e guia os espíritos dos mortos. Michael Jordan o descreve como a "divindade junto a qual os xamãs dos Sioux intercedem".

Ta'xet é um deus da morte da tribo indígena dos Haida, que vivem na Ilha da Rainha Charlotte, na Columbia Britânica, no Canadá. Segundo a lenda, ele é responsável por todos que sofrem uma morte violenta.

Telus é a Mãe-terra primordial dos romanos (chamada de *Terra Mater*) e também a deusa dos mortos. Em tempos antigos, sacrifícios humanos lhe eram oferecidos para obter sua ajuda. Diz-se que os romanos ofereciam seus exércitos inimigos a ela e os amaldiçoava em seu nome.

Teoyaomqui é o deus asteca dos mortos em combate.

Tanatos é o deus grego da morte e um dos filhos gêmeos de Nyx, a deusa da noite. Segundo a mitologia, ele habita uma caverna remota com seu irmão, Hipnos, o deus do sono. Ele traz a morte aos mortais, que são então reclamados pelo submundo.

Tia significa "morte pela violência". Ele é outro deus da morte da tribo indígena dos Haida, na Ilha da Rainha Charlotte, na Columbia Britânica, Canadá. Dizem que ele assume a forma de um cadáver sem cabeça que sangra sem parar e possui a capacidade de voar pelo ar. Mortes violentas são previstas pelo som horrível de seu gemido.

Tokakami é um deus da morte da tribo indígena dos Huichol, no México.

Tuchulcha é uma deusa etrusca demoníaca que guarda o submundo. Ela é retratada como uma criatura alada com bico de ave e cabelo feito de serpentes venenosas.

Uepuauet é outro deus egípcio associado à morte. Segundo a mitologia, ele abriu o caminho para os mortos até o submundo. Em antigas obras de arte religiosas é retratado como um chacal.

Vanth é uma demonia* alada etrusca da morte que auxilia os moribundos. Dizem que ela tem olhos em suas asas que podem ver tudo.

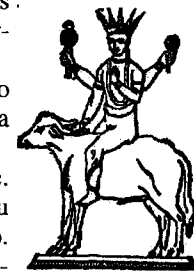
Vichana é um deus inca da morte, filho de Inti.

Xolotl é um deus asteca do relâmpago que guia a alma dos mortos até o submundo. Segundo a mitologia, é o irmão gêmeo de Quetzacoatl. Em antigas obras de arte religiosas é frequentemente retratado como um esqueleto ou um homem com a cabeça de um cão.

Yama é um deus hindu (veda) da morte. Segundo a mitologia, ele é o consorte da deusa Dhumorna e irmão gêmeo de Yami, deusa da morte. Sua principal função é julgar os mortos e é retratado em obras de arte como um homem verde com roupas vermelhas, sentado em um touro negro. Dizem que ele segura um laço com o qual remove a alma do corpo dos mortos. O búfalo negro é seu animal sagrado e, como a maioria das demais divindades associadas com a morte e com os mortos, sua cor sagrada é o negro.

Yan-lo é o deus chinês dos mortos e senhor do Quinto Inferno. Dizem que ele usa as memórias do passado para punir os condenados ao seu domínio.

Yum Cimil é um dos muitos deuses maias da morte. Dizem que ele assume a aparência de um esqueleto ou cadáver e usa ornamentos em forma de sino em seu cabelo. Ele era apaziguado com o afogamento sacrificial de vítimas humanas em um poço com água.



* N. do T.: Optamos pela palavra "demonia" apesar de ela não constar nos dicionários. Ela é usada por Fernando Pessoa como licença poética na tradução de "Hino a Pã", de Aleister Crowley.

Fontes

American Ghost Society

515 East Third Street
Alton, Illinois 62002
Tel: 1 (618) 465-1086 ou 1-888-GHOSTLY
Website: www.prairieghosts.com

American Society for Psychical Research

5 West 73rd Street
New York, New York 10023
Tel: 1 (212) 799-5050 Fax: 1 (212) 496-2497
Website: www.aspr.com/index.htm

Association for the Scientific Study of Anomalous Phenomena

Caixa Postal 327
Bromley, Inglaterra BR1 1ZE
E-mail: research@assap.org
Website: www.assap.org

Austin Ghost Tours

Tel: 1 (512) 695-7297
Website: www.austinghosttours.com

Bloody Mary's Tours (Nova Orleans, Louisiana)

Tel: 1 (504) 486-2080
Website: www.bloodymarystours.com

Tim Braun (Médium Espiritual)

Caixa Postal 61
South Pasadena, Califórnia 91031
Tel: 1 (626) 308-1614
E-mail: tim@timbraun.com
Website: www.timbraun.com

Charlotte Ghost Hunters Alliance

Caixa Postal 411041
 Charlotte, North Carolina 28241
 Tel: 1 (704) 661-4932
 E-mail: charlotteghosts@yahoo.com
 Website: www.ghosthunters.8m.com

Chicago Supernatural Tours

Contato: Richard T. Crowe
 Caixa Postal 557544
 Chicago, Illinois 60655
 Tel: 1 (708) 499-0300 (horário comercial)
 Website: www.ghosttours.com

Crypt Keeper Tours, Inc.

Contato: Corie Craven
 Caixa Postal 1118
 Madison Square Station
 New York, New York 10159
 Tel: 1 (212) 679-9777 ou (888) EXHUMED Fax: 1 (212) 679-9799
 E-mail: cryptkeepertours@cryptkeepertours.com
 Website: www.cryptkeepertours.com

Gerina Dunwich (Médium e Pesquisadora de Fantasma)

Caixa Postal 4263
 Chastworth, Califórnia 91313
 Fax: 1 (775) 417-0737
 E-mail: witchywoman13@paganpoet.com
 Website: www.gerinaadunwich.com

Eureka Springs Ghost Tours

The Crescent Hotel
 75 Prospect Avenue, Suite 212
 Eureka Springs, Arkansas 72632
 Tel: 1 (501) 253-6800
 E-mail: ghostmaster@eureka-springs-ghost.com
 Website: www.eureka-springs-ghost.com/tours_offered.htm

Excursions into the Unknown

Chicago, Illinois
 Dale Kaczmarek, Leader
 Tel: 1 (708) 425-5163

Ghost Chasers International

Patti Starr, Presidente, Caçadora de Fantasma certificada, autora
 1420 Pine Meadow Road
 Lexington, Kentucky 40504
 Tel: 1 (859) 233-0202

E-mail: hollywood@qx.net
 Website: www.ghostchasersinternational.com

Ghost Hound

Website: www.ghosthound.com
 E-mail: contactus@ghosthound.com

Ghost Hunters of Baltimore International

Caixa Postal 191
 Timonium, Maryland 21094
 Tel: 1 (410) 453-2081
 E-mail: Ghosthunter@ghostpage.com

GhostNews.com

1732 W. Donner
 Fresno, Califórnia 93705
 Tel: 1 (559) 917-5818 Fax: 1 (559) 297-1062
 E-mail: Webmaster@GhostNews.com
 Website: www.ghostnews.com

Ghost Research Society

Contato: Dale Kaczmarek
 Caixa Postal 205
 Oak Lawn, Illinois 60454-0205
 E-mail: Dkaczmarek@ghostresearch.org
 Website: www.ghostresearch.org

Ghost Tours

Caixa Postal 1457
 Sunnybank Hills, Brisbane
 Queensland 4109 Austrália
 Tel: 07 3844 6606
 E-mail: enquiries@ghost-tours.com.au
 Website: www.ghost-tours.com.au

Ghost Tours of Connecticut

157 North Street
 Seymour, Connecticut 06483
 Tel: 1 (877) GHOST-11
 Website: www.ohwy.com/ct/g/ghotouct.htm

Ghost Tours of Key West

Caixa Postal 4766
 Key West, Florida 33040
 Tel: 1 (305) 294-9255 Fax: 1 (306) 294 5175
 E-mail: keyghoul@aol.com
 Website: hauntedtours.com

Ghost Tours of Niagara

“Uma excursão com guia a pé e à luz de velas do lugar mais assombrado da cidade mais assombrada do Canadá.”

E-mail: ghosttours@hotmail.com

Website: www.ghrs.org/ghosttours

Ghost Tracker Investigations

Website: www.ghosttracker.com/main.html

Ghost Watch UK

Website: www.ghostwatchuk.org

The Ghosts and Hauntings Research Societies

Website: www.ghrs.org

Ghosts and Legends of the Queen Mary

The Queen Mary

1126 Queen Highway

Long Beach, California 90802

Tel: 1 (562) 435-3511

Ghosts of Charleston Walking Tour

Charleston, South Carolina

Tel: 1 (800) 854-1670

E-mail: info@tourcharleston.com

Website: www.tourcharleston.com

Haunted Britain and Ireland

E-mail: whiterabbit@afallon.com

Website: www.afallon.com/pages/whiterabbit1.html

Haunted Footsteps Ghost Tour and Gift “Boo-tique”

175 Essex Street

Salem, Massachusetts 01970

Tel: 1 (978) 745-0666

E-mail: SalemHFGT@aol.com

Website: www.hauntedfootstepsghosttour.com

Haunted Inns and Ghost Tours USA

Website: www.haunt.f2s.com/tours_usa.htm

History & Hauntings Book Co.

(Excursões de fantasmas de Alton, em Illinois- conhecida como “uma das cidadezinhas mais assombradas nos Estados Unidos”)

515 East Third Street

Alton, Illinois 62002

Tel: 1 (618) 465-1086 ou 1 (888) 446-7859

Website: www.prairieghosts.com/tours.html

Hollywood Hauntings (“Assombrações de Hollywood”)

Website: ghotic.vei.net/hollywood/

Professor Hans Holzer, Parapsicólogo e Caçador de Fantasmas

Fax: 1 (212) 721-6068

IGHS Home Study Course

Caçador de Fantasmas Certificado

Investigador Paranormal Certificado

Website: www.ghostweb.com/mainhsc.html

International Ghost Hunters Society

Dave Oester, D, PhD

Sharon Gill, PhD

E-mail: MagicDimensions@aol.com

Website: www.ghostweb.com

International Society for Paranormal Research

Caixa Postal 291159

Los Angeles, California 90027

Tel: 1 (323) 644-8866

E-mail: Ghost@hauntings.com

Website: www.hauntings.com

The International Society for Paranormal Research

4712 Admiralty Way (n. 541)

Marina Del Rey, California 90292

Tel: 1 (323) 644-8866

Website: www.ispr.net/hauntings/index.html

Invisible Ink (catálogo voltado exclusivamente a livros sobre fantasmas e assombrações)

1811 Stonewood Drive

Dayton, Ohio 45432

Tel: 1 (937) 426-5110 ou 1 (800) 31-GHOST

E-mail: InvisibleI@aol.com

Website: www.invink.com

John F. Kennedy University Parapsychology Department

12 Altarinda Road

Orinda, California 94563

Tel: 1 (415) 254-0105

London Ghost Walk

Contato: Richard Jones

Tel: 020 8530 8443

E-mail: hauntings@aol.com

Website: www.london-ghost-walk.co.uk

Lone Star Spirits

Caixa Postal 683101

Houston Texas 77268

Websites: www.lonestarspirits.org

Lowcountry Ghost Walk

Charleston, South Carolina

Tel: 1 (800) 729-3420

Website: www.charlestonwalks.com/ghost.html**Maines Paranormal Research Association**

Tel: 1 (207) 786-0779

E-mail: mprea07@midmaine.comWebsite: www.angelfire.com/me.3/MGHA/MGHA.html**Maryland Ghost and Spirit Association**Website: www.marylandghosts.com/index.shtml**Mass. Hysteria Haunted Hearse Tours**

Caixa Postal 8034

Salem, Massachusetts 01971

Tel: 1 (877) 4-HEARSE

Website: www.masshysteriatours.com**Lori McDonald (Fotógrafa de energias anômalas)**

Caixa Postal 20022

Mesa, Arizona 85277

Tel: 1 (480) 699-6597

E-mail: argonaut-greywolf@cox.netWebsite: www.alienufoart.com**New England Ghost Tours**

Caixa Postal 812128

Wellesley, Massachusetts 02482

Tel ou fax: 1 (781) 235-7149

E-mail: nehaunts@aol.comWebsite: members.aol.com/nehaunts**New Orleans Ghost Tours**

612 Dumaine Street

Nova Orleans, Louisiana 70116

Tel: 1 (504) 524-0708

E-mail: info@neworleansghosttours.comWebsite: www.neworleansghosttour.com/tours.html**New York Ghost Chapter**

Dr. Francês Bennet, Fundador

E-mail: NewYorkGC@aol.comWebsite: www.NewYorkGhostChapter.com**North East Ohio Ghost Research Team (NEOGRT)**

Caixa Postal 609

Ashtabula, Ohio 44005

Tel: 1 (440) 228-8939

E-mail: jvarner@ohio-ghost-researchers.com/contact.htmWebsite: www.ohio-ghost-researchers.com/contact.htm**Office of Paranormal Investigations**

Caixa Postal 875

Orinda, California 94563

Tel: 1 (415) 553-2588

E-mail: esper@california.comWebsite: www.mindreader.com**Orlando Ghost Tours**

Tel: 1 (407) 423-5600 (das 9h às 22h, horário da Costa Leste dos Estados Unidos)

E-mail: info@hauntedorlando.comWebsite: www.hauntedorlando.com**Paranormal Australia: Ghost Tours**Website: www.paranormalaustralia.com/tours.html**Paranormal Investigation Team (PIT)**

Caixa Postal 97

Pembine, Wisconsin 54156

Tel: 1 (715) 324-5766

Website: www.wisconsinghosthunters.homestead.com/intro.html**Paranormal Investigations**

Contato: Dave ou Leslie Chistensen

Tel: 1 (402) 654-2138 (de segunda a sexta, das 18h às 22h)

E-mail: Ghosthunter@midlands.netWebsite: <http://www.paranormal-investigation.com>**Paranormal Investigations of South Florida**

Contato: Steve Vanik

Caixa Postal 814342

Hollywood, Florida 33081

E-mail: flparanormal@aol.comWebsite: www.lfreespace.com/ghosthunters/index.htm**Para-Vision Investigations**

Contato: Jeremy Johnson

Caixa Postal 1594

Granite City, Illinois 62040

E-mail: help@paranormalworld.comWebsite: www.paranormalworld.com**Phantom Finders (Investigação & Pesquisa Paranormal)**

Caixa Postal 1054

Kenosha, Wisconsin 53141

Website: www.phantomfinders.com**Phantom of Fredericksburg Ghost Tours (Virgínia)**

Tel: 1 (504) 889-1776 ou 1 (888) 214-6384

Philadelphia Ghost Hunters Alliance

E-mail: Rayd8em@aol.com

Website: members.aol.com/Rayd8em/index.html**San Gabriel Valley Paranormal Researchers**

511 South First Ave. nº175

Arcádia, Califórnia 91006

Scottish Ghosts and PhantomsWebsite: member.tripod.co.uk/scottishghosts**Seven Paranormal Research**

Contato: Kady Harrington, diretor

Caixa Postal 1026

Carthage, North Carolina 28327

E-mail: seven@hauntednc.com

Website: www.hauntednc.com**Shadow Seekers**

(Organização de caça a fantasmas do sudeste da Pensilvânia)

E-mail: seekers@shadowseekers.com

Website: www.shadowseekers.com**The Shadowlands: Ghosts and Hauntings**Website: theshadowlands.net/ghost/**Society for Psychical Research**

47 Marloes Road

London, England W8 6LA

Tel/fax: 44 (0) 20-7937-8984

Website: moebius.psy.ed.ac.uk/spr.html**South Jersey Ghost Research (Nova Jérsei)**

Contato: Anne Palagruto ou Dave Juliano

Tel: 1 (877) 478-3168

E-mail: help@sjgr.org

Spellbound Tours

("Excursões Spellbound")

Contato: Mollie Stewart

PMB nº286

203 Washington Street

Salem, Massachusetts 01970

Tel: 1 (978) 745-0138

E-mail: spellboundtours@mindspring.comWebsite: www.spellboundtours.com**The Spirit Realm**

c/o Craig S. Martin

5487 Deschutes Road

Anderson, California 96007

E-mail: thespiritrealm@aol.comWebsite: www.thespiritrealm.com**Spiritual Frontiers Fellowship**

10819 Winner Road

Independence, Missouri 96007

1 (816) 264-8585

Spiritsearchers (Investigadores paranormais localizados em Nova Jérsei)E-mail: spiritsearchers@aol.comWebsite: www.spiritsearchers.com**Spooks: Haunted Texas (Sociedade de Pesquisa Paranormal do Norte do Texas)**

Contato: LaDell Pelzem

E-mail: spooks_tx@hotmail.com ou spooksprez@yahoo.comWebsite: www.hauntedtexas.com**St. Augustine Ghost Tours (Flórida)**

Tel: 1 (800) 527-1127

The Toronto Ghost and Hauntings Research SocietyWebsite: www.torontoghosts.org/**The Transylvanian Society of Dracula**

47 Primaverii Boulevard

Bucareste 1, Romênia

Tel: 401-6666195 Fax: 401-3123056

Virginia Ghosts and Hauntings Research Society

c/o Bobbie Lescar

4205 Tremont St.

Lynchburg, Virginia 24502

Website: www.viriniaghasts.com**Wisconsin Paranormal Research Center**

("Centro de Pesquisa Paranormal de Wisconsin")

Contato: Christopher D. Claus

Caixa Postal 238

Nashotah, Wisconsin 53058

E-mail: wisprc@execpc.comWebsite: www.execpc.com/~wisprc/

Witchery Tours

537 Castlehill (Jollie's Close)
 The Royal Mile, Edinburgo, EH1 2ND
 Tel: 44 (0)131 225 6745 Fax: 44 (0)131 220 2086
 E-mail: info@witcherytours.com
 Website: www.witcherytours.com

Yuma Spirit Hunters

12734 EL Camino Del Diablo
 Yuma, Arizona 85367
 Website: www.yumaspiritshunters.com

Websites Adicionais

The Mystical, Magickal World of Gerina Dunwich

www.gerinadunwich.com

Gerina Dunwich's Cauldron

clubs.yahoo.com/clubs/gerinadunwichscauldron

Gerina's Grimoire

iamawitch.com/freepages/grimoire

The Pagan Poets Society

clubs.yahoo.com/clubs/paganpoetsociety

A Madras Editora não participa, endossa ou tem qualquer autoridade ou responsabilidade no que diz respeito a transações particulares de negócio entre o autor e o público.

Quaisquer referências de internet contidas neste trabalho são atuais, no momento de sua publicação, mas o editor não pode garantir que a localização específica será mantida.

Glossário

Amorfo — Sem forma definida. Espíritos freqüentemente surgem como formas enevoadas.

Antinatural — Que diverge ou excede a ordem natural, mas não fora dela, como ocorre no sobrenatural.

Aparição — Um espírito ou fantasma materializado. A figura do fantasma de uma pessoa, viva ou morta, que surge em sonhos ou no estado desperto como resultado de projeção astral ou clarividência.

Aporte — Um objeto sólido, animado ou inanimado, que se manifesta durante uma sessão espírita ou assombração por meios não físicos. Aportes são ocasionalmente feitos de dentes, pêlos, fezes ou vômito, tanto animais quanto humanos.

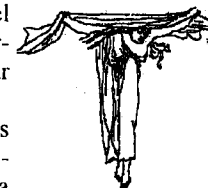
Asporte — Objeto sólido que desaparece durante uma sessão ou aparição e reaparece em outro lugar.

Assombrado — Como substantivo, esse termo é usado para indicar pessoas, lugares ou objetos inanimados a que estão ligados espíritos humanos e inumanos. Como adjetivo, refere-se a pessoas, lugares ou objetos freqüentemente visitados por fantasmas. A palavra inglesa para assombrado, *haunted*, vem do francês *hanter*, que quer dizer "freqüentar".

Assombração — Aparição inexplicável da imagem de uma pessoa, animal ou objeto inanimado regular ou freqüente em um local específico. Um estado de existência em que um espírito, humano ou inumano, liga-se a uma pessoa, lugar ou objeto inanimado.

Ataque Psíquico — Ataque mental ou físico sobre uma pessoa por um espírito, que pode estar visível ou não no momento do ataque. Há evidências que certas pessoas entre os vivos possuem o poder de atacar psiquicamente.

Aura — Emissão de energia que envolve todas as coisas vivas. Muitas pessoas que possuem habilidades psíquicas são capazes de ver e interpretar essa



energia. Pode ser vista como luzes coloridas por meio da fotografia Kirlian. Muitos leitores de aura acreditam que a saúde física de uma pessoa se reflete em sua aura.

Banir — Liberar ou expulsar um espírito conjurado.

Banshee — No folclore irlandês, é um espírito feminino que assume a forma de uma mulher velha e pressagia mortes na família com um lamento triste que soa como o gemido melancólico do vento. Como arauto da morte, a banshee é normalmente ouvida à noite sob a janela da pessoa fadada a morrer.

Barghest — No folclore inglês, é um espírito estridente que assume a forma de um cão ou urso spectral e cuja presença é um presságio de morte na família.

Batidas — Modo pelo qual os espíritos ocasionalmente se comunicam com os vivos. Variam desde sons de batidas leves até fortes pancadarias. As batidas normalmente emanam de uma parede, mas não raro parecem vir de toda parte.

Bilocação — O fenômeno incomum em que um pessoa ou objeto aparece simultaneamente em dois locais distantes. Vários monges e santos cristãos foram famosos por isso. Acredita-se que bilocações involuntárias e espontâneas ocorrem às vezes um pouco antes ou no momento da morte da pessoa cujo duplo está sendo visto.

Campo Eletromagnético — Campo propagado pela combinação de energia elétrica e magnética que irradia de ondas leves e de rádio até raios gama e raios cósmicos. A maioria dos parapsicólogos acredita que os espíritos dos mortos, ao se manifestarem, criam um campo eletromagnético.

Canalizador — Pessoa com habilidades mediúnicas que participa de canalização de espíritos. Em outras palavras, permite que uma pessoa use suas cordas vocais como uma ferramenta pela qual pode se comunicar com os vivos. Um dos mais famosos canalizadores atualmente é J. Z. Knight, que alega canalizar o espírito de Ramtha, um guerreiro de 35 mil anos de Atlântida.

Canalização — Termo usado pela primeira vez nos anos 70 e que se popularizou com o movimento Nova Era (“New Age”) dos anos 80. Refere-se ao uso, por parte de um espírito, das cordas vocais de um médium, enquanto parece possuir seu corpo. Canalizar é deixar um espírito falar por meio de você.

Clariaudiência — Habilidade psíquica de ouvir vozes de espíritos ou sons atribuídos aos mortos; uma variedade auditiva de percepção extra-sensorial.

Clariciência — Habilidade psíquica de sentir coisas que a maioria das pessoas normalmente não sente.

Clarividência — Habilidade extra-sensorial de perceber pessoas, objetos ou eventos que estão além do alcance dos sentidos humanos normais.

Clarividente — Pessoa dotada com a habilidade extra-sensorial de perceber pessoas, objetos ou eventos que estão além do alcance dos sentidos humanos normais. Alguns parapsicólogos acreditam que crianças são naturalmente clarividentes até os doze anos de idade.

Conjuração — O ato de evocar espíritos pelas fórmulas ou palavras de poder.

Conjurador — Pessoa, homem ou mulher, que conjura espíritos; um mago.

Conjurar — Qualquer tentativa de chamar espíritos para ajudar os vivos, normalmente com propósitos de lucro pessoal, adivinhação ou para ferir um inimigo.

Desmaterialização — Termo usado por espiritualistas e parapsicólogos para o desaparecimento repentino de um objeto. Um asporte.

Demônio — Espírito inferior e inumano que interfere nos assuntos do mundo mortal. Dizem que existe uma grande variedade de demônios. Alguns são bons, alguns são maus e outros são uma combinação dos dois (a palavra “demônio” significa “repleto de sabedoria” e vem do grego *daimon*, que quer dizer “poder divino” ou “um deus”).



Demoníaco — Que se refere a demônios.

Demonismo/Demonolatria — Adoração de demônios ou espíritos malignos.

Demonólogo — Pessoa que estuda demônios e seus atos.

Demonologia — O estudo de demônios e dos rituais e lendas folclóricas a eles associados.

Demonomania — A arte e a prática de adivinhação pela evocação de demônios.

Desencarnado — Espírito que existe sem um corpo físico.

Detector de CEM (Campo EletroMagnético) — Aparelho que mede a energia eletromagnética e é frequentemente usado por pesquisadores de campo de fantasmas e assombrações. Também conhecido com Medidor Gauss ou magnetômetro.

Discernimento — Perceber ou sentir usando a mente ou os sentidos.

Doppelganger — O duplo humano, corpo astral ou fantasma que lembra uma pessoa ainda viva. A palavra é de origem alemã e quer dizer “caminhante duplo”. Conhecido na Suécia como “vardoger”.

Duplo — Outro nome para o corpo astral ou doppelganger de uma pessoa.

Escrita Direta — Mensagens escritas por espíritos sem o uso de médiuns ou outras pessoas vivas como agentes.

Ectoplasma — Substância misteriosa que emana do corpo ou boca dos médiuns espiritualistas em transe durante uma sessão. Frequentemente parece uma névoa branca.

Eidolismo — Crença em almas, fantasmas ou espíritos desencarnados.

Eidolon — Fantasma, espírito, duplo humano ou corpo astral.

Elementais — Espíritos da Natureza que protegem os quatro elementos. Gnomos são os espíritos elementais da Terra, sílfides são os espíritos elementais do Ar, salamandras são os espíritos elementais do Fogo e ondinas ou ninfas d'água são os espíritos elementais da Água.

Endemoniado — Pessoa que está, ou acredita-se estar possuída por um demônio ou espírito maligno.

Entidade — Uma aparição, fantasma ou espírito incorpóreo.

Enviado — No folclore islandês, é um fantasma maligno criado por um feiticeiro a partir de um osso humano. Usado por feiticeiros para assassinar seus inimigos, dizem que parece com uma sombra enevoada negra com um ponto branco no centro. A única maneira de destruir um enviado é apunhalando seu ponto branco com uma lâmina de aço, transformando-o de volta em um osso inofensivo.

Espectro — Algo que existe somente em aparência, o mesmo que um fantasma (*phantom*).

Espírito — Ser que existe sem um corpo físico (desencarnado) e não está limitado pelas restrições ou características do mundo físico. Também conhecido como fantasma ou aparição.

Espírito Benigno — Um espírito que não é maligno ou prejudicial ao homem. Elementais e guias espirituais estão incluídos nessa categoria, assim como o espírito de entes queridos que retornam da sepultura para trazer mensagens ou avisos.

Espírito Humano — Espírito de uma pessoa que já viveu no plano físico de existência. Espíritos humanos podem permanecer ligados à Terra por diversas razões. Compare com Espíritos Inumanos.

Espírito Inumano — Espírito de uma criatura que nunca viveu no plano físico de existência. Espíritos inumanos de natureza benévola são freqüentemente classificados como anjos, enquanto os malévolos são classificados como demônios e diabos. Também conhecidos como espíritos não-humanos. Compare com Espíritos Humanos.

Espíritos Malignos — Espíritos cujo único propósito de sua existência é ferir e destruir os vivos. É crença generalizada que, se uma pessoa é má durante a vida, seu espírito continuará assim após a morte.

Evocação — O chamamento de um espírito, demônio ou outra entidade não-física para que ela apareça, normalmente dentro de um espaço designado, como um triângulo ou círculo mágico, através do uso de feitiços ou palavras de poder. Tanto demônios como anjos são evocados em magia cerimonial.

EVP — Abreviação para "Eletronic Voice Phenomena" (Fenômeno de Voz Eletrônica ou FVE). Acredita-se que vozes gravadas em fitas de áudiomagnéticas, quando não há ninguém presente, sejam vozes de espíritos tentando comunicar-se com os vivos.

Exorcismo — Ritual criado para expulsar um espírito maligno ou demônio de um lugar ou pessoa possuída, normalmente por um ritual formal de exorcismo. Na maioria dos casos, os exorcistas são sacerdotes ordenados de sua religião particular.

Experiência Extra-Corpórea — Também conhecida como OBE (Out of Body Experience), projeção astral ou visão remota, é um estado em que o espírito da pessoa deixa seu corpo físico e viaja para o plano astral ou, em alguns casos, outros locais do plano físico.

Fantasma (Ghost) — Espírito ou aparição de uma pessoa morta que surge para os vivos ou retorna para assombrar os locais onde vivia; o espírito incorpóreo de uma pessoa que já morreu. Animais e objetos inanimados como navios e edifícios também podem ser fantasmas. Outros termos para fantasma incluem espectro, sombra ou aparição.

Fantasma (Phantom) — Aparição ou espectro. Existe somente como uma forma de energia.

Fantomania — Termo usado para descrever um tipo de paralisia que ocorre quando uma pessoa está sob ataque de forças sobrenaturais. Essa condição também é conhecida como paralisia psíquica.

Ferimentos Psíquicos — Ferimentos, como arranhões ou mordidas, infligidos por espíritos raiosos ou mal-intencionados. Sabe-se de hematomas e queimaduras causados por encontros com forças negativas.

Fotografia Kirlian — Técnica para fotografar auras ou biocampos. Nomeada em homenagem ao inventor russo e eletricitista do século XX, Semyon Kirlian, que criou esse processo. A fotografia Kirlian ainda causa controvérsia.

Fotografia Psíquica — Fotografia que captura a imagem de fenômenos paranormais como névoas psíquicas, orbes espirituais ou fantasmas. Muitas fotos psíquicas mostram somente uma forma enevoada, enquanto em outras podem ser percebidas o rosto ou outras características do fantasma ou espírito.

Fotógrafo Psíquico — Pessoa que tira fotos psíquicas.

Frio Psíquico — Situação em que se sente um frio antinatural. Há dois tipos de frio psíquico conhecidos: o primeiro é causado por um espírito que se materializa sugando energia do ambiente, o que resulta em queda da temperatura no local. O segundo tipo é causado por espíritos que se materializam sugando energia de pessoas próximas. Essas pessoas sentirão frio, mesmo que os termômetros nada indiquem. Em alguns casos, situações de grande estresse podem resultar em um tipo similar de frio sem queda da temperatura ambiente.

Glóbulo — Também conhecido como orbe, um glóbulo é uma pequena esfera de energia eletromagnética. Quando fotografados, espíritos freqüentemente aparecem como glóbulos.

Grimório — Um livro de feitiços, rituais, fórmulas e encantamentos feitos para evocar espíritos, demônios e anjos. A Chave de Salomão, escrito

na época medieval e que ainda é publicado hoje em dia, é talvez o mais famoso grimório usado por feiticeiros e magos cerimoniais. Grimório vem da palavra francesa *Grimoire*, que quer dizer “livro de conjuração”.

Impressão Psíquica — Campo de energia que toma a forma de uma pessoa. Isso normalmente ocorre em virtude de um resíduo de forte energia emocional, que é impresso no ambiente como resultado de algum evento trágico. Embora possa ser confundido com um fantasma é, na verdade, uma imagem projetada, não um espírito. Também conhecida como projeção ou gravação psíquica.

Incorpóreo — Espírito que age sem um corpo físico.

Íncubo — Um demônio de natureza especificamente masculina que dizem causar pesadelos além de manter relações sexuais com mulheres mortais durante seu sono.

Infestação — Condição que ocorre quando um espírito maligno habita um lugar. Quando um espírito infesta uma pessoa ou animal é chamado de possessão.

Levitação — O ato de erguer e fazer flutuar um objeto ou pessoa por meio de forças sobrenaturais, magia ou poderes psicocinéticos.

Libertação — Ritual cristão feito para livrar uma pessoa de influências ou forças negativas. Outro termo para exorcismo.

Luzes-Fantasmas — Luzes estranhas e inexplicáveis que são ocasionalmente observadas em casas assombradas ou, em alguns casos, cemitérios, bosques e pântanos. Luzes-fantasmas são frequentemente fotografadas.

Malévolo — Tipo de espírito predisposto ao mal. Espírito malicioso e rancoroso. Essas entidades frequentemente destroem coisas com valor financeiro ou sentimental pelo simples prazer de ferir as pessoas.

Manifestação — A aparição ou tomada de forma por parte de uma entidade. Esse termo também é usado para indicar o início de atividade de fantasmas ou *poltergeist*.

Manifestação Externa — Termo usado para descrever qualquer evento de atividade paranormal, como sons de vozes incorpóreas, movimento de objetos, odores desagradáveis, manipulação da temperatura, etc.

Materialização — A formação visível e/ou física de um fantasma ou espírito.

Medidor Gauss — Aparelho normalmente usado por caçadores de fantasmas e parapsicólogos que mede campos eletromagnéticos. Também conhecido como detector de CEM ou magnetômetro.

Médium — Pessoa dotada da habilidade de receber mensagens, impressões e outras comunicações do mundo dos espíritos. Médiuns mentais se comunicam com os espíritos sem precisar entrar em transe. Isso é frequentemente realizado por meio de psicografia, comunicação de voz direta, clariaudiência, clarividência ou usando-se um tabuleiro Ouija. Um médium físico, todavia, geralmente opera em um estado de transe, muitos dos quais produzem materializações, aportes, sons de batidas e outros fenômenos paranormais.

Médium de Transe Leve — Um médium pelo qual os espíritos são capazes de se comunicar. Diferente do médium de transe profundo, o espírito que tenta estabelecer contato por meio do médium de transe leve não o possui para fazê-lo.

Médium de Transe Profundo — Pessoa com habilidades psíquicas que permite que um espírito entre em seu corpo para que possa comunicar-se com os vivos. Compare com Médium de Transe Leve.

Mediunidade — Comunicação com entidades não físicas, frequentemente acompanhada de fenômenos físicos paranormais. A prática da mediunidade, que é tanto antiga como universal, é dividida em duas categorias: a física e a mental.

Metafísica — O estudo da pesquisa psíquica. O termo vem do latim, *meta*, que quer dizer “além”. Metafísica significa, literalmente, o que está além das leis da física.

Necromante — Pessoa, tanto homem como mulher, que pratica as artes necromânticas. Alguém que reanima os mortos ou se comunica com espíritos, normalmente como meio de prever o futuro.

Necromancia — A arte e a prática de adivinhação do futuro pela reanimação de cadáveres ou pela conjuração de espíritos dos mortos. Rituais necromânticos ocasionalmente exigem o uso de restos cremados, ossos ou outras partes de um cadáver.

Obsessão — O segundo estágio de uma assombração em que uma entidade invasora começa a dominar a mente e exercer controle sobre sua vítima vivente.

Oculto — Derivado do latim *occulere*, que quer dizer “esconder”, esse termo refere-se ao conjunto do conhecimento que está escondido ou é secreto na área do sobrenatural ou do paranormal.

Opressão — O primeiro estágio de uma assombração em que a entidade invasora tenta obter acesso ao local ou pessoa a ser vitimada.

Orbe — Esfera de energia eletromagnética produzida por espíritos. Também chamada de glóbulo.

Paralisia Psíquica — Termo usado para descrever um tipo de paralisia que ocorre quando uma pessoa está sob ataque de forças sobrenaturais. Também conhecida como fantomania.

Paranormal — Termo usado para descrever ocorrências que ocorrem além da ordem natural das coisas. Isso engloba fantasmas, percepção extra-sensorial, objetos voadores não-identificados e outras coisas difíceis de explicar pela natureza, mas que estão no domínio do natural.

Parapsicologia — Ramo das ciências naturais que investiga coisas como Percepção Extra-Sensorial (PES), psicocinese e outros fenômenos não explicáveis pelas leis conhecidas da natureza. O termo vem do latim *para*, que quer dizer “além”, ou seja, parapsicologia quer dizer literalmente “além” da psicologia.

Parapsicólogo — Pessoa treinada em parapsicologia.

PCER — Abreviação para Psicocinese Espontânea Recorrente, é a movimentação repetida de objetos com o poder da mente; é uma crença fundamental dos praticantes da parapsicologia.

PES — Abreviação para Percepção Extra-Sensorial. Termo da parapsicologia usado para descrever a percepção de eventos que não se apresentam para os sentidos físicos ou naturais. Também conhecido como telepatia mental.

Pesquisa Psíquica — O estudo de fenômenos paranormais em geral, incluindo, entre outras coisas, Percepção Extra-Sensorial, fantasmas e espíritos, e casas assombradas.

Planchette — Também conhecido como prancheta, ponteiro ou indicador, é um instrumento em forma de coração que, ao ser usado em conjunto com um tabuleiro Ouija, soletra mensagens que se acredita que venham do mundo dos espíritos. Recebeu o nome de seu inventor, o espiritualista francês M. Planchette.

Plano Astral — O plano de existência e percepção que é paralelo à dimensão física e é para onde o corpo astral vai durante uma projeção astral ou após a morte.

Possessão — O estado de estar possuído por um espírito ou demônio. Existem diferentes tipos de possessão. Na possessão espiritual, um médium espiritualista ou canalizador permite que um espírito entre em seu corpo para comunicar-se. Mas, nos casos das supostas possessões demoníacas, uma entidade toma o controle de seu hospedeiro (pessoa) e se recusa a deixá-lo por vontade própria. Durante uma possessão parcial, o espírito humano permanece em seu corpo físico, enquanto nos casos mais raros (e mais perigosos) de possessão completa ou “perfeita”, o espírito é deslocado. Em tais casos, um ritual de exorcismo para expulsar a entidade torna-se necessário.

Poltergeist — Do alemão *polter*, “barulho”, “ruído”, “baderna”, e *geist*, “espírito”, é o nome dado a fenômenos em que ocorrem distúrbios repentinos, como batidas altas e outros sons, objetos sendo jogados, mobília se movendo, chuvas de pedras e outros objetos pequenos, luzes estranhas, odores peculiares e ataques físicos a pessoas e animais. Em alguns casos, a atividade de *poltergeist* pode ser atribuída a espíritos travessos ou malévolos que possuem a capacidade de mover objetos solidificando o ar do ambiente, o que resulta em movimento e teleportação de objetos. Em outros casos, os poderes psicocinéticos subconscientes de uma pessoa na puberdade ou sob grande estresse podem causar esse fenômeno fantasmagórico.

Precognição — Percepção paranormal ou extra-sensorial de acontecimentos futuros, frequentemente por meio de sonhos ou visões; percepção psíquica de coisas ainda a acontecer.

Premonição — Sensação ou alerta sobre acontecimentos antes que ocorram. Podem ser vagas ou bastante precisas.

Projeção Astral — Também conhecida como viagem astral ou experiência extracorpórea, é quando o espírito viaja fora do corpo, seja para o

plano astral, ou para outro local no plano físico ou terreno; a separação da consciência do corpo físico, resultando em um estado alterado de consciência. Projeções astrais podem ser realizadas por diversos métodos de indução de transe ou técnicas de imaginação.

Projeção Psíquica — Ver Impressão Psíquica.

Provocação Religiosa — Tentativa de provocar ou comandar um espírito maligno a revelar-se pela invocação do nome de Deus ou de Jesus Cristo. Dizem que isso é extremamente perigoso para quem não tem o treinamento adequado, experiência e, principalmente, fé.

Provocação — Esforço para provocar ou comandar um espírito a revelar-se. Ver Possessão Religiosa.

Psíquico — Pessoa que possui a capacidade de ver, ouvir ou sentir por outros meios além dos sentidos naturais. Uma pessoa sensível a forças psíquicas. Alguém dotado de poderes paranormais. Também é uma classificação para acontecimentos anormais.

Psiquismo — Outro termo para Percepção Extra-Sensorial (PES).

Psicocinese — Movimentação de objetos inanimados pela força da mente humana, seja consciente ou subconsciente, como em manifestações de *poltergeist*. Abreviada como PC, também é conhecida como PCER (Psicocinese Espontânea Recorrente).

Psicografia — Método de comunicação com os espíritos em que um médium entra em um estado de transe e deixa um espírito controlar suas mãos para escrever mensagens. Muitos parapsicólogos acreditam que esse tipo de fenômeno se deve ao automatismo (suspensão da mente consciente com o objetivo de liberar imagens do subconsciente).

Psicometria — Capacidade de receber impressões psíquicas de uma pessoa, lugar ou acontecimento passado segurando ou tocando certos objetos. Esse processo é frequentemente usado por psíquicos que ajudam a polícia a encontrar pessoas desaparecidas.

Psicoplasma — Outro termo para ectoplasma.

Reencarnação — Renascimento da alma em um novo corpo físico. A reencarnação é uma antiga crença mística de diversas religiões, incluindo a Wicca. É normalmente associada com o conceito de evolução espiritual.

Sensitivo — Pessoa que possui um alto grau de proficiência em Percepção Extra-Sensorial.

Sessão Espírita — Reunião de pessoas para contatar e receber mensagens de seres desencarnados ou dos espíritos dos mortos. Sessões são tradicionalmente realizadas no escuro ou à luz de velas em uma mesa na qual os participantes sentam-se com as mãos dadas, formando um círculo. Em todas as sessões deve estar presente pelo menos um médium para servir de canal para as comunicações dos espíritos.

Sobrenatural — Como substantivo (geralmente precedido do artigo “o”), esse termo refere-se a eventos que não têm explicação natural. Geralmente, refere-se a atos divinos, mas pode incluir também atos extraordinários

realizados por forças negativas. Como adjetivo, quer dizer além dos poderes ou leis da Natureza.

Solidificação do Ar — Processo pelo qual os espíritos movem objetos físicos.

Sombra — Outro nome para fantasma ou aparição.

Sono Psíquico — Termo usado para descrever um sono profundo, como um transe, do qual a pessoa não pode ser acordada. Acredita-se que o estado de sono psíquico seja causado por um espírito inumano e normalmente ocorre a indivíduos sob ataque psíquico.

Súcubo — Demônio de natureza feminina que se acredita causar pesadelos e realizar atos sexuais com homens mortais em seu sono.

Sufumigação — A queima ritualística de ervas ou incensos especiais com o objetivo de atrair espíritos, permitindo que se materializem. Sufumigações também podem ser usadas para remover espíritos de um local.

Super-PES — Hipótese que tenta refutar a existência de vida após a morte explicando como avistamentos de fantasmas e comunicação dos mortos é simplesmente o resultado de poderes telepáticos e clarividentes dos vivos. O termo “Super-PES” foi criado em meados do século XX por um pesquisador psíquico chamado Hornell Hart. Essa teoria perdeu o apoio a partir dos anos 70.

Tabuleiro Ouija — Um jogo de tabuleiro especial fabricado pela empresa Parker Brothers com as letras do alfabeto, números e as palavras “sim” e “não”. É usado com um ponteiro indicador chamado de “planchete” ou “prancheta”, como um instrumento para adivinhação e para comunicação com os mortos. Algumas pessoas acreditam que a “comunicação” é causada pelo inconsciente coletivo dos participantes (automatismo).

Telecinese — Não deve ser confundida com psicocinese. Telecinese é a projeção de movimentos percebidos na mente de uma pessoa. Um exemplo seria um objeto que parece estar movendo-se, quando na verdade não está. É apenas projetado na mente, levando a pessoa a acreditar que ele está movendo-se.

Telepatia — Transferência de pensamentos da mente de uma pessoa para a de outra. Também conhecida como telepatia mental, comunicação de mente a mente e leitura de pensamento.

Teleportação — Capacidade de transportar objetos físicos ou seres humanos de um lugar a outro por meios sobrenaturais.

Vardoger — Ver Doppelganger.

Voz Direta — Fenômeno no qual um espírito fala por meio de um médium em transe durante uma sessão espírita.

Voz Incorporéa — Voz que não provém de nenhum corpo físico. Também conhecida como EVP (“Electronic Voice Phenomena” — Fenômeno de Voz Eletrônica [FVE]).

Bibliografia

- BASKIN, Wade. *Satanism: A Guide to the Awesome Power of Satan*. Seacausus, New Jersey: Citadel Press, 1972.
- BRASCH, R. *Strange Customs: How Did They Begin?* New York, David McKay Company, Inc., 1976.
- COLEMAN, Martin. *Communing with the Spirits*. York Beach, Maine: Samuel Weiser, Inc., 1998.
- CUNNINGHAM, Scott. *Cunningham's Encyclopedia of Magical Herbs*, Saint Paul, Minnesota, Llewellyn Publications, 1996.
- DRELLER, Larry. *Beginner's Guide to Mediumship*. York Beach, Maine: Weiser Books, 2002.
- DUNWICH, Gerina. *The Concise Lexicon fo the Occult*. Seacausus, New Jersey: Citadel Press, 1990. New York: Penguin/Compass, 2000.
- _____. *The Pagan Book of Halloween*. New York: Penguin/Compass, 2000.
- EVANS, Hilary ; Huyghe Patrick. *The Field Guide to Ghosts and Other Apparitions*. New York: Quill (marca da HarperCollins), 2000.
- _____. *Facts and Fallacies*, Pleasantville, New York: The Reader's Digest Association, Inc., 1988.
- GONZALES-WIPPLER, Migene. *The Complete Book of Amulets and Talismans*. St. Paul, Minnesota: Llewellyn Publications, 1991.
- GUILEY, Rosemary Ellen. *Harper's Encyclopedia Mystical and Paranormal Experience*. New York: HarperCollins, 1991.
- _____. *The Encyclopedia of Witches and Witchcraft*. New York: Facts on Life, 1989.
- HILL, Douglas; Willams Pat;. *The Supernatural*. New York: Hawthorn Books, 1965.

- HOLZER, Hans. *Real Hauntings: America's True Ghost Stories*. New York: Barnes and Noble Books, Inc., 1995.
- INGLIS, Brian. *Natural and Supernatural*. Dorset, Reino Unido: Prism Press, 1992.
- LEEK, Sybil. *Driving Out the Devils*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1975.
- LELAND, Charles Godfrey. *Gypsy Sorecery and Fortune Telling*. New Hyde Park, New York: University Books, 1964 (2ª ed.).
- LINN, Denise. *Sacred Space: Clearing and Enhancing the Energy of Your Home*. New York: Ballantine Books, 1995.
- MAY, Antoinette. *Haunted Houses of California*. San Carlos, California: Wide World Publishing/Tetra, 1993.
- MYERS, Arthur. *The Ghostly Register*. Chicago: Contemporary Books, Inc., 1986.
- NETZLEY, Patricia D. *Haunted Houses*. San Diego: Lucent Books, Inc., 2000.
- OPIE, Iona; Tatem Moira, *A Dictionary of Superstitions*. New York: Oxford University Press, 1989.
- PICKERING, David. *Dictionary of Superstititons*. Londres: Cassel, 1995.
- SMITH, Susy. *A Supernatural Primer for the Millions*. New York: Bell Publishing Company, 1996.
- SOLOMON, Maria. *Helping Youself With Magickal Oils A-Z*. Plainview, New York: Original Publications, 1997.
- SPRAGUE, E.W. *Spirit Obsession: A False Doctrine and a Menace to Modern Spiritualism*. Kila, Montana: Kessinger Publishing Company, 1998.
- STEWART, Louis. *Life Forces: A Contemporary Guide to the Cult and Occult*. New York, Andrews and McMeel, Inc., 1980.
- SULLIVAN, Jack (editor). *The Penguin Encyclopedia of Horror and the Supernatural*. New York: Viking Penguin, 1986.
- WILLIAMS, Dr. Willam F. (editor geral). *Encyclopedia of Pseudoscience*. New York: Facts on Life, 2000.
- WILSON, Colin. *Poltergeist: A Study in Destructive Haunting*. St. Paul, Minnesota: Llewellyn Publications, 1993.
- WOOG, Adam. *Poltergeists*. San Diego: Greenhaven Press, Inc., 1995.

Leitura Recomendada

- BARING-GOULD, Sabine. *Lobisomem*. Madras Editora.
- CANTRELL, Gary. *Wicca — Crenças e Práticas*. Madras Editora.
- DREW, A. J. *Wicca para Homens*. Madras Editora.
- LAVEY, Anton Szandor. *A Bruxa Satânica*. Madras Editora.
- SABRINA, Lady. *O Grande Livro de Magia da Bruxa Grimoire*. Madras Editora.
- TORRIGO, Marcos. *Vampiros*. Madras Editora.
- PRAMAD, Veet. *Curso de Tarô — E seu Uso Terapêutico*. Madras Editora.
- SELEEM, Ramses. *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*. Madras Editora.
- DI Profio, Antonio. *Magia dos Símbolos*. Madras Editora.
- REGARDIE, Israel. *Magia Hermética — Árvore da Vida, um Estudo sobre a Magia*.
- MONDINI, F. *Magia Teúrgica — Arte de Manifestar o Espiritual*. Madras Editora.
- SARACENI, Rubens. *Magia Divina dos Gênios, A — A Força dos Elementais da Natureza*. Madras Editora.
- BRENNAN, J. H.. *Magia Secreta do Tibete*, A. Madras Editora.
- ELLIS, Normandi. *Deusas e Deuses Egípcios — Festivais de Luzes*. Madras Editora.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho — *Esoterismo na Ritualística Maçônica, O*. Madras Editora.

Índice Remissivo

A

- Abramelin, o Mago, incenso do – 110
- Ah Puch – 139
- Água benta – 32, 106, 109, 121, 128, 129
- Aker – 139
- Âmbar – 107, 110, 111
- Ament – 139
- Amida – 139
- Andjety – 139
- Anúbis – 139, 141
- Aparições – 18, 19, 22, 23, 37, 38, 65, 66, 85, 107, 120
 - de crise – 37
 - dois tipos de – 93, 163
- Átropos – 139
- Azrael – 90, 140

B

- Balor – 140
- Banquete dos fantasmas famintos, o – 34, 35
- Barão 140
 - Cimitiere – 140
 - Samedi – 140
- Bolsa da sorte para proteção durante o sono – 106

C

- Carrilhão, horas do – 119
- Casa em San Bernardino – 70, 72
- Casa em Tujunga – 71
- Chama azul – 119
- Chamer – 140
- Charun – 140
- Chertu – 140
- Criança primogênita – 24, 51, 52, 65, 68, 120, 127, 135
- Chontamenti – 140, 142
- Chu Jiang – 140
- Cizin – 140
- Coisas que fazem barulho à noite – 17, 65, 68
- Como conduzir adequadamente uma caçada a – 38
- Comunicação com os espíritos por meio do – 11, 80, 81, 85, 89, 143, 167, 168
- Conde Drácula – 129
- Corpo de um morto, tocar – 118
- Criaturas da noite – 120, 132
- Cruz, a – 39, 78, 91, 100, 107, 108, 125, 127, 128
- Cruzes a alho – 128
- Cum Hau – 140
- Cura espiritual – 42, 43, 81, 93, 119, 129, 134

D

- Dama de branco, A – 68
- Dança dos fantasmas, a – 35, 36
- Demoníaca – 31, 78, 93, 94, 97-100, 125, 145, 166
- Desmorto, o – 90, 129
- Diabos, expulsando – 162
- Diabo, o – 162
- Diabólica – 30, 97, 98
- Divindades – 35, 93, 108, 139, 141, 145
 - da Morte – 18, 19, 24, 25, 29, 37, 38, 43, 82, 87, 90, 94, 117, 136, 139-145, 160
 - do Submundo – 34, 35, 86, 139, 141-144
- Doppelgangers – 37
- Dunwich, a assombração da Mansão – 55, 63, 129, 148, 156, 169, 170

E

- Emma, Dai, O – 140
- encantamento (...) para – 38, 60, 87, 101, 102, 109, 132, 135, 163
- Enterro prematuro – 35, 50, 118, 121, 126, 127, 142
- Ereshkigal – 140, 143
- Ervas – 36, 60, 110, 113-115, 135, 168
 - associadas a fantasmas – 113, 114
 - para conjurar e banir espíritos – 115
- Erva-de-são-joão – 105, 115
- Espelhos, cobrir – 121, 142
- Espírito – 11, 15, 17, 18, 21, 22, 24, 27-33, 38, 41-47, 54, 57, 60-64, 69, 70, 74, 77, 79-83, 86, 87, 90, 91, 93-97, 100-104, 108, 109, 114, 118, 121, 128, 135, 159-168, 173
 - feitiço que possibilita o contato com um – 102
 - como se livrar de um espírito indesejado – 31
- Espíritos – 11, 15, 17-19, 21-24, 26-28, 30, 32-34, 38-43, 51, 53, 60, 61, 63, 76-83, 85-87, 89, 91, 93-99, 102-110, 114, 115, 117-119, 121, 125, 128, 143, 144, 159-168
 - invocação de – 90, 95, 102, 114
 - incenso de invocação e banimento de espíritos – 110
 - amuletos para proteção contra espíritos malignos – 107
 - feitiços para proteger seu lar de espíritos malignos – 105
- Espiritual – 18, 24, 27, 31, 38-41, 43, 64, 77, 79-83, 88, 89, 93-96, 99, 105, 108, 147, 166, 167
 - possessão e canalização – 95
- Espiritualismo – 75, 76, 80, 85, 96
 - os primórdios do – 75
- Estacas de madeira – 127, 128, 130
- Estradas dirigindo, se em direções diferentes – 65, 117
- Evocação – 88, 101, 161, 162
 - encantamento – 60, 101, 102, 109, 132, 135

F

- Fantasmas – 11, 12, 14, 17-26, 29-31, 33-40, 44, 45, 47, 49, 55, 57, 59, 61, 62, 65, 66, 68, 73, 85, 87, 105, 107-109, 113, 114, 117, 119, 120, 125, 128, 136, 137, 142, 148, 150, 151, 154, 159, 161-166, 168
 - de natureza maligna – 30
 - ervas associadas a – 113, 114
 - busca por – 38, 64
 - de quatro patas – 29

e ectoplasma – 21
 e espíritos – 17, 18, 21, 26, 31, 38-40, 86, 98, 99, 107, 108, 166
 para compreender – 21
versus Espíritos – 22

Fe'e – 140
 Feitiços – 24, 32, 38, 91, 101, 104, 105, 113, 114, 127, 162, 163
 Feitiçaria – 32, 88, 101, 108, 109, 113, 117, 127
 Flores – 46, 71, 103, 108, 113, 114, 125, 136, 143

G

Giltine – 141
 Guias espirituais – 31, 43, 162

H

Hades – 141, 143
 Hel – 141
 Heret, Kau – 141
 Hine, Nui, Te, Po – 141, 142
 Histórias – 11, 13, 29, 45, 98, 117, 123, 125
 Hoodoo – 105, 106
 Hotéis – 12, 38
 Hunhau – 141

I

Ikae Ahau – 141
 Inferno – 22, 35, 139-141, 145
 Invocar a deusa – 78, 87, 89, 110, 135
 Isdes – 141
 Itonde – 141
 Ixtab – 141

J

Jardim, o – 63, 114
 Jaspe Verde – 107

K

Kala – 141
 Khemententi – 140
 Khemententiu – 142

L

Lasa – 142
 Libitina – 142
 Luz, a – 21, 23, 32, 39, 45, 48, 52, 58-61, 74, 79, 81-83, 96, 104, 125-128, 131, 136, 150, 167
 Lobisomem – 132-137, 167
 origem da lenda do – 133
 antigo feitiço para tornar-se um – 135
 para tornar-se um – 134, 135
 identificação de um – 136
 métodos para manter lobisomens afastados – 137
 Lobisomens, saber dos – 11, 107, 128, 132-137

M

Magia – 32, 34, 74, 85, 89, 91, 92, 105, 106, 109, 114, 115, 135, 157, 162, 164
 espiritual cigana – 108
 metamórfica – 135
 arbórea – 108
 Mágickos para conjurar e banir Espíritos, óleos – 32, 79, 87, 104, 106-108, 114,
 Mania – 142
 Medidas de precaução – 79
 Médiun espiritual, entrevista com um – 41, 95, 96, 147
 Merau – 142
 Métodos para – 127, 137
 afastar e destruir Vampiros – 127
 para manter Lobisomens afastados – 137
 Miclantecutli – 142
 Morrigan – 142
 Mors – 142
 Morta – 22, 27, 142, 159, 163
 Moses Day, a propriedade – 14, 51, 54, 55
 Mot – 142

N

- Na Ngutu – 143
 Naemia – 143
 Ndjambi – 143
 Necromancia – 85-92, 165
 negra – 45, 48, 63, 85, 90, 109, 113, 114, 141, 142, 162
 pode ser perigosa – 89
 branca – 81, 90, 101, 106, 131, 161
 Necromante, entrevista com um – 86-91, 102, 109, 165
 Necromânticas, as artes – 85, 88, 89, 165
 Néftis – 143
 Nehebkau – 143
 Nergal – 143
 Ninedinna – 143
 Noite, criaturas da – 11-14, 23, 24, 33, 34, 38, 44, 46-49, 51-55, 57-61, 63, 65, 68, 69, 71, 72, 74, 80, 102, 108, 114, 119, 120, 123-125, 127, 129, 130, 132-134, 141, 142, 144, 160
 Nomes para fantasma, outros – 44

O

- Obsessão – 22, 43, 51, 80, 96, 165
 espiritual – 18, 24, 27, 31, 38-41, 43, 64, 77, 79-83, 88-90, 93-96, 99, 105, 108, 147, 166, 167
 canalização espiritual e – 95
 Odin – 143
 Ogiuwu – 143
 Olho, terceiro – 37, 41, 48, 49, 66, 145
 Olíbano floresce, quando o – 79, 105, 110, 115
 Orcus – 143
 Ouija, tabuleiro – 24, 28, 76-80, 95, 96, 164, 166, 168
 Outras plantas – 114

P

- Parcial, influência – 96, 166
 Papoula, sementes de – 127
 Pater Noster – 100
 Pedra – 62, 107
 Pedras espirituais – 107
 Pentagrama, o – 39, 79, 87, 101, 102, 107, 129

- Perséfone – 143, 144
 Poltergeist – 23, 24, 32, 39, 44, 45, 47, 53, 71, 72, 96, 97, 164, 166, 167, 170
 exorcismo de – 97, 98
 fenômenos de – 23, 72
 Pontos frios – 24, 39
 Portais – 24, 38
 Possessão – 43, 78, 93-100, 164, 166
 Prata – 31, 39, 79, 107, 129, 137
 Proserpina – 142, 143
 Proteção durante o sono, bolsa da sorte para – 31, 34, 39, 44, 58, 60, 87, 93, 100, 105-107, 109, 131, 137

R

- Ran – 144
 Reencarnação – 43, 167
 Ritual – 32, 60, 61, 79, 86, 87, 91, 94, 98-100, 102, 103, 105, 110, 121, 128, 163, 164
 necessários os seguintes itens – 103
 Romanum, O Rituale – 98, 99
 Rudra – 144

S

- Samhain: noite dos mortos – 33, 34, 73, 103
 Savea Si'uelo – 144
 Seker – 144
 Sessão, na festa do pijama, a – 73
 Sessões espíritas e como conduzi, las – 80
 Sinos – 12, 87, 118, 119, 141
 Salomão, o selo de – 40, 87, 91, 105, 107, 163
 Sonhar com fantasma – 25, 26
 Sonhos, comunicação com os Espíritos pelos – 25, 27-29, 70, 74, 95, 109, 118, 159, 166
 Submundo, divindades da morte e do – 34, 35, 86, 139-145
 Sunnybrae, os espíritos de – 45-47, 49, 50
 Supay – 144
 Superstições, sobre fantasmas – 17, 26, 117, 119, 124

T

Ta'xet – 144
 Tanatos – 142, 144
 Tate – 144
 Telus – 144
 Temer, há algo a – 31, 79, 95
 Teoyaomqui – 144
 Terra Mater – 144
 Tia – 144
 Tokakami – 144
 Transe – 35, 36, 42, 62-64, 81, 83, 93-96, 143, 161, 164, 165, 167, 168
 Tuchulcha – 145
 Túmulo, abrir – 29, 62, 82, 97, 102, 114, 118, 121, 123, 124

V

Vampiro – 124-128, 130-132, 136
 Como tornar, se um – 126
 Vampiros – 11, 50, 123-132, 136, 157
 o saber cigano sobre – 126
 Psíquicos – 37, 41, 103, 130, 131, 163, 167
 psíquicos impotentes, feitiços para deixar – 131
 Vanth – 145
 Vassoura, lança – 72
 Vela de necromante, encantando uma – 109
 Vichana – 145
 Vodú – 88, 93, 104, 140

U

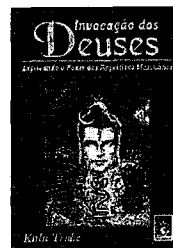
Uepuauet – 145

X

Xolotl – 145

Y

Yama – 145
 Yan, lo – 145
 Yum Cimil – 145

Leitura Recomendada**INVOCÇÃO DOS DEUSES**

Explorando o Poder dos Arquétipos Masculinos
Kala Trobe

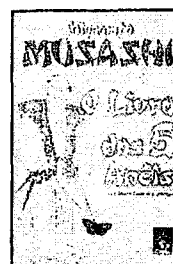
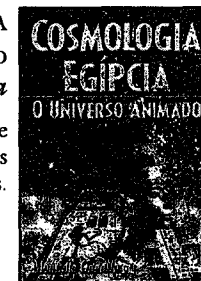
Invocção dos Deuses é uma obra que ensina como explorar o poder dos arquétipos masculinos, evocando as mais fortes energias dos deuses. Mais que para uma simples leitura, este livro serve como guia, que orienta o leitor para ativar uma ligação positiva e poderosa com quinze deuses de três segmentos diferentes: Hindu, Grego e Egípcio — com rituais de meditação e visualização para alcançar determinados objetivos.

COSMOLOGIA EGÍPCIA

O Universo Animado

Moustafa Gadalla

Cosmologia Egípcia — O Universo Animado é um convite ao leitor a ouvir e aprender com o tesouro de conhecimento permeado nas tradições dos povos Baladi, uma minoria silenciosa que segue as antigas tradições egípcias.

**LIVRO DOS CINCO ANÉIS, O**

O Clássico Guia de Estratégia

Miyamoto Musashi

Escrito no século XVII, este livro continua sendo referência para os homens de negócios e de marketing do Japão. É considerado um dos melhores guias psicológicos de estratégia, excelente para profissionais que precisam impor sua marca por meio de campanhas e táticas de vendas no competitivo mercado de hoje.

DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA

Elíphas Levi

Nesta obra, você toma contato com a magia em sua grandeza de ciência. O esclarecimento do obscuro, da conciliação e da paz. Um livro para os iniciados e para quem está ingressando no ocultismo, no misticismo ou em qualquer sociedade secreta.

